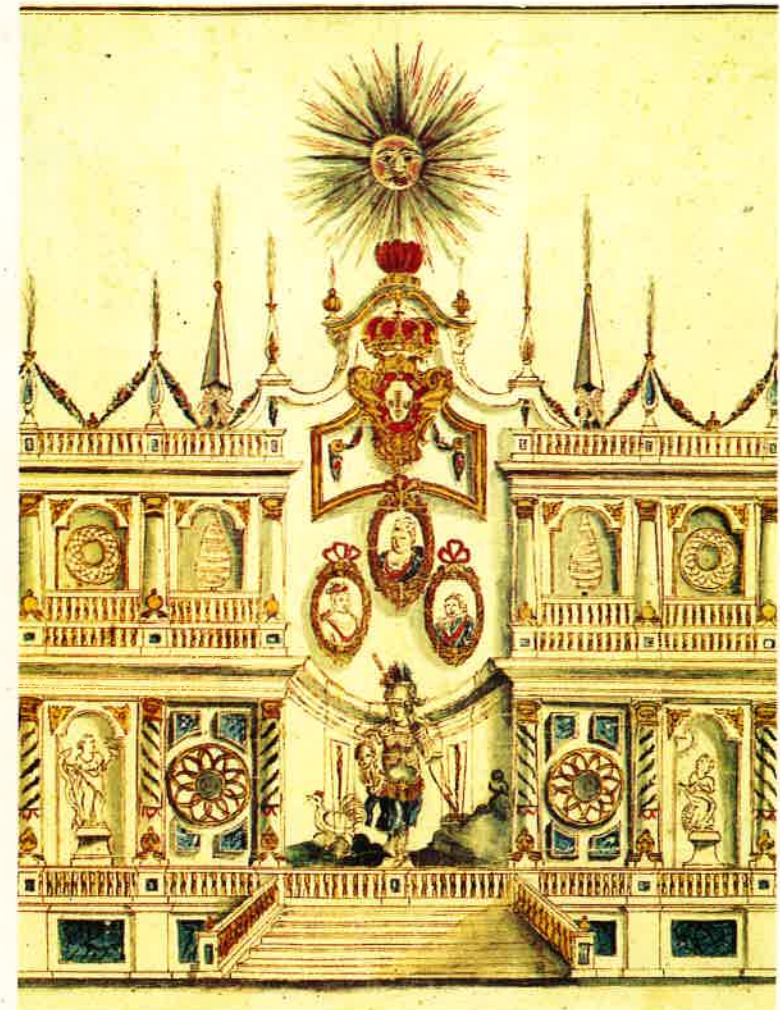


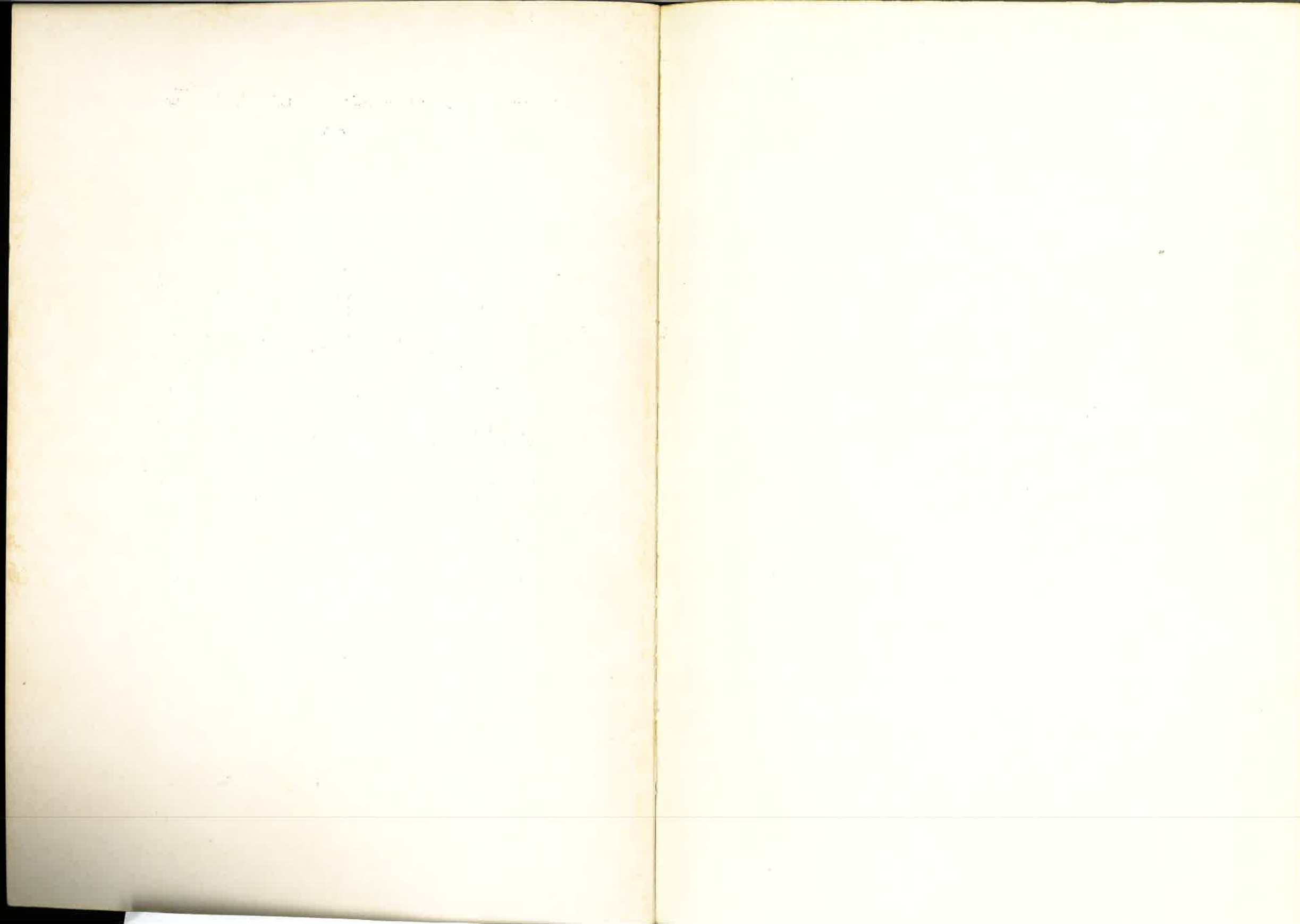
SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DA ARTE PORTUGUESA
XX XI



Lurdes Graveiro

MANUEL ALVES MACOMBOA

ARQUITECTO DA REFORMA POMBALINA
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



MANUEL ALVES MACOMBOA

ARQUITECTO DA REFORMA POMBALINA
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DA ARTE PORTUGUESA

XXXI

MANUEL ALVES MACOMBOA

ARQUITECTO DA REFORMA POMBALINA
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

por

Lurdes Craveiro



INSTITUTO DE HISTÓRIA DA ARTE
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1990

TÍTULO

MANUEL ALVES MACOMBOA

1.ª edição em português: Fevereiro 1990

Série — Subsídios para a História da Arte Portuguesa

ISBN 972-9309-01-9

AUTOR

Lurdes Craveiro

EDIÇÃO

Tiragem: 1 000 exemplares

Instituto de História da Arte

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

IMPRESA DE COIMBRA, L.DA

Largo de S. Salvador, 1-3 — 3000 Coimbra

Depósito Legal n.º 33070/89

NOTA PRÉVIA

A temática do presente trabalho insere-se no âmbito da Reforma Pombalina da Universidade de Coimbra, no tocante às obras que nela foram levadas a cabo.

Não é nosso propósito entrar nos meandros intrincados da problemática político-cultural que devassou o país com a chegada de Pombal ao poder e as conseqüentes repercussões no seio de uma elite intelectual que circulava na esfera da Universidade; tão pouco pretendemos escarpelizar as ligações entre a reforma dos Estudos, com o seu empenhamento simultâneo de modernização e corte radical e definitivo com um ensino cujas raízes mergulhavam na filosofia aristotélica (1), e a febre de construções que envolveu toda a Universidade e edifícios dela dependentes. Com efeito, se uma das grandes preocupações do todo poderoso ministro de D. José ia no sentido da reformulação do ensino e das universidades, o seu envolvimento nas obras da Universidade de Coimbra (2) denuncia o comprometimento político das mesmas.

Também não é nossa intenção desbravar inteiramente o imenso universo dessa odisseia construtiva que envolveu toda a Universidade a partir de 1772. A Reforma Pombalina trouxe então à Universidade um lugar de primeiro plano como estaleiro construtivo. A grande quantidade de mão-de-obra requerida pelos projectos de novos edifícios e remodelação dos antigos, vai permitir a dinamização artística local,

(1) A Junta de Providência Literária elabora, por mandato régio, um impiedoso libelo contra o tipo de ensino ministrado pelos jesuítas: *Compêndio Histórico do Estado da Universidade de Coimbra (1771)*, Coimbra, 1972.

(2) Basta ver a intensa troca de correspondência entre o marquês de Pombal e o Reformador Reitor D. Francisco de Lemos. O ministro não se limita a canalizar as necessárias e avultadas verbas absorvidas nessa política construtiva, emite pareceres, estabelece directrizes, aprova e desaprova projectos.

como chamará à cidade grande número de artífices e homens ligados às artes. É neste contexto que em 1773 chega a Coimbra o tenente-coronel Guilherme Elsdén (3) encarregado de fazer o risco dos principais edifícios, tornando-se o grande mentor do novo ideário arquitectónico ligado aos esquemas neoclássicos; o inglês transformava-se, assim, no veículo da tentativa encetada pelo marquês, de modernização e aproximação à Europa no campo da arquitectura (4).

Com Elsdén, chegaram a Coimbra inúmeros oficiais com a missão expressa de dar cumprimento à grande reforma que se preparava, trabalhando sob a orientação do engenheiro. Em redor das obras da Universidade se junta toda uma plêiade de artistas, uns locais, outros enviados de Lisboa, erguendo uma «nova» Universidade liberta do obscurantismo escolástico e encontrando a sua expressão nas linhas claras, definidas e vigorosas das fórmulas neoclássicas. E se esta gramática estilística não atingiu entre nós os níveis de aceitação e divulgação além-fronteiras, isso deve-se em grande parte à incompreensão e rejeição pelos nossos artistas desta arquitectura em que o calor e a emotividade se ausentaram. O núcleo das obras da Universidade de Coimbra, a partir de 1772, adquire, assim, verdadeira importância numa altura em que os esquemas barrocos persistiam em dominar encomendas e obras.

Sob a direcção de Elsdén, a política construtiva da Universidade ganha extraordinário incremento e se é dele a responsabilidade dos riscos, de edifícios da envergadura do Museu de História Natural e do Laboratório Químico, a outros artistas se devem atribuir projectos e obras não menos importantes na urgência da renovação das Escolas. Nem todos souberam assimilar totalmente o formulário neoclássico; muitos continuavam vinculados às formas barrocas, a maior parte simples executantes de ordens emanadas superiormente.

Neste universo imenso que a Universidade faz girar à sua volta desenham-se com certa nitidez as linhas mestras, os contornos. No que concerne à história da arte, no âmago da Reforma Pombalina na Universidade de Coimbra, muito está ainda por fazer. São des-

(3) Manuel Lopes de Almeida, *Documentos da Reforma Pombalina*, vol. I, Coimbra, 1937, Doc. LI, pp. 80-82.

(4) B.G.U.C. — Ms. 3083/3084; *Riscos das Obras da Universidade de Coimbra*, Museu Nacional de Machado de Castro, Coimbra, 1983.

conhecidos ou vagamente conhecidos os homens que trabalharam no complexo das obras da Universidade, de muitos se ignoram os ideais frustrados ou coroados, a sua evolução artística, quem foram e o que fizeram no desafio da competência e da concorrência.

Se os nomes de Guilherme Elsdén, José Carlos Magne ou José do Couto já não constituem surpresa, a maior parte dos artistas que levantam e remodelam as construções, desde o arquitecto ao simples lavrante, permanecem ainda na obscuridade, esperando o levantamento cuidadoso e sistemático da documentação.

A nossa finalidade, é tão só dar a conhecer a obra de um artista que se manteve ao serviço da Universidade durante mais de três décadas, avaliando custos, emitindo pareceres, dirigindo e fiscalizando obras, fazendo desenhos e projectos, fornecendo apontamentos. O papel de relevo que Manuel Alves Macombo desempenhou nas obras da Universidade no último quartel do século XVIII e princípios do século XIX, merece e sobejamente justifica esta monografia.

CAPÍTULO I

MANUEL ALVES MACOMBOA E AS OBRAS DA REFORMA POMBALINA

É como mestre carpinteiro que Macomboia é tirado das obras públicas de Lisboa e em 1773 enviado pelo marquês para as obras da Universidade (5).

De facto, logo na semana de 16 de Outubro de 1773, Macomboia aparece nas folhas de pagamento das obras da Universidade, à frente dos carpinteiros que trabalhavam no edifício da Imprensa, a vencer 600 reis diários (6), conforme determinação do próprio marquês.

Começavam a decorrer as grandes obras de remodelação do Paço das Escolas e as necessárias adaptações do complexo de dominação jesuítica para o seio da Universidade; levantavam-se os novos edifícios do Laboratório Químico, do Museu de História Natural, o Observatório Astronómico; incorporava-se no primeiro andar do claustro e zonas anexas da actual Sé Velha a imprensa universitária; arranjavam-se as casas de habitação que a Universidade tinha de renda e outras dependências como as casas de açougue da carne e do peixe, delineava-se o Jardim Botânico, reparavam-se as igrejas do padroado da Universidade...

De uma maneira ou de outra, Macomboia será chamado a intervir em todas estas construções, tendo ainda à sua responsabilidade a inspecção das obras do Real Mosteiro de Santa Clara de Coimbra. De facto, a diversidade das suas funções e encargos é surpreendente. Se chega à cidade universitária como mestre carpinteiro, logo a partir de 1777, acumula, por morte do mestre pedreiro Eusébio Vicente Valido, esse cargo, e aquando do desaparecimento de Elsdén, assume, a partir de 1782, a responsabilidade das funções de arquitecto (Doc. I e II).

(5) M. Lopes de Almeida, *Ob. cit.*, Doc. LXII, pp. 99-100.

(6) A.U.C. — *Universidade de Coimbra — Obras*, Cx. 12.

Desde logo, no centro nevrálgico da Universidade se impunham as obras, elaborando-se os projectos tendentes à reestruturação do núcleo universitário. Alguns deles não terão seguimento, como é o caso da projectada livraria que ficaria paralela à capela de S. Miguel; o que não oferece dúvidas, é que, no recinto da velha Universidade, as obras decorriam com intensidade, embora a ritmos variáveis. Formou-se a chamada Via Latina, arranjaram-se as salas de aulas, modificaram-se dependências, criaram-se outras novas, substituíram-se tectos, etc., etc.

Também a capela da Universidade não podia deixar de ser alvo de melhoramentos, e, logo após a sua chegada a Coimbra, Macomboia se mantém nela ocupado (7). Em 31 de Janeiro de 1778 recebe seis mil reis pelo trabalho do ano anterior de pôr e tirar as armações (8) relativas às obras e, em 1780, paga-se a sua ida ao porto de Lavos para ver a madeira que devia ser usada nas portas da capela (9). Seria também dele a direcção das obras a decorrer no coro; em 1782 o empreiteiro António Baptista fez a tribuna real, obra que depois foi analisada pelo administrador da Universidade pedindo para tal o parecer de Macomboia que foi favorável (10); em Fevereiro de 1784 avalia os trabalhos quase findos nos doutorais da capela, cuja responsabilidade seria igualmente sua (11). A partir desta data, as obras que se fazem para a capela continuam praticamente só de carpintaria (12).

(7) Em 14 de Outubro de 1775 recebe 12\$000 reis pelo trabalho de tirar as armações da capela nos dois anos anteriores, A.U.C., *Receita e Despesa*, L. 1, fl. 173.

(8) A.U.C. — *Livro de Receita e Despesa da Universidade, 1778-1779*.

(9) A.U.C. — *Administração e Contabilidade — Obras*.

(10) A.U.C. — *Capela da Universidade — Obras*, Cx. Doc. avulsos.

(11) Pedro Dias, *Os Doutorais e o Cadeiral da Capela da Universidade de Coimbra*, «Mundo da Arte», n.º 14, Coimbra, 1983.

(12) Em 20 de Março de 1784, Macomboia escreve ao administrador sobre o trono portátil da capela (Doc. III); em 31 de Julho, mandava pagar aos carpinteiros pelo trabalho de colocarem na capela, oito painéis de pintura alusivos a S. Francisco de Borja, por ordem do Senhor Principal Castro: A.U.C. — *Administração e Contabilidade — Obras*; ainda em 1 de Setembro, os mestres carpinteiros António Gonçalves e José da Silva Rocha, remataram por 65\$000 reis «a vista de risco declaracoens escritas neste e outras q em semelhantes e proprias declaracoens feitas sobre a obra

Para fazer uma ideia do quantitativo das obras a decorrer por esta altura na Universidade, basta olhar do pátio para o corpo que dá seguimento à capela, onde se encontra o portal que ostenta a data de 1780 (Fot. 1), continuando depois pela Via Latina. Se a documentação nos dá conta da presença e dos nomes de muitos artistas que trabalham na Universidade, já é mais difícil detectar e atribuir zonas de responsabilidade demarcada.

Macomboia não ficou alheio a esta imensa remodelação. Em Setembro de 1777 dirige as obras para as acomodações das carruagens do Reformador D. Francisco de Lemos, trabalhando com ele, 11 carpinteiros, 3 aprendizes e 3 oficiais; ao mesmo tempo as cavaliças da Universidade eram também arranjadas (13). Em Abril de 1779 tinha acabado uma obra nas casas da Junta e secretaria que tomou de empreitada gastando nela 35 semanas (Doc. IV); em Julho do mesmo ano recebeu, pela parte da casa da secretaria que fez no fim do corredor da Via Latina, 4.600 reis (14). No dia 17 de Junho, Macomboia contrata com o carpinteiro empreiteiro Francisco de Barros, a feitura de diversas obras que faltavam ainda aprontar nas cavaliças da Universidade (15).

Em 25 de Janeiro de 1784, o mestre carpinteiro António Baptista Freire contratou com a Universidade a rematação da obra da cobertura e madeiramento do telhado das novas cozinhas do paço reitoral segundo os apontamentos fornecidos pelo mestre Macomboia que passa a dirigir as obras (16).

No mesmo ano de 1784, em Abril, confere os trabalhos de estuques, efectuados pelo pedreiro Teotónio da Silva nas salas do Palácio Reitoral (Doc. V). Em Junho, dirige obras na Universidade para

*de oito molduras q se mandão fazer p^a os 8 paineis q se achão nas paredes da Rial Capela da d^a Universidade»: A.U.C. — *Livro de Contas das obras da Universidade*, fl. 18, Universidade de Coimbra-Obras, Dep. IV, S. 1.^aE, Est. 10, Tab. 1, N.º 20; no dia 3 de Setembro de 1798, o serralheiro Pedro Leal remata a obra de «*Escapolas de ferro com suas rondanas p^a os Paineis da Capela. Concluiu a obra no dia 15 de Setembro e está della pago*»: A.U.C., Idem, fl. 18/v.*

(13) A.U.C., *Administração e Contabilidade — Obras*.

(14) A.U.C., Idem.

(15) A.U.C., Idem.

(16) A.U.C., *Universidade — Obras*, Cx. 11, doc. avulso; em 19 de Junho, ocupavam-se nestes trabalhos treze homens: A.U.C., *Administração e Contabilidade — Obras*.

«a nova comua para uzo da Junta da Fazenda» em que se ocupavam 11 (onze) trabalhadores (17). Em Outubro, passa nota de pagamento a José Francisco Birra pelos cachorros e degraus que fez para os doutorais da aula de Cânones (18) e no mesmo mês faz a conta da empreitada das obras de carpintaria na contadoria e casa do cartório por Manuel de Moraes (19).

Nos anos seguintes continuará a orientar as pequenas obras que se fazem na Universidade contribuindo com desenhos da mais variada complexidade (20). O mais interessante é o conjunto que se encontra na Biblioteca Geral da Universidade (Fot. 2 e 3), assinado e datado de Fevereiro de 1800 referente à remodelação que se pretendia efectuar na ala contígua à capela, num esquema em que a funcionalidade é a sua primeira preocupação.

Posteriormente a esta data, vamos ainda encontrar mais alguns trabalhos em que Macomboia se mantém ocupado no recinto da velha Universidade (21), mas serão trabalhos de pequena envergadura, já porque as obras que se faziam eram pouco significativas, já porque a sua idade avançada lhe não permitia o vigor e os cuidados anteriores.

Deixámos para o fim a mais bem documentada obra de Macomboia na Universidade, pelo facto de ter gerado alguma polémica e ter sido motivo de preocupações para o mestre. Referimo-nos à empreitada levada a cabo no plano baixo dos Gerais da Universidade, segundo programas de reformulação que não são da responsabilidade de Macomboia.

Em Maio de 1778, trabalhava-se já na planta baixa dos Paços da Universidade dado que nessa altura Macomboia recebe o pagamento

(17) A.U.C., *Livro de Administração e Contabilidade — Obras, 1783-1784*.

(18) A.U.C., *Idem*.

(19) A.U.C., *Idem*.

(20) Em 27 de Julho de 1798 o serralheiro Pedro Leal remata a feitura de aros de ferro para «*sertas Estantes da Livraria Geral requeridos pelo Lente respectivo...*» e Macomboia faz um desenho das medidas que devem ter os ferros; no mesmo ano, em Dezembro, faz esboços de dois «*Armarios em 2 corpos dentro no vaõ de huma janella...*»: A.U.C., *Livro de Contas das Obras da Universidade*, fl. 16/v e 20, Universidade de Coimbra — *Obras*, Dep. IV, S. 1ªE, Est. 10, Tab. 1, N.º 20.

(21) Data de 27 de Junho de 1805, o pagamento ao mestre Manuel Alves Macomboia de «*noventa sete mil e dez reis em moeda metalica... quantia que de ordem do Illmo e Rmo Snr Reitor despendero com o limpar e aceio do pateo dos Paços Reaes das Escollas...*»: A.U.C. — *Universidade — Receita e Despesa*, L.º 11, fl. 162.

da sua obra aí efectuada e continuará a receber pelo menos até Setembro (22).

A responsabilidade de Manuel Alves Macomboia nesta empreitada refere-a ele próprio numa carta autógrafa ao Reformador Reitor, em Agosto de 1778: «*...comfeco ser verdade ajutei com o Illmo e Rmo Snr Bº Reformador e Reitor desta Universidade por preço serto de coatro mil cruzados toda a obra de maus de Pedrº e Carprº q emclue o mapa e planta q me foi mostrada plº dº Snr por quem deve ser assignada com as condicois seguintes: q a sobredita coantia me seria dada em purçois de cada semana qinze modas de coatro mil e oito sentos ate com efeito ter completado a dª obra; como tambem da caza da obra me seria dada toda a coalidade de instormentos e feramentas como saõ cordas grandes e pequenas baldes caneqas tinas pipas padiollas coches piqaretas alabanqas escoporos e ponteiros bacouras e o mais se costuma dar em obra feita de maus. ficando por mª conta o conserto de todas as sobreditas durante a dª obra; pª a coal farei condozir a mª custa toda a madeira q pª os andames ouver di vir dos armazeis do Museu.*

Sendo obrigado a dar de todo acabada aquella purçaõ q vai da escada nova q tem entrada nos Gerais ate ser completa a parte q ade ser secartaria com huma caza q se faz no lugar donde esta o pasadiço avendo de continuar no restante da dª obra e acabada ao fim deste anno cuja obra he composta de paredes novas desmanchos de muitas velhas, portais e jenellas metedicos com todo o asento de pedraria q não for lagedo ou lezonia, q este ade ser por conta de quem fizer a dª pedª, frontais tabiqes simalhas curvadas pª estuqes e asim fasqueados todos os tetos q não forem abobedas e alguns canbutiados donde forem nesesarios. não devendo inpugnar ou deixar de fazer debaixo desta mesma comdição coalqer couza q dentro no mesmo mapa de nesesidade se mudar ou transferir ou secar armarios ou portas; pois q debaixo desta palavra acabar fico obrigado a fazer coanto de nesesidade e Justiça for neseario; e fico entendido eide fazer todas as portas Jenellas comsuas vidracas donde me forem apontados nas frentes e devizois q emclui a dª planta com todos

(22) A.U.C. — *Livro de Receita e Despesa da Universidade, 1778/1779*, fl. 32, 36; no dia 5 de Setembro entregam-se 184\$000 reis «*a Manoel Alvarez e José Carvalho impreiteiros da obra que se faz no primeiro plano do claustro da Universidade...*», A.U.C., *Idem*, fl. 24.

os seus vigamentos solhos; e linpezas de emtulhos e dezentulhos q a d^o obra de si lançar e carecer. *Ml Alz Macombo*» (23).

Continuará a receber nos princípios de 1779 (24) mas o principal da obra estaria acabado nos finais de 1778, já que em 26 de Janeiro de 1779 recebe dezasseis mil reis «do resto da quantia de hum conto seis centos mil reis por que ajustou o primeiro risco e execução na forma delle da empreitada da obra que se fez no primeiro plano de claustros destes Paços da Universidade emquanto a obra de carpinteiros e de pedreiros fora o custo das pedrarias e materiaes e os acrescentamentos que a mesma obra depois do primeiro ajuste foi tendo. De como recebo o dito empreiteiro com este pequeno resto toda a importancia de seu ajuste assignou comigo este termo. *Mel Alz Macombo, Luis José Foucault*» (25). Sob a sua direcção, os trabalhos continuarão a alargar-se. A 27 de Março de 1779 recebe cem mil reis «por conta dos acrescentamentos da obra que teve na sua empreitada da obra dos concertos e reformas de padaria repartimentos tectos, etc. no claustro do plano baixo dos Paços da Universidade. De como recebeu o dito Mestre assignou comigo. *Mel Alz Macombo*» (26) e continuará a receber até Outubro (27).

É a propósito da medição da empreitada de Macombo que surgem as desinteligências que põem o mestre em difícil posição económica. Efectivamente, em Maio de 1779, João Ferreira Quaresma e José Francisco, dois dos quatro louvados por parte da Universidade, requerem o pagamento das suas medições, «as hobras que se andão fazendo nesta Universidade, as que se acrescentarão demais do ajuste que o dito (Macombo) tinha obrigação de fazer... pello huzo e costumes das medisois tem os supptes. hum por sento, e pagarensse os seus Dias que gastaroo na

(23) A.U.C. — Universidade de Coimbra — Obras, Dep. IV, S. 1^a E, Est. 10, Tab. 1, N.º 21, doc. avulso.

(24) Recebe a 14 e 25 de Janeiro: A.U.C., Livro de Receita e Despesa da Universidade, 1778-1779, fl. 85 e 87.

(25) A.U.C., Idem, fl. 89.

(26) A.U.C., Idem, fl. 91.

(27) No dia 1 de Junho, recebe 143\$435 reis: A.U.C., Idem, fl. 103; no dia 7 de Agosto, 106\$565 reis pela continuação dos acrescentos que incluíam as salas para a Junta da Fazenda e o Conselho dos Decanos: A.U.C., Idem, fl. 115; em Outubro mais 220\$000 reis ainda pelo mesmo motivo: A.U.C., Idem, fl. 127.

emzicusão da dita medição, e como são pessoas pobres e precizão do que tem ganhado» (28).

Os quatro louvados pela Universidade, João Ferreira Quaresma, António Jacinto, ambos carpinteiros, José Francisco Botas e Luis Francisco, mestres pedreiros (29), avaliam o trabalho de Macombo em 530.211 reis (30). O architecto José Carlos Magne irá rever esta medição achando os preços atribuídos pelos louvados demasiadamente altos; depois de uma relação exaustiva das obras executadas por Macombo que incluíam trabalhos na casa do cartório da secretaria e no corredor que lhe dava acesso, na casa do cofre, na casa da Fazenda, na passagem para o claustro, na casa do cartório, numa porta para a igreja, no eirado e em duas salas de aulas, avalia o trabalho do empreiteiro (depois de descontadas as obras que este deveria ter efectuado e não fez) em 243.435 reis (31). A diferença importava em 286.776 reis e era por demais elevada para não gerar celeuma. O contador geral Luis José Foucault virá dizer que, «Esta Medição não se pode liquidar sem primeiro se accordar por qual das duas avaliações se deve estar, se pela de José Carlos Magn se pela dos quatro Medidores a este fim nomeados por parte desta Junta e do Empreiteiro; P^a se proceder com segurança visto José Carlos ter avaliado por menos de metade da importancia porque os medidores julgarao devia ser paga a obra do Empreiteiro, parece-me sobre a medição do dito José Carlos deverem responder os medidores e o Empreiteiro interessado, pagando-se a este com diminuição de cem mil reis que por conta desta obra de accrescimo já recebo o que resta p^a completar os duzentos quarenta tres mil quatro centos trinta cinco reis sobre que não versa duvida. O Contador Gal. Luis José Foucault» (32). A Junta dará o seu aval quanto ao pagamento a Macombo da quantia de 143.435 reis «e sobre a medição reformada por José Carlos Magn respondão o dito Empreiteiro e os Medidores primeiros» (33). Estes respondem em 12 de Junho justificando a sua avaliação e «arbitrio q fizemos, porq tudo foi conforme a nossa con-

(28) A.U.C. — Universidade de Coimbra — Obras, Dep. IV, S. 1^a E, Est. 10, Tab. 1, N.º 21, doc. avulso.

(29) A.U.C., Idem.

(30) A.U.C., Idem.

(31) A.U.C., Idem.

(32) A.U.C., Idem.

(33) A.U.C., Idem.

ciencia nos dictou, ...p^a lhe darmos justo vallor attendemos á quantidade, e perfeição da obra, sendo feita com officiais apenados em tempo de Inverno com faltas q sabemos ouve de pedrarias com continuada pressa, e distancia de aviamentos, e movimentos de pedra, entulhos, por conta delle Empreiteiro.

E nos admiramos das muntas e excessivas emendas q fez o sobre-dito Jozé Carlos, quanto hé certo, q em sua prezença forão pello empreiteiro accusadas as porsois de obra q excedia ao Risco e pello sobredito confirmadas, das quais muntas se colhiaõ do Risco, q nos foi presente... o sobredito Jozé Carlos não dá razão alguma que convença, e somente diminuhio, cortou... o que bem lhe pareceo, o q da mesma sorte podia fazer qualquer outro homem, sem mais inteligencia...» (34); e acabam, acusando o architecto de ter «alguma paixão contraria ao Empreiteiro» (35). Mais significativa e esclarecedora é a resposta do próprio Macomboia que vale a pena transcrever na íntegra: «Sendo a resposta dos medidores dada em dia de Junta em q não tive tempo p^a o aserto daver pr^a resposta o faco agora sobre a gde. diferenca q Jozé Carrellos fes das avaluacois e medicois dos 4 louvados.

Eu não acuzei mais parcelas de obra do q as q eixederaõ ao pr^o contrato sendo feito sobre sertas parcellas de obra q V.^a Ex.^a representou se deviaõ fazer nos baichos das aulas desta Universidade. Sendo o risco p^a a nova obra hum Mapa dos antigos comudos e no mesmo algumas couzas deliniadas p^a o muderno. Sem especado de seus emtriores q se não podiaõ penetrar. Mas lenbrando-ce V.^a Ex.^a em todo o discurso da obra do q melhor se devia fazer assim se executou em utilidade da mesma o q não era Justo empugnar. Sendo conforme a contade de V.^a Ex.^a satisfazer o exceco q rezultace sendo o demolir e tornar a fazer o pavimento daquella aula oje teto do novo cartorio huma avultada despeza da qual com outras muitas Jozé Carrellos não fas menção, talvez esqecido de q foraõ avaluadas pelos louvados depois de algumas duvidas q V.^a Ex.^a em favor da verdade e meu asim lho driminou. Avendo contra mim ainda por esqecimento dos medidores a adicaõ de 17 bandeiras q se fize-raõ firmes sendo pr^o feitas de vidraca q se perderaõ com meu preiuzo de 20\$400 r. alem de toda a remataçaõ do azulejo q me não pertencia na forma de coalqer contrato visto não ser posto em seu lugar a tempo

(34) A.U.C., Idem.

(35) A.U.C., Idem.

oportuno em q entaõ se fazia sem segunda despeza contra mim de 14\$985r. Não avendo tanbem lenbranca de q muitas e muitas vezes por falta de carros q o Inverno empedia mandei o Castellõs comduzir a minha custa com avultadas despezas gde. coantidade de tigollo p^a asim satisfazer ao empenho q na brevidade da obra V.^a Ex.^a tinha. Não lembrando tanbem que q as continuadas ordens a suspender o estrondo q os officiais faziam aos lentes e aulas redundo em meu gravissimo periuzo. o que somente V.^a Ex.^a e mais Snr saberaõ atender.

Coanto a Jozé Carrellos dizer q o preco de 1250 r. a braca de parede rebocada e guarneçada e em obra desta coalidade he cara digo que elle a tem dado em tosço e pouco levantada do xaõ a 800r. q coando for acabada vira pello mesmo avendo na prefeicaõ da obra muita diferença e sendo esta com os emtulhos e dezentulhos por conta desta Universidade e aquella pl^a m^a com todas as arremacois de pedras e tudo o mais q ia não lenbra depois da obra feita.

Alem de q Jozé Carrellos foi consultado antes da obra feita p^a que na primeira ideia dicece por coanto se podiria fazer de empreitada e depois de sobre o seu justo valor discorer dice q se a fizecem por sinco mil cruzados q se podia dar e agora depois q acrecentando dis q valle menos.

Com q a vista destas verdades q alego e do q dizem do valor desta obra coatro louvados V.^a Ex.^a e mais Snrs com o ajustado espirito de Justica que profecaõ se dignem pello amor de Deos atender ao supplicante livrando-o do grande preiuzo q lhe resulta daquella diferenca e ainda da vexacaõ da demora q redunde em gravissimo preiuzo dos q trabalharaõ na sobredita obra. E R. M.» (36). Em Outubro ainda não tinha sido totalmente pago e voltará a queixar-se de uma situação que considera injusta: «... o supplicante tem exposto as rezois p^a se lhe pagar o q Justamente se lhe deve da obra q excedeu a empreitada q q tomou. Se p^a se lhe pagar não bastaõ as provas das vestorias e dos louvados e patentes rezois com q estes Justificaraõ os seus arbitrios p^a convencer o simples dito de hum so Homem q com sinistra intencaõ o empugna sem dar fundamento ou rezaõ alguma sua zoria das mutilacois q fas na obra.

P. o supplicante com verdade com Justica e equidade a demitaõ a outros mais louvados todos quantos V.^a Ex.^a e mais Snrs, detriminare

(36) A.U.C., Idem.

e ouver nista sidade profecores de obras e q conhecaõ o estado antigo da de q se trata e a vista de seus arbitrios e verdade mais que patente se dignar V^a Ex^a e mais Snrs mandar lhe completar o pagamento de q he digno o trabalho e despeza q o supplicante fes na dita obra» (37). A Junta concede-lhe finalmente, «duzentos e vinte reis pelo resto da obra de sua empreitada e pelo tempo que servio simultaneamente como Mestre das mais obras da Universidade. Coimbra em Junta de 9 de outubro de 1779» (38). Ainda em Novembro de 1779 os louvados reclamam o pagamento da medição que haviam feito nas obras «do acrescentamento, que o Mestre Manuel Alves ... tomou por empreitada, da Junta, Thezouraria, Contadoria, Conselho, e Secretaria, e toda a mais destas annexas, e no mmo. tempo feitas...» (39).

Os trabalhos continuariam a decorrer nessa zona e em princípios de 1781, Macomboia avalia «obras de cautaria q arrematou o empreiteiro Joze Carvalho respectivas ás obras da Junta, do Claustro dos Geraes, do Concelho dos decanos, e da Sacretaria, Capella e Portal da entrada» (40).

Existe no Museu Nacional de Machado de Castro um desenho de arquitectura alusivo a esta empreitada, que não teve continuidade (Fot. 4), dado que a obra foi embargada como o próprio Macomboia refere nas costas do mesmo desenho: «Universidade. Projecto q não teve efeito mandado fazer pelo Snr Bispo coando Reitor, eu Macomboia lhe embaraci a factura desta obra por conselho purdente q o d^o Snr abra-

(37) A.U.C., Universidade de Coimbra — Obras, Dep. IV, S. 1^aE, Est. 10, Tab. 1, N.º 20, doc. avulso.

(38) A.U.C., Idem.

(39) A.U.C., Idem. José Carlos Magne instado a pronunciar-se, dirá que as medições feitas, englobaram indevidamente as obras constantes no risco e as que acresceram, «e isto por preços exorbitantes contrarios aos estilos desta Cidade que nesta pte. he mais comoda que outra alguma do Reino; donde se conclue que se se atendece a medição, e os preços q o supte. arbitrou ficaria a Universidade prejudicada em mais de 300.000 reis excessso conluido ainda pelo mesmo Empreiteiro; e por emseguinte semelhante medição deve ser desprezada por nulla. V.V.S.S. mandaraõ o que forem servidos. Coimbra 4 de Dezembro de 1779. Jose Carlos Magne»: A.U.C., Idem.

(40) A.U.C. — Universidade de Coimbra — Obras, Dep. IV, S. 1^aE, Est. 10, Tab. 1, N.º 18, doc. avulso. Há uma primeira avaliação em 29 de Fevereiro de 1780, para a qual Macomboia faz a «conta da pedraria q se achou lavrada e tosqa coalidade de Otil da q tinha ajustado o me. cant^o p^a o pr^o e seg^o plano da Clastra q não teve efeito...»: A.U.C., Idem; faz uma outra avaliação a 20 de Janeiro de 1781 e uma última a 28 do mesmo mês e ano: A.U.C., Idem.

sou». Em 1798, ainda as obras não estavam aí totalmente prontas, procedendo-se a trabalhos de ferragens (Doc. VI). O mestre tornava-se um elo fundamental na cadeia obreira universitária.

2 — O ANTIGO COMPLEXO COLEGIAL DA COMPANHIA DE JESUS

Um outro conjunto a reestruturar, constituindo preocupação do Marquês e do Reitor D. Francisco de Lemos, era a parte dos colégios pertencentes à Companhia de Jesus, proscrita em 1759. A 14 de Outubro de 1772, Pombal dá ordem para que a igreja, a sacristia e dependências anexas ao ângulo sudoeste do edifício, como o claustro e a frontaria sul, passem ao Cabido (41). Quanto ao resto do edifício, logo a 16 do mesmo mês e ano, o ministro passa «Provizão... pela qual unio, e incorporou no perpetuo Dominio da mesma Universidade as Porçoens do Collegio jesuítico vago, descriptas nas Cartas Topograficas juntas, para nellas se estabeçêrem: O Dispensario Pharmaceutico: O Laboratorio Chymico: O Theatro Anatomico: A salla das Operaçoens Chirurgicas: A convalescença dos Enfermos: Os amplos Vazos competentes para nelles se estabeçêrem os Gabinetes da Historia Natural: E outro Vazo para os Gabinetes das Machinas applicadas às Licçoens, e às Demonstraçoens da Fysica Experimental» (42). Ainda no mesmo dia de 16 de Outubro, se passa a «Provizão do mesmo Marquez ... por que restituio in integrum a Mocidade Nobre esbulhada pela cruel cubiça jesuítica da Posse do Real Collegio das Artes, e Humanidades da Universidade de Coimbra, incorporando-o nella, e determinando-o para a Educação da Mocidade Nobre, e Civil das Provincias da Beira Tras dos Montes, Minho, e Partido do Porto. E vai junta a Carta Topografica do Terreno do mesmo Collegio (43).

Preparava-se, portanto, a reviravolta no complexo de dominação jesuítica, tendente a um ensino prático e experimental ao mesmo tempo que se pretendia a formação de uma nobreza menos tradicional e mais receptiva aos valores modernos.

(41) Vergílio Correia e Nogueira Gonçalves, *Inventário Artístico de Portugal — Cidade de Coimbra*, Lisboa, 1947, p. 108.

(42) B.G.U.C. — Ms. 3083.

(43) Idem.

O conjunto de plantas destes edifícios, elaboradas em 1772 (44), por G. Elsdén e pelos oficiais ajudantes virá a ter execução muito rapidamente. Em 30 de Junho de 1773, estava a funcionar o Gabinete de Física Experimental sob a direcção do Doutor Dalla Bella (45). Por outro lado, o Dr. Domingos Vandelli trabalhava, nesse mesmo ano, na formação do Museu de História Natural (46); o Teatro Anatómico estava a funcionar em princípios de 1774 (47) e o Hospital estaria acabado em 1775 (48). De facto, as obras foram submetidas a um ritmo intenso. Já em Janeiro de 1774, D. Francisco de Lemos dava conta ao marquês «do grande adiantamento dos edifícios destinados aos estudos da História Natural, da Física Experimental, do Dispensatório Farmacêutico, do Laboratório Químico e do Observatório Astronómico» (49). Em 2 de Agosto de 1775 o ministro pressionava o reitor para «se concluirem os Estabelecimentos tão uteis como indispensaveis; do Hospital dos Enfermos; do Musêo; do Laboratorio Chymico; e Real Collegio das Artes; de tal sorte que os Estudos que lhe são relativos, tem delles huma isseparavel dependencia» (50).

Finalmente, nos finais de 1775, o principal das obras estaria acabado e o marquês não esconde a sua satisfação ao reitor: «Recebi com a carta de V. Ex.^a datada de 19 de Outubro proximo precedente a agra-

(44) Salvo a planta do Laboratório Químico, pois em 12 de Fevereiro escrevia ao Reitor o Marquês: «Fica poreo ainda aqui a Planta do Laboratorio Chymico, que foi necessario formar-se pelo modelo, que o Dr. José Francisco Leal trouxe por ordem minha da Côte de Vienna de Austria; havendo Eu conhecido, que o Paiz de Alemanha he aquelle, em que a referida Arte tem chegado ao gráo da mayor perfeição»: M. Lopes de Almeida, *Ob. cit.*, doc. XLV, pp. 70-71.

(45) M. Lopes de Almeida, *Ob. cit.*, doc. LVII, pp. 90-91.

(46) Idem, *Ibidem*, doc. LI, pp. 80-82.

(47) Idem, *Ibidem*, doc. LXXXVIII, p. 139.

(48) Também nas instalações do Colégio da extinta Companhia de Jesus, este hospital vinha substituir o antigo Hospital Real ou de Nossa Senhora da Conceição que é suprimido pela Reforma Pombalina. «As provisões do marquês de Pombal de 21 de Outubro de 1772, ordenavam que as rendas do hospital transitassem para a junta da fazenda da Universidade e que os doentes fossem transportados para o novo da Alta, e ainda que se procedesse à venda em hasta pública do edificio do hospital velho. Apesar destas provisões e das de 1774, a passagem só se fez em 1779, no dia 19 de Março, e a venda em 1790»: V. Correia e Nogueira Gonçalves, *Ob. cit.*, p. 157.

(49) Joaquim Ferreira Gomes, *A Reforma Pombalina da Universidade (Nótula Comemorativa)*, Sep. da «Revista Portuguesa de Pedagogia», Coimbra, 1972, p. 50.

(50) M. Lopes de Almeida, *Ob. cit.*, doc. CXVII, p. 208.

davel noticia de se acharem de todo acabados os Novos Edifícios do Musêo, do Laboratorio, e do Hospital; e de se haver de principiar já neste novo (ano) Academico a fazer nelles as Liçoens, e experiencias respectivas a cada hum dos estabelecimentos» (51).

Estando o fundamental acabado nesta data, dando cumprimento à urgência do começo das aulas (52), as pequenas obras continuaram, sobretudo ligadas aos trabalhos de carpintaria para o preenchimento interno dos edifícios (53) e naturalmente às obras de acabamento que se impunham a suscitar as empreitadas (54). Entre os muitos mestres que aqui trabalharam, a demarcação rigorosa entre as várias empreitadas continua a ser difícil. Macomboia será chamado a intervir no âmbito de todos estes edifícios, colaborando de forma variada.

E nas obras que continuavam depois de 1775 vamos ainda encontrá-lo a trabalhar no Laboratório Químico (55), a maior parte das vezes, ora calculando despesas e fornecendo apontamentos das obras de pedraria como «em o tapamento da porta q tem tido uzo por dentro do Laburatorio Quimico p^a a serca q foi dos jezuitas. e axei q com 960 r. se apeara o portal, e tapara o seu vaõ. ficando o desmanxo de muitos degraos q por ali fazem desida p^a coando ouver por ali alguma obra da

(51) Idem, *Ibidem*, doc. CXXI, p. 214.

(52) O colégio das Artes só mais tarde começaria a funcionar. Data de 23 de Janeiro de 1778 uma carta do Visconde de Vila Nova da Cerveira ao Reformador Reitor: «A Sua Magestade foi prezente a Conta de V. Ex.^a em data de 23 de Dezembro proximo precedente sobre a necessidade de se pôr em exercicio o ensino publico das Humanidades, e Bellas Letras no Real Collegio das Artes da Universidade de Coimbra: Dando-se principio ao Curso Filologico; à abertura do mesmo Collegio; e fazendo-se a effectiva nomeação das Pessoas que devem empregur-se no Governo, e no Magisterio delle: Sobre o que tudo: He a mesma Senhora Servida, que V. Ex.^a; logo que chegar à mesma Universidade; examinando o estado do mesmo Collegio; o das rendas delle; e o que falta que apromptar para a sua abertura»: M. Lopes de Almeida, *Ob. cit.*, doc. CLIX, p. 271.

(53) Verifica-se grande preocupação em apetrechar as aulas de todas as máquinas e aparelhos científicos ligados às respectivas matérias: M. Lopes de Almeida, *Ob. cit.*, doc. XXXVIII, pp. 62-63; Idem, *Ibidem*, doc. XLIV, p. 69; Idem, *Ibidem*, doc. LI, p. 81; Idem, *Ibidem*, doc. XLIX, pp. 77-78; Idem, *Ibidem*, doc. XCIX, p. 159; Idem, *Ibidem*, doc. CLVII, p. 268.

(54) O Laboratório Químico, por exemplo, a ocupar o espaço das antigas cozinhas do colégio das Onze Mil Virgens, só viria a ter o coroamento já no séc. XIX: V. Correia e Nogueira Gonçalves, *Ob. cit.*, p. 109; J. Ferreira Gomes, *Ob. cit.*, p. 48.

(55) Por exemplo, aqui trabalhou um dia na semana de 22 de Março de 1777; na semana seguinte quatro dias: A.U.C., *Administração e Contabilidade — Obras.*

d^a coalidade» (56), ora com os mesmos apontamentos e cálculos de despesas para as muitas obras de carpintaria que se efectuaram até princípios do século XIX (57).

No edifício do Museu as obras continuariam também a decorrer, muitas vezes sob a orientação de Macomboia. Para ter uma ideia mais exacta da sua importância na direcção dos trabalhos, bastará ter em conta uma carta autógrafa, datada de 28 de Março de 1787, em que o mestre apresenta à Universidade as contas do que há-de gastar em ferro para ser aplicado no Museu salvaguardando a sua segurança (58) e a nota passada na Junta da Fazenda a 26 de Junho de 1799 a propósito das obras no Gabinete de Física Experimental: «*Sendo presente na Junta da Real Fazenda desta Universidade pelo seu officio de 13 de Novembro de 1798, o excesso que houve no Lanço de sessenta mil reis offerecido pelas Cantoneiras que se mandarão fazer para a salla do meio do Gabinete de Fizica Experimental: Determina a mesma Junta novamente a vm. torne a pôr a dita obra a lanços, e a faça rematar pelo menor delles, tendo todavia em vista o Calculo e Orçamento do Mestre Manoel Alves — O que participo a vm. de Ordem da referida Junta para que nesta conformidade o execute = Deos guarde a vm. Coimbra 26 de Junho de 1799 = O Deputado Secretario da Junta e seu Contador Marçal da Costa Barradas — Sr. Bernardo Alexandre Leal*» (59).

(56) Carta autógrafa de Manuel Alves Macomboia, datada de 23 de Setembro de 1786: A.U.C., *Universidade — Obras*, Dep. IV, S. 1^aE, Est. 10, Tab. 1, N.º 18, doc. avulso.

(57) Servem como exemplo, os «*Apontamentos da obra de maus de Carpitrº q se ade fazer p^a uzo do Laboratorio da Universidade... de Dois armarios de 8 1/2 de ato (sic) por 6 de largo ... Outros dois armarios de 16 de alto por 8 1/4 de largo... hum estrado grde... seis bancos do feitto dos das aulas da Universidade de Emcostos sem estantes, tudo acabado com grde. siguranca e maior aseio. Cui obra sera aprovada plº Snr Dor Dºs Vandeli...*», sendo esta rematada pelo carpinteiro José Nunes Francisco: A.U.C., *Universidade-Obras*, Dep. IV, S. 1^a E, Est. 10, Tab. 1, N.º 21.

(58) «*Exmo e Rmo Snr. Para bem saber q grosura de ferro seria purpucionada p^a as linhas de ferro q se tem ditriminado meter no Idificio do Muzeu p^a siguranca do mesmo. coms. ltei o Dor Joaõ Antº dolabela q asentou ser suficiente a grosura de polgada e meia em cuadro, e fazendo a conta... pode ser q custe ... 148\$500. Mas como Exmo Snr as obras sempre levaõ mais do q se lhe fas a conta digo q venha mais huma terça parte q saõ arobas 180...*»: A.U.C., *Universidade de Coimbra-Obras*, Dep. IV, S. 1^aE, Est. 10, Tab. 1, N.º 21.

(59) A.U.C., *Receita e Despesa da Junta da Fazenda da Universidade*, fl. 7-8, *Universidade de Coimbra — Obras*, Dep. IV, S. 1^aE, Est. 10, Tab. 1, N.º 18.

Na parte norte do antigo colégio das Onze mil Virgens se situava, a partir da provisão de 1772, o novo Hospital Público, e se novamente, se tem de atribuir a Elsdén a disposição das principais dependências, outros o secundarão na feitura das mesmas. Talvez diminuta neste edifício a contribuição de Macomboia, terá mesmo assim existido quanto mais não fosse com o fornecimento de moldes para simples materiais de construção ou fazendo as medições e a valiações de materiais entregues, nomeadamente do carpinteiro Manuel Francisco (60).

A constituição do Hospital neste local, vem a gerar a conveniência de implantação de um cemitério nas redondezas. Aproveitando parte da cerca dos jesuítas, o terreno escolhido incidiu no ângulo entre a Rua Inácio Duarte e a R. Padre António Vieira. As plantas elaboradas por Macomboia, mostram-nos o aproveitamento do terreno e as alterações que se fizeram ao cimo da Couraça dos Apóstolos, onde foi necessário queimar algumas casas (Fots. 5, 6). Do mestre existe também um desenho com a planta da capela com o respectivo retábulo e dependências mortuárias a inserir no novo cemitério. O último grande edifício desta zona, a sofrer as remodelações ligadas ao ensino universitário, é o Real Colégio das Artes, para aí ser educada a mocidade nobre e civil das Três Províncias do Norte e Partido do Porto. Macomboia acompanhará a adaptação dos preceitos pombalinos ao edifício jesuítico de forma mais ou menos sistemática. Se data de 1778 a resolução real de o pôr a funcionar, o certo é que as obras continuariam a decorrer, pois em 1784, Macomboia pede autorização para construir um armazém para os materiais de construção no dito colégio (Doc. VII) e em Outubro de 1785, dirigia obras no piso baixo do colégio das Artes (61). Em Julho de 1786, mediu e avaliou a obra de pedraria do empreiteiro Manuel de Moraes em dependências por baixo das aulas (Doc. VIII). Em 5 de Julho de 1787, adverte para o perigo que corre o pátio entre o Laboratório e o colégio das Artes e para um vão que ali ameaça a parede, apelando à necessidade de o tapar (Doc. IX). Disso fará um desenho onde expõe as medidas a tomar (Fot. 7).

Até quase ao final do século continuarão a decorrer pequenas

(60) A.U.C., *Administração e Contabilidade — Obras*.

(61) A.U.C., *Administração e Contabilidade — Obras, 1785-1787*.

obras, de que o próprio Macombo nos dá conta (62), sendo as mais importantes as de carpintaria (63), para as quais vai fornecendo apontamentos (64). Na área destes edifícios, trata ainda de outros problemas como o abastecimento de água a estas construções fundamentais à vida académica (conforme planta na B.G.U.C. (Ms. 3179).

3 — O OBSERVATÓRIO ASTRONÓMICO

A construção do Observatório constituía mais um passo importante para a modernização das escolas. A provisão do marquês, «*dada no dito dia 16 de Outubro (1772), por que incorporou no perpetuo Dominio da mesma Universidade o Castello de Coimbra; Portas delle, e todos os terrenos, que a elle e as ellas pertencem, para o estabelecimento do Observatorio da Astronomia; dos Apozentos dos Professores, e seus Ajudantes; e da Custodia dos Instrumentos Opticos*» (65), vinha desencadear trabalhos de vulto na área do Castelo ao cimo da Couraça de Lisboa, onde o Observatório riscado por G. Elsdén se viria a implantar (66). Efectivamente, este grandioso projecto que em princípios de 1774 estava já em construção (67) e em Setembro de 1777 tinha o primeiro piso feito (68), não chegaria a ter continuidade, abandonando-se os trabalhos até ser destruído com as grandes obras da alta coimbrã. Em Agosto de 1799, a propósito da avaliação das rendas das casas da Universidade no local, Macombo fará uma planta onde inclui «*o Idi-*

(62) É o arquitecto que, nesta altura, escreve grande parte das rematações de obras no *Livro de contas das obras da Universidade*: A.U.C., *Universidade de Coimbra — Obras*, Dep. IV, S. 1ªE, Est. 10, Tab. 1, Nº 20.

(63) Por exemplo, em 31 de Agosto de 1792, o mestre carpinteiro Joaquim Simões remata por 87\$000 reis a feitura de todo o forro da capela do Real Colégio das Artes à vista de apontamentos e desenhos: *Livro de contas das obras da Universidade*, fl. 9/v — A.U.C., *Universidade de Coimbra — Obras*, Dep. IV, S. 1ªE, Est. 10, Tab. 1, Nº 20.

(64) «*Apontamentos da obra q somte de maus de Carptrº se ade fazer pª uzo da Caza da Natomia da Universidade dentro do Colejo das artes da mesma, todo de madrª de pinho e do feitio e grandezas segtes...*»: A.U.C., *Universidade de Coimbra — Obras*, Dep. IV, S. 1ªE, Est. 10 Tab. 1, Nº 21.

(65) B.G.U.C., Ms. 3083.

(66) B.G.U.C., Ms. 3083; *Riscos das Obras da Universidade de Coimbra*, Museu Nacional de Machado de Castro, Coimbra, 1983.

(67) M. Lopes de Almeida, *Ob. cit.*, doc. XCVII, p. 115.

(68) J. Ferreira Gomes, *Ob. cit.*, p. 46.

ficio q esta incompleto no sitio dos Antigos Castellos da Cidade de Coimbra e em o masiso do Castello moderno sobre q se pertendia fazer a Caza de Obeservatorio (Fot. 8).

Entretanto, e na esperança vã que o edifício se concluísse, decide-se pela construção de um outro observatório interino de mais rápida execução. É Macombo que dará o risco e as orientações para esta nova construção (Doc. X e XI) a erigir no pátio da Universidade frente à livraria Joanina, onde se manteve até à remodelação da alta universitária já no século xx (Fots. 9 e 10). A planta foi aprovada pela Junta em 5 de Fevereiro de 1791 (Fot. 11), embora os trabalhos tivessem começado alguns anos antes (69). Já em 1777, D. Francisco de Lemos escrevia nos «*Estabelecimentos fundados na Universidade de Coimbra por ordem de S. Magestade, que Deos tem, para as Observações, Experiências, e Demonstrações...*» que as despesas com o observatório interino importavam, até então, em 242.170 reis. Em 1784, vamos encontrar referências a obras para ele efectuadas (70), embora fossem tão somente trabalhos de preparação. Já em 1788, a obra deveria ter começado e ir avançada, pois que em Janeiro e Fevereiro se colocavam vidros (71). Em 1791 o fundamental do edifício estaria pronto, efectuando-se ainda nesse ano trabalhos de carpintaria, serralharia e ferragens (72). Nos anos seguintes, as obras são praticamente só

(69) No *Inventário Artístico da Cidade de Coimbra*, lê-se que foi «*começado a construir em Dezembro de 1790*», p. 107. Na verdade, encontramos a primeira anotação de despesas aí efectuadas, em Setembro de 1775: *Universidade de Coimbra — Junta da Fazenda-Obras-1775/77*, p. 24.

(70) Na semana finda em 9 de Outubro, Macombo dá ordens para se pagarem cinco dias a cada um dos dois servidores que preparavam a madeira «*para o novo acresceto do Observatorio dentro da Universidade*»: A.U.C., *Livro de Administração e Contabilidade — Obras, 1783-1784*, Est. 12, Tab. 4; a 6 de Novembro, o mestre faz a conta dos trabalhos do carpinteiro José Nunes no Observatório interino dentro do pátio: A.U.C., *Idem*.

(71) A.U.C., *Livro de Administração e Contabilidade — Obras*.

(72) No dia 4 de Julho entregaram-se 39\$500 reis «*ao mestre Antonio Baptista empreiteiro de manufactura de portas e janellas em quanto a obra de carpintaria para o observatorio astronomico. He a dita quantia pelo segundo pagamento dos trez porque arrematou a dita empreitada*»: A.U.C., *Universidade, Receita e Despesa*, Lº 8, fl. 45; a 13 de Setembro foi rematada obra de ferragens por Luís António Ramos: A.U.C., *Livro de Contas das Obras da Universidade*, fl. 1, *Universidade de Coimbra — Obras*, Dep. IV, S. 1ªE, Est. 10, Tab. 1, Nº 20; a 9 de Novembro, o mesmo Luís António rematou a obra das grades do Observatório: A.U.C., *Idem*, fl. 3; a 31 de

de carpintaria para o preenchimento de mobiliário e pequenas obras de acabamento e conservação do edifício (73). Se, porventura só foi inaugurado em 1799 (74), o problema da demora no seu pleno funcionamento, estaria mais ligado ao apetrechamento do edifício do que à própria construção. Obedecendo a um projecto que não tem o arrojo do de Elsdén, mantém a sobriedade de uma obra de feição utilitária e a força dos elementos clássicos que lhe são presentes (75).

Dezembro o mestre serralheiro Pedro Leal contrata obras de serralharia para o Colégio das Artes e para o Observatório: A.U.C., Idem, fl. 4.

(73) A 14 de Maio de 1792, José dos Santos Camelo remata a feitura de bancos de assento para a casa de lições no Observatório e dois estrados grandes: A.U.C., *Livro de Contas das Obras da Universidade*, fl. 5, *Universidade de Coimbra-Obras*, Dep. IV, S. 1ªE, Est. 10, Tab. 1, Nº 20; a 15 de Maio, José de Matos contrata a feitura de 14 «fixos de cutuvelho» para as janelas que abrem para fora no Observatório, com a condição de arranjar ele o ferro: A.U.C., Idem, fl. 5/v; a 4 de Junho, Pedro José Leal remata as ferragens para portas e janelas: A.U.C., Idem, fl. 6; a 14 de Junho, o serralheiro José de Matos, remata por 60 reis cada aratel de ferro, as obras de segurança das cobertas de cobre «q se mandou por sobre a fenda da Casa das experiências» do Observatório: A.U.C., Idem, fl. 6; a 28 de Junho, o mestre carpinteiro António Baptista Freire recebeu da Universidade mais 96\$000 pelas alterações feitas nas obras do novo observatório depois de rematada a respectiva empreitada: A.U.C., *Universidade, Receita e Despesa*, Lº 8, fl. 114; ainda em 1792, a 26 de Julho, o mestre calceteiro João de Páscoa rematou por oito mil reis a feitura de entulhamentos em torno do observatório: A.U.C., *Livro de Contas das Obras da Universidade*, fl. 7; em 28 de Julho, o mestre serralheiro José de Matos remata a feitura de três fechaduras de ferro: A.U.C., Idem, fl. 7/v; a 10 de Agosto, o mestre carpinteiro José dos Santos Camelo remata a feitura de dois bancos de madeira por 3\$150 reis: A.U.C., Idem, fl. 8; as obras de carpintaria sucedem-se nos próximos anos: a 21 de Março de 1794, o mestre carpinteiro Joaquim Simões remata a feitura de três bancos por 13\$500 reis: A.U.C., Idem, fl. 13; a 11 de Dezembro de 1799, o mestre carpinteiro José Nunes, de Celas, remata a obra de diversos armários de pau preto: A.U.C., Idem, fl. 30 e 30/v; a 5 de Maio de 1800, o mestre serralheiro Pedro Leal, remata por 60\$000 reis as ferragens de sete armários para o gabinete do observatório: A.U.C., Idem, fl. 32.

(74) V. Correia e Nogueira Gonçalves, *Ob. cit.*, p. 107.

(75) O Dr. Vergílio Correia refere-se-lhe como «a última grande obra (da reforma pombalina) e a menos característica, anote-se, de Alcáçova, de solar guerreiro benêficamente transmudada em Paço das Escolas»: V. Correia, *Obras*, vol. I, Coimbra, 1946, p. 136.

A opinião do grande Professor de Coimbra, terá certamente a ver com o carácter interino e simultaneamente utilitário do edifício, a promover o desvirtuamento das linhas arquitectónicas anteriores.

O corpo central, a cortar a monotonia de um conjunto equilibrado, eleva-se dois andares acima, demarcados por faixas de gradeamentos que lhe conferem certo ar de jovialidade e leveza.

4 — A IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

Um indício claro da modernização levada a cabo na Universidade, é a constituição da imprensa a suprir as necessidades académicas, promovendo ao mesmo tempo uma divulgação mais rápida e eficaz da matriz ideológica que se pretendia implantar. A provisão do marquês no dia 15 de Outubro de 1772, determina a união e incorporação «no perpetuo Dominio da Universidade o Edifício, que antes foi clautro da Sé transferida, para nelle se estabelecer com largueza a ampla Typografia da mesma Universidade» (76). Para esse efeito, logo nos princípios de 1773 se procede à compra de casas e quintais anexos ao claustro da actual Sé Velha (77), desencadeando a formação de um espaço condigno e apropriado à empresa. Da amplitude deste espaço e da constituição das suas dependências nos dão conta as planas e projectos elaborados por Elsdén e os seus ajudantes (78). As obras terão começado a decorrer nos inícios de 1773 e o número elevado de homens que aqui trabalha (79), atesta desde logo a importância que foi dada a este conjunto. Na semana de 16 de Outubro, Manuel Alves Macomboia aparece nas folhas de pagamento, à frente dos carpinteiros, vencendo os 600 reis diários com que o marquês o tinha enviado (80); e já em meados de 1774 as obras deveriam ir adiantadas para que o ministro pudesse escrever a D. Francisco de Lemos em

(76) B.G.U.C., Ms. 3083.

(77) Em 12 de Fevereiro de 1773, o Marquês escreve ao Reitor: «Nunca duvidei, de que a Typografia Académica ficasse taõ bem accomodada no Claustro nobre da Sé, como V. Sª me refere. A uniaõ das duas moradas de Cazas chamadas de Joaõ de Mendonca, e dos seus Quintáes, faraõ a mesma Typografia não só mais ampla; mas magnifica. E naõ achei cara a compra dellas pelo preço de seis mil cruzados»: M. Lopes de Almeida, *Ob. cit.*, doc. XLV, p. 70.

(78) B.G.U.C., Ms. 3083; *Riscos das Obras da Universidade de Coimbra*, Museu Nacional de Machado de Castro, Coimbra, 1983.

(79) Em Agosto deste mesmo ano, trabalham na Imprensa 3 pintores, 13 carpinteiros, 28 canteiros, 30 pedreiros e 54 serventes: A.U.C., *Universidade, Imprensa da Universidade — Obras*.

(80) A.U.C., Idem.

30 de Junho: «*Pelo que respeita ao edificio da Imprensa achei muito bem ponderadas todas as Consideraçoes com que V. Ex.^a o tem promovido, e adiantado: E devo recommendar a V. Ex.^o o muito que he necessario que este grande estabelecimento se complete; não so para que nessa magnifica Universidade haja huma Typografia, que dignamente lhe corresponda; mas que ella em si fique segura, e deffendida daquelles perigos a que estão sogeitos os Edificios grandes pela contiguidade de pequenos, e insignificantes edificios particulares.*» (81). As obras prolongar-se-ão até ao princípio da centúria seguinte e Macomboia terá certamente acompanhado de muito perto a evolução dos trabalhos, sendo diversificada a sua colaboração. Assim, por exemplo, em Março de 1777 vamos encontrá-lo a fazer medições às obras a decorrer na Imprensa (82); em 1788 projecta a fachada que confina com a Rua do Norte, estando a frente levantada no ano seguinte (83). Em 1790, o architecto vistoria o trabalho do mestre de obras António Baptista Freire, considerando que o principal da empreitada estava já feito (84).

A projecção e eficácia da imprensa comprova-se pela atenção dada à casa da venda dos livros. Em Maio de 1790 dizia o administrador Bernardo Correia de Azevedo Morato: «*Fui com o mestre das obras da Universidade ao empreiteiro de obras da imprensa à logea destinada para a venda dos livros da mesma officina para se ver o grande deffeito que nella se encontrava, e não poder ficar neste estado...*» (85). Nesta conformidade, caberá a Macomboia o projecto do arranjo de parte da tipografia para instalar a casa da venda de livros e também uma apotadoria (86). Ainda em 1790, as obras eram avultadas e a 13 de Novembro é o próprio architecto que fala da necessidade de continuação das obras na imprensa (87).

(81) M. Lopes de Almeida, *Ob. cit.*, doc. XCVII, p. 156.

(82) A.U.C., *Administração e Contabilidade — Obras*.

(83) A.U.C., *Universidade, Imprensa da Universidade*, Dep. IV, S. 1^aE, Est. 1. O empreiteiro foi o mestre António Baptista Freire que rematou as obras de pedraria e carpintaria, dando como fiador o homem de negócios da cidade, António Dias de Miranda: A.U.C., *Idem*. Em 1790, o mestre de obras pedia para lhe pagarem o que estava em atraso: A.U.C., *Idem*.

(84) A.U.C., *Idem*.

(85) A.U.C., *Idem*.

(86) A.U.C., *Idem*.

(87) Em carta autógrafa, Macomboia refere a falta de madeira de pinho na Universidade e carência que têm dela as obras da Imprensa, ajustando, por isso,

Finalmente, data de 1805 um estudo do sistema de ventilação da loja para superar o problema da humidade, dado que os trabalhadores da Imprensa adoeciam frequentemente devido à insalubridade do local. Nesse mesmo ano, o administrador Bernardo Alexandre Leal visita a Imprensa acompanhado do mestre de obras da Universidade e encarrega-o de abrir as janelas necessárias, quatro óculos, «*na parede fronteira à da Rua do Norte, e hum na parede do fim ou topo da mesma loja*» (88). Hoje, o claustro da Sé Velha perdeu a agitação das gentes e o ruído das máquinas tipográficas. Das obras que nele decorreram por mais de trinta anos para a instalação de mais um braço académico, resta, fundamentalmente, a fachada do edificio do Instituto (recentemente restaurada), a grande escadaria com o portal que dá acesso ao segundo piso do claustro e a referida fachada voltada à Rua do Norte.

5 — O JARDIM BOTÂNICO

Por último, e no âmbito das instalações e recintos ligados à vida académica, a constituição de um jardim botânico onde se pudesse desenvolver o estudo das condições de crescimento de uma vasta gama de plantas mais ou menos exóticas, foi preocupação de primeira grandeza por parte dos mentores da reforma dos estudos.

Para a escolha do terreno foram chamados os professores, sobretudo o Dr. Vandelli, que a fizeram recair em parte da cerca do Colégio de S. Bento. Já a 7 de Novembro de 1772 o Marquês escrevia ao Reitor que: «*A Memoria incluza indica a Porção de Terreno da cerca de Saõ Bento, que he mais accommodada para o Estabelecimento do Horto Botanico. Assim o entende o Doutor Domingos Vandelli, com o qual consultei a mesma Memoria. A introducção da Agua no referido Terreno, derivada do Castello para Elle, he couza muito facil.*

A este respeito devo participar a V. S.^a que o Abbade do Collegio de Saõ Bento, e todos os seus Frades; achando-se possuidos por hum terror pânico de que lhe hiam tomar parte do seu Collegio, e toda a sua

com Mateus Luis, de Poiares, tábuas de «*solho grosso de doze palmos de comprimento a seis sentos reis*»: A.U.C. — *Universidade de Coimbra — Obras*, doc. avulso, Dep. IV, S. 1^aE, Est. 10, Tab. 1, N^o 20.

(88) A.U.C., *Universidade — Imprensa da Universidade*, Dep. IV, S. 1^a, Est. 1^a, Tab. 4.

cerca para se estabelecer o referido Horto: E querendo sacrificar huma parte para salvar o todo: Me viêram offerecer pelo seu Procurador Geral o Terreno, que se indica na referida Memoria; o qual V. S.^a com os Professores da Faculdade pode hir ver; demarcar, e fazer murar, logo que se recolherem os Doutores Ciera, e Vandelli. E he desnecessario prevenir a V. S.^a, em quem sobêja a Prudencia, que se deve uzar da referida offerta com a moderação de não extender o referido Horto alem do que fôr preciso para o Establecimento delle: sendo certo que em nenhuma parte vi, que hum Horto Botanico fosse huma Quinta extensa» (89). Depois desta primeira demarcação (90) o marquês autoriza, em Dezembro de 1774, o alargamento da referida área pela compra de «huma pequena Planicie contigua ao sitio, em que se está formando o Jardim Botanico; e com a qual se reduzirá o mesmo Jardim a huma figura regular...», ajustando-se a «Compra da referida Planicie com os Frades Mariannos proprietarios della...» (91). A primeira planta que se fez pelos apontamentos dos professores italianos, suscitou do marquês duras críticas reveladoras de um sentido prático e conhecedor (92).

(89) M. Lopes de Almeida, *Ob. cit.*, doc. XXXIV, pp. 52-53; Idem, *Ibidem*, doc. XLIV, p. 69.

Nos Estabelecimentos Fundados na Universidade de Coimbra por ordem de S. Magestade, que Deos tem, para as Observações, Experiencias, e Demonstrações das Sciencias Naturaes, e Para a Tipographia Academica; Restabelecimento do Collegio das Artes; e consertos, reparos, e Communicação interior dos Paços Reaes das Escolas, escreve D. Francisco de Lemos o seguinte: «Para o estabelecimento deste Jardim offereceram os Padres Bentos ao Marquez Vizitador huma porção da sua cerca, que fica contigua á Porta chamada da Traição; e mandandome o Marquez examinar o Terreno com os Professores; achouse não ser bom naquelle sitio; mas sim na parte, que fica contigua aos Arcos, e com a estrada, que vai para o Collegio dos Carmelitas Descalços. E ordenando o Marquez Vizitador, que se procedesse á avaliação para pagarse a os Padres Bentos o dito Terreno; não quizeram acceitar o preço por que foi avaliado, e fizeram delle Doação á Universidade...»: *Riscos das Obras da Universidade de Coimbra*, Museu N. de Machado de Castro, Coimbra, 1983.

(90) «... essa porção de Terreno passou a ser da Universidade e o Abade e mais Religiozos do Coll^o de São Bento, insistam na Civil e digna offerta de dar à Universidade, de quem o mesmo Collegio he Filial, esse Terreno; não querendo ouvir fallar em Titulo de Compra; he de razão se lhe aceite por modo legitimo que faça Titulo à Universidade; e seja igualmente decorozo à Mãe acceitante, e ao Filho offerente.»: M. Lopes de Almeida, *Ob. cit.*, doc. LXXXIII, p. 133.

(91) Idem, *Ibidem*, doc. CIII, p. 164.

(92) «Os ditos Professores são Italianos; e a Gente desta Nação costumada a ver deitar para o ar centenas de mil cruzados de Portugal em Roma; e cheya deste

De immediato (5 de Outubro de 1773) manda proceder à elaboração de outra planta que, sem ser luxuosa e ostentatória, suprisse as necessidades académicas (93).

As obras, que em 1777 tinham já feito gastar à Universidade 1.349\$045 reis (94), decorrerão até meados do século XIX a um ritmo desigual. Em Dezembro de 1777, a pedido do Dr. Vandelli,

Enthusiasmo; julga que tudo, o que não he excessivamente custozo, não he digno do Nome Portugues, ou do seu nome delles.

D'aqui veyo, que ideando elles nesta Côte, junto ao Palacio Real de Nossa Sr^a da Ajuda em pequeno espaço de terra hum Jardim de Plantas para a curiozidade; quando Eu menos o esperava, achei mais de cem mil cruzados de Despeza taõ exorbitante, como inutil.

Com esta mesma idéa talharam pelas medidas da sua vasta Fantasia o dilatado espaço, que se acha descripto na referida Planta. O qual vi, que sendo edificado à imitação do pequeno recinto do outro Jardim Botanico, de que asima fallo, absorberia os meynos pecuniarios da Universidade antes de concluir-se.

*Eu porem entendi até agora, e entenderei sempre, que as couzas não são boas, por que são custozas, e Magnificas; mas sim, e taõ somente, porque são proprias, e adequadas para o uzo, que dellas se deve fazer. Isto que a razão me dictou sempre vi practicado especialmente nos Jardins Botanicos das Universidades de Inglaterra, Holanda, e Alemanha; e me consta que o mesmo succede no de Padua; porque nenhum destes foy feito com dinheiro Portuguez. Todos estes Jardins são reduzidos a hum pequeno recinto, cercado de muros, com as commodidades indispensaveis para hum certo numero de Ervas Medicinaes, e proprias para o uzo da Faculdade Medica; sem que se excedesse dellas a comprehender as outras Ervas, Arbustos, e ainda Arvores das diversas partes do Mundo.»: Idem, *Ibidem*, doc. LXV, p. 104-105.*

(93) «Debaixo destas regulares medidas, deve pois V. Ex^a fazer delinear outro Plano, reduzido somente ao numero de Ervas Medicinaes, que são indispensaveis para os exercicios Botanicos, e necessarios para se darem aos Estudantes as noçoens precisas para que não ignorem esta parte da Medicina; como se está practicando nas outras Universidades asima referidas com bem pouca despeza: Deixando-se para outro tempo o que pertencer ao Luxo Botanico, que actualmente grassa em toda a Europa. E para tirar toda a duvida pode V. Ex^a determinar logo; por huma parte que Sua Magestade não quer Jardim mayor, nem mais sumptuozo, que o de Chelscea na Cidade de Londres, que he a mais opulenta da Europa; e pela Outra parte, que debaixo desta idéa se demarque o Lugar; se faça a Planta delle com toda a especificação das suas partes; e se calcule por hum justo Orçamento o que hade custar o tal Jardim de Estudo de rapazes, e não de Ostentação de Princepes, ou de particulares, daquelles estravagantes, e Opulentos, que estão arruinando grandes Cazas na Cultura de Brêdos, Bel-droégas, e Poejos da India, da China e da Arabia.»: Idem, *Ibidem*, doc. LXV, pp. 105-106.

(94) *Riscos das Obras da Universidade de Coimbra*, Museu N. de Machado de Castro, Coimbra, 1983, p. 26.

Macomboia fazia arranjos na entrada do jardim e umas tinas para a água (95).

Só em 1790 ficaria pronto o aterro das demolições efectuadas nas respectivas áreas do Castelo para construir a muralha de suporte inferior (96). Também em 1790, o mestre canteiro Manuel José da Silva tomava de empreitada a obra do lago e fonte central (97), sobre a qual o mestre arquitecto se manifestou (98).

Data de Abril de 1791, a planta com o desenho da fachada do componente arquitectónico máximo do jardim — as estufas (Fot. 12). A feição clássica deste edifício, que não sabemos se efectivamente chegou a ser construído, remete-nos ao tipo comum dos projectos do mestre, habituado já à «maneira elsdiana». Se quisermos confrontar este projecto de fachada em duas alternativas (cuja diferença fundamental é a elevação em altura), com a fachada do corpo central do observatório interino, as analogias são por demais evidentes. É provável que fosse este o projecto a ter seguimento não só pela conceituada importância que o mestre tinha no âmbito das obras da Universidade, mas também porque é a partir desse ano (1791) que vamos encontrar referências à construção das estufas no jardim (99). Em 1792, sendo empreiteiro da obra o mestre canteiro Manuel José da Silva, procedem-se a trabalhos de acrescentamento das estufas a pedido

(95) A.U.C., *Administração e Contabilidade — Obras*.

(96) V. Correia e N. Gonçalves, *Ob. cit.*, p. 110.

(97) A.U.C., *Receita e Despesa*, L^o 7, fl. 186.

(98) «A Junta da Fazenda da Universidade de Coimbra manda remeter a V. M. por copia a Representação que em dezenove de Julho Corrente lhe fez o Mestre Manoel Alves Macomboia, sobre a obra do Lago do Jardim Botânico da mesma Universidade; e tendo por Despacho de vinte hũ do mesmo mez dado providencia sobre a providencia, digo sobre a primeira parte parte da mesma Representação expedido na data desta para o Juiz Conservador a Ordem pela qual deve ser compelido o Empreiteiro da Obra de Pedraria do mesmo Lago; determinou igualmente, que quanto ao mais de que trata a dita Representação faça V. M. apromptar, e executar o que for necessario para complemento da mesma Obra...»: A.U.C., *Universidade de Coimbra — Junta da Fazenda. 1789-1835*, Sala D, Est. LIX, Tab. 4, N^o 17, fl. 264/v.

(99) A 7 de Outubro abre-se concurso para as fornalhas das estufas: A.U.C., *Livro de Contas das Obras da Universidade*, fl. 2, *Universidade de Coimbra — Obras*, Dep. IV, S. 1^aE, Est. 10, Tab. 1, N^o 20; a 25 de Fevereiro de 1792, o mestre oleiro António de Oliveira contratou pelo menor lanço a feitura de tijolos (a quinze reis cada) para cobrir condutas de fumo de uma estufa para o jardim: A.U.C., *Idem*, fl. 4/v.

do lente (100). Nos finais de 1793 e princípios de 1794, decorrem já obras de carpintaria (101), o que pressupõe concluído o edifício.

Outro problema fundamental a resolver a bom termo era a condução das águas para o jardim. A 4 de Junho de 1798, «A Junta da Real Fazenda da Universidade determina ... a os Mestres Manoel Alvez Macomboia, Antonio Baptista Freire, para que em termo breve cada hum haja de informar separada e destintamente, tanto sobre a obra ja feita nas Minas do Poço e Claraboias junto do lugar de Cellas, como sobre o trabalho que resta a fazer para se concluir a comunicação das mesmas Minas, formando hum e outro Mestre Mappa claro das Suas direcçoens e differenças do nivel, que se mediraõ com a necessaria exactidaõ» (102). Macomboia fornece apontamentos para as obras a realizar (103). Estas, estavam em curso no inverno de 1798 (104) e ainda em Maio de 1799 se procediam a novas arrematações, sendo o mestre arquitecto, alvo de duras críticas por razões que não pudemos apurar. A documen-

(100) «No dia 16 de Maio de 1792 na Caza das obras da Universidade sendo presente o Administrador Mestre e pagador das ditas obras e tambem Mel Joze Mestre Canteiro, e este como Empreiteiro da obra das Estufas do d^o Jardim Butanico, tendoselhe representado por apontamentos a obra de sigundos acrescentos q requereu o lente respectivo ao Sr Reitor e este ter comvido se convensionou, e ajustou o d^o empreiteiro fazer o d^o acresceto na forma do d^o apontamento e sobretudo a vontade do sobred^o Lente pello preso e coantia serto de sincoenta mil reis de q se fes esta lenbransa q serve de propia obrigasaõ do empreiteiro...»: A.U.C., *Livro de Contas das Obras da Universidade*, fl. 5/v.

(101) Em Julho de 1793, António Gonçalves remata por 49\$000 reis a feitura de 6 corpos de armário: A.U.C., *Idem*, fl. 12; a 11 de Março de 1794, o mestre carpinteiro Joaquim Simões remata por 4\$000 reis a feitura e assento de 4 vãos de caixilhos de vidraça para a casa da estante do jardim e estufa, conforme os apontamentos fornecidos: A.U.C., *Idem*, fl. 12/v.

(102) A.U.C., *Universidade de Coimbra — Junta da Fazenda. 1789-1835*, fl. 273, Sala D, est. LIX, Tab. 4, N^o 17.

(103) A.U.C., *Universidade de Coimbra — Obras*, Dep. IV, S. 1^aE, Est. 10, Tab. 1, N^o 20.

(104) A 20 de Novembro, António Francisco «do lugar do Tobim de baixo» rematou «o arranço da pedra p^a a obra da Mina da agoa do Jardim Botânico e mais partes e onde for neçesaria...»: A.U.C., *Livro de Contas das Obras da Universidade*, fl. 19; a 9 de Dezembro, José Rois Facaia, de S. Martinho do Bispo, e seus sócios Aires António, José Francisco Botas, Joaquim Pedroso e Miguel Ferreira, pedreiros, remataram a obra de pedraria das duas clarabóias «sobre as duas minas donde se tem tirado agoa p^a o Horto botânico...»: A.U.C., *Idem*, fl. 19/v.

tação, datada de 10 de Maio, diz-nos o seguinte: «*A Junta da Real Fazenda da Universidade ordena a vm. Que mande entregar aos Empreiteiros das Claras boias junto do Lugar de Cellas, tudo o que se lhes restar da Empreitada de que se trata, e resultar da avaliação q vm. deverá procedêr com Louvados peritós. — Que vm. participe aos Mestres das Reaes Obras desta Universidade principalmente ao Mestre Manoel Alves Macombo, que em attenção a algumas razoens que forão presentes, se lhes não faz pagar o prejuizo que por sua Culpa resultou a Real Fazenda, mas que fiquem advertidos para não cahirem em outro absurdo, e de cumprirem melhor as obrigaçoens de Seus Officios na Conformidade das instruçõens, que por muitas vezes se lhes tem manifestado — E que com precedencia de Editaes, proceda vm. a nova arrematação da Obra das ditas Claras boias, sendo a abobeda de Tejolo, e construida sobre fôrma de madeira na forma, que sempre se praticou em similhante qualidade de Obras. Deos guarde a vm. Coimbra 10 de Maio de 1799. Snr Bernardo Alexandre Leal = o Secretario da Junta Marçal da Costa Barradas.*» (105). Os arrematantes da nova obra serão José Roiz Facaia e Aires António que se comprometem a fazer as «paredes e abobeda de duas Claras Boias no descobrimento das agoas de Sellas p^a o orto Botânico» (106). No mesmo dia, os mesmos empreiteiros arrematam a obra de canos subterrâneos para o jardim, para a qual Macombo faz as contas das despesas com o material (107). Na transição do século as obras continuarão (108) e o architecto não se afastará delas. Datam de 1804 e 1807 as últimas referências que delevamos encontrar no tocante ao Jardim Botânico: a 28 de Fevereiro de 1804, «*A Junta da Real Fazenda da Universidade Determina que vm. examinando com os Mestres Manoel Alves Macombo e Antonio Baptista Freire a cauza da ruina do muro da Cerca dos Religiosos Carmelitas descalços do Collegio de S. José, e o prejuizo que daqui pode resultar ao Jardim Botânico, e a seus muros contiguos ao arruinado, calcule as despezas necessarias para o reparo da referida ruina, e que*

(105) A.U.C., *Universidade de Coimbra — Obras*, Dep. IV, S. 1^aE, Est. 10, Tab. 1, N^o 18, doc. avulso.

(106) A.U.C., *Livro de Contas das Obras da Universidade*, fl. 23.

(107) A.U.C., *Idem*, fl. 23/v.

(108) A 10 de Março de 1801, os mestres canteiros Francisco da Mota e Manuel José da Silva contratam a feitura de duas escadas: A.U.C., *Livro de Contas das Obras da Universidade*, fl. 35.

parte dellas deverá corresponder á Universidade, sem prejuizo da Fazenda, segundo o interesse que da dita obra vier ao Jardim. = Ds Gde a vm. Coimbra, 28 de Fevereiro de 1804. = O Substituto do Deputado Secretario da Junta = Joaõ Anastasio do Coibo — Sav Bernardo Alexandre Leal» (109). A 9 de Janeiro de 1807, «*A Junta da Real Fazenda da Universidade ordena a vm. que passe ao Jardim Botânico na Companhia dos dous Mestres Manoel Alves Macombo, Antonio Baptista Freyre, e com elles ambos V.M. examine se as grades q ultimamente chegaraõ de Lisboa estaõ ou não conformes com o risco incluzo, informando logo logo com. o resultado desta diligencia, e declarando se houve alguma alteraçãõ para mais ou menos perfeiçãõ. Ds Gde a V.M. Coimbra 9 de Janeiro de 1807*» (110).

Uma dedicação de longos anos que não deixou de lhe causar alguns dissabores, em recriminações que não ensombram a importância do papel que desempenhou no decorrer de uma obra da envergadura do «*Jardim de Estudo de Rapazes*».

(109) A.U.C., *Universidade de Coimbra — Junta da Fazenda, 1789-1835*, fl. 277, Sala D, Est. LIX, Tab. 4, N.º 17.

(110) A.U.C., *Idem*, fl. 277/v.

CAPÍTULO II

OBRAS DE MANUEL ALVES MACOMBOA POSTERIORES À REFORMA POMBALINA

1 — EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO EM COIMBRA

Ligadas à Universidade, estavam também as inúmeras casas de renda que a instituição possuía e das quais recebia os dividendos. Efectivamente, junto à Universidade e num espaço que se alargava à Rua do Norte, à Couraça dos Apóstolos, à zona da portaria do colégio de S. Jerónimo, junto do colégio das Artes, à Rua da Pedreira, à Rua da Ilha e do Corpo de Deus até ao Arco de Almedina, se situavam estas casas que periodicamente necessitavam de obras de conservação, pagas pela Universidade.

Macomboa acompanha todo esse processo de recuperação das ditas casas, avaliando os custos das obras, fazendo a actualização das rendas, fornecendo apontamentos de pedraria e carpintaria, dirigindo os trabalhos (111).

O próprio arquitecto, em Outubro de 1783, pede para que na sua residência, sita na Couraça dos Apóstolos, sejam feitas as necessárias obras de reparação (Doc. XII); tal pedido só será atendido em Agosto de 1785 e em Outubro, as obras ocupavam três pedreiros, dois serventes e três carpinteiros, gastando-se em mão-de-obra e materiais 13\$385 reis (112).

(111) Data de Setembro de 1776, a avaliação das casas na Couraça dos Apóstolos, na Rua dos Penedos, na Rua dos Estudos, junto ao Colégio de S. Jerónimo, na Rua da Pedreira, junto ao Colégio dos Militares e em Sobre-Ripas, «*q noz mestres Pedrº e Carptrº vimoz e eizaminamos*»: A.U.C., *Plantas e Desenhos*, Dep. III, Sec. 3.ª, Gav. 34.

(112) A.U.C., *Livro de Administração e Contabilidade — Obras. 1785-1787*.

Dependente também da Universidade, era a casa onde o arquitecto trabalhava, elaborando os estudos que a instituição requeria. Nos princípios de Março de 1784, Macomboia reclama a necessidade premente das obras, dado que, «*p^a bem exçerçer sua occupação; pertencente a riscos e mapas e ainda escrever quanto se lhe fas precizo; lhe foi destinada huma caza donde todos estes Ilustres Snrs tem entrado a qual he serventia p^a outra de q se serve o sineiro; e por esta rezaõ taõ devasa q sobre o teremhe faltado estamas e livros de valor em rezaõ dos muitos filhos q aquele tem se lhe tem perdido muitos papeis e riscos q estes sem saberem o q fazem tem dezemcaminhado e porq com huma devizaõ na dita caza e abertura de huma porta q ja ha na parede a poucos dias tapada fica o supte e aquele remediados e se naõ pode gastar mais de 3200 reis*» (113).

Nos anos seguintes, o arquitecto irá orientar e dirigir as obras de remodelação das casas junto à Imprensa, na Rua do Norte, junto ao colégio dos Militares, ao sítio da Pedreira, defronte da portaria de S. Jerónimo (114). De todo este conjunto, merecem destaque as casas da Rua do Norte, não só por serem as únicas cujas fachadas ainda respiram desta remodelação setecentista mas também porque a elas dedicou o arquitecto especial atenção (115), elaborando desenhos e apontamentos detalhados (116). As obras de pedraria e carpintaria que o mestre António Baptista Freire tomou de empreitada, estendem-se desde 1786 até ao fim da década (117). Mas, não obstante se sigam outras indicações relativas a outras casas, há muito desaparecidas, as fachadas da Rua do Norte persistem em vencer a destruição do tempo e dos homens, evidenciando o seu carácter neoclássico.

(113) A.U.C., *Universidade de Coimbra — Obras*, Dep. IV, S. 1^aE, Est. 10, Tab. 1, N^o 18, doc. avulso.

(114) A.U.C., *Idem*; A.U.C., *Livro de Administração e Contabilidade — Obras. 1785-1787*; A.U.C., *Universidade de Coimbra — Obras*, Dep. IV, S. 1^aE, Est. 10, Tab. 1, N^o 21, docs. avulsos.

(115) Aqui se situava a casa de renda mais cara de todas as pertencentes à Universidade (80\$000 reis anuais) ocupada pelo Dr. Manuel Barreto: A.U.C., *Plantas e Desenhos*, Dep. III, S. 3^a, Gav. 34.

(116) Doc. XIII; A.U.C., *Universidade de Coimbra — Obras*, Dep. IV, S. 1^aE, Est. 10, Tab. 1, N^o 18.

(117) A.U.C., *Universidade — Imprensa da Universidade*, Dep. IV, S. 1^a, E. 1^a, Tab. 4, doc. avulso.

Outro tipo de casas dependentes da Universidade eram os açougues da carne e do peixe, a funcionar no antigo Largo da Feira. A necessidade de obras era reclamada já desde 1784 pelo almotacé responsável que acusava a completa deterioração do edifício e denunciava as condições de venda do peixe que «*se chegou a vender (...) debaixo d hum velho alpendre das obras da Sé*» (118). Macomboia dará ainda nesse ano de 1784 os respectivos apontamentos frisando a necessidade de elevar as instalações, evitando a entrada de águas e detritos da rua (Doc. XIV). Em 1786 voltará ao tema com novos apontamentos (Doc. XV) para as obras que estariam concluídas em 1799 (119).

Um grave problema a resolver pela Universidade, era a necessidade de mudança do matadouro imediato à cadeia cujas instalações se situavam sob a livraria. Com efeito, inúmeros queixumes do carcereiro e dos próprios presos relativamente aos «*grandes incomodos, e molestias, q padecem causadas pellas fetidas exalações (...), hum intoleravel, e pestifero cheiro, do qual a consequencia hé huma ipedemia*» (120), chegavam à Universidade. A 28 de Maio de 1796, Macomboia vinha informar que, «*tentando-ce em outro tempo esta mudança se tentaraõ varios sitios; e ninhum mais a preposito, pareseu melhor do q na ponta da serca, q oje he do Rial coleio das Artes. a parte de sima. por ser ali muito estreita; e nada perderçe, e perto da Cidade he sitio oculto. tem largeza p^a gados. boas sahidas, e pouco despendiosa: porq somte huma porta e paredes de pedra e barro. com hum cuberto a hum lado he suficiente acomodação p^a tal ministerio (...)*» (121). A 2 de Dezembro do mesmo ano as obras estavam feitas no sítio indicado (Doc. XVI) e segundo as instruções do arquitecto.

(118) A.U.C., *Universidade de Coimbra — Obras*, Dep. IV, S. 1^aE, Est. 10, Tab. 1, N^o 18, doc. avulso.

(119) Pelo menos, as obras no açougue do peixe, concluídas pelo mestre carpinteiro Joaquim Simões, estariam pagas em 30 de Agosto de 1799: A.U.C., *Livro de Contas das Obras da Universidade*, fl. 27.

(120) A.U.C., *Plantas e Desenhos*, Dep. III, Sec. 3^a, Gav. 34, doc. avulso.

(121) A.U.C., *Idem*, doc. avulso.

Sob a tutela da Universidade estava também, a partir da provisão pombalina de 19 de Abril de 1774, o velho hospital de S. Lázaro. Com raízes anteriores ao século XVI, o hospital situava-se na antiga gafaria na zona da actual av. Fernão de Magalhães à saída da cidade. Na primeira metade do século XIX (1836) foi abandonado pela transferência dos gafos para o colégio de S. José dos Marianos (122). Da sua disposição nada saberíamos se não fora o mapa elaborado por Macomboia em Outubro de 1803 (Fot. 13), através do qual é possível a reconstituição das dependências ligadas ao hospital há muito tempo desaparecido. Hoje, a evocar a sua presença, pouco mais resta do que o portal manuelino da capela, a gritar a incúria a que foi votado.

4 — A IGREJA DE S. BARTOLOMEU DE COIMBRA

No âmbito da cidade de Coimbra, vamos ainda encontrar o arquitecto a efectuar trabalhos atestados documentalmente mas cujas informações são pouco precisas. Tal é, por exemplo, o caso da igreja de S. Bartolomeu onde trabalhou de colaboração com Eusébio Vicente Valido, mas cujas áreas de responsabilidade são difíceis de definir (123). Macomboia não foi com certeza o autor da traça desta igreja, já pelas datas em que o principal dela é construído (1756-1776), já pelas diferenças entre esta e a igreja de Enxara do Bispo, indiscutivelmente de sua autoria, embora nelas prevaleça o mesmo sentido clássico e o emprego de elementos arquitectónicos idênticos, como os fogaréus, habituais nas suas construções.

5 — O AQUEDUTO DE S. SEBASTIÃO DE COIMBRA

Um tipo diferente de construções a que o arquitecto se dedicou foi aos aquedutos da cidade. O aqueduto de S. Sebastião foi alvo da sua atenção por necessitar de reparações urgentes (Doc. XVII).

(122) V. Correia e N. Gonçalves, *Ob. cit.*, p. 158.

(123) No «Correio de Coimbra», *Para a História da Igreja Colegiada de S. Bartolomeu de Coimbra. Quem foram os mestres da nova Igreja?* (4-10-1956), afirma-se ser da autoria do próprio Macomboia o risco da nova igreja setecentista.

Por insuficiência de abastecimento de águas ao mosteiro de Santa Clara, Macomboia torna-se o arquitecto responsável pelas obras de um novo aqueduto (Fot. 14) a partir da nascente de águas descoberta na Cruz de Mourouços (Granja), indo desembocar no já existente. Em 1783 já o artista trata de problemas relacionados com ele (Doc. XVIII), o que indica que as obras já teriam começado. Datam de 1789 dois planos (Fots. 15 e 16) bastante cuidados, de análise do trajecto do aqueduto e sua constituição, descendo ao pormenor da localização de algumas casas, entre as quais, uma de sua propriedade.

Os documentos que encontramos no Arquivo da Universidade referentes às obras neste aqueduto na década de 90, vão-nos dando conta do andamento das obras, da responsabilidade e contribuição da Universidade nas mesmas, dos homens que aqui trabalharam, os jornais que venceram e as condições de pagamento, dos custos da obra, das indemnizações pagas aos proprietários dos terrenos por onde passava, da constituição dos mesmos (Doc. XIX, XX, XXI, XXII, XXIII, XXIV). Em 1798, rasgava-se o último monte, (Doc. XXV) mas os trabalhos continuavam a decorrer em 1799 (124) e ainda em 22 de Fevereiro, o mestre canteiro Francisco de Sampaio arremata a obra de alvenaria para o aqueduto, «obra que vai correndo» (125). A verdade é que, por qualquer razão, as obras perderam o ritmo e foram-se arrastando, pois a 20 de Julho de 1802 a Junta da Fazenda publicava o seguinte aviso: «A Junta da Real Fazenda desta Universidade por despacho de dezasete de Julho Corrente, houve por bem conceder duzentas carradas de cal para não parar a obra do Aqueduto do Real Mosteiro

(124) Em 15 de Julho de 1799, Manuel José da Cunha Guimarães, rematou as carradas de areia e cal «q hade hir p^a o sitio do Aqueducto do Real Mostr^o de St^a Clara», por «onze vintets e sinco reis cada carrada, asim de area como de cal q ade mandar por no d^o sitio obrigandoce a por duas mil e coatro sentas de area e seis sentas de cal (...) e deu por seu fiador Vicente Jose Oliveira Almad^a Perdigaõ (...) Satisfez com o numero de duas mil duzentas e sincoenta carradas: que justamente importam em tanto qt^o recebo — 337\$500 + 168\$750: A.U.C., Livro de Contas das Obras da Universidade, fl. 26/v.

(125) A.U.C., Idem, fl. 34.

de Santa Clara, a fim de hir continuando a dita obra, emquanto a mesma Junta não dá outras Providencias» (126).

O papel desempenhado por Manuel Alves Macomboia, está bem expresso no acréscimo de 200 reis diários ao seu vencimento como mestre responsável desta obra (Doc. XXVI) e no conjunto das obras de S. Clara para onde efectuou, desde cedo, alguns trabalhos (Doc. XXVII).

(126) A.U.C., *Receita e Despesa da Junta da Fazenda da Universidade*, fl. 14, *Universidade de Coimbra - Obras*, Dep. IV, S. 1ªE, Est. 10, Tab. 1, N. 18.

Que as obras continuariam a arrastar-se, provam-no documentos como a nota de pagamento a Manuel Gaspar Coelho, em 1802, pela venda de 220 carradas de cal para o aqueduto: A.U.C., *Universidade de Coimbra - Obras*, Dep. IV, S. 1ªE, Est. 10, Tab. 1, N.º 18, doc. avulso.

CAPÍTULO III

AS OBRAS DE CARPINTARIA DE MANUEL ALVES MACOMBOIA

No tocante a obras de carpintaria, Macomboia dirigiu a obra do mausoléu a erigir por ocasião da morte de D. José em 1777. Aparecem-nos, assinadas por ele, diversas notas de pagamento desde Maio a Dezembro desse mesmo ano (127), para um monumento a figurar na capela da Universidade e para o qual não se conhecem apontamentos. Estava certamente pronto em Junho de 1778 (128).

Em 1785, novamente dirige os trabalhos de carpintaria, pintores e outros oficiais que organizaram as obras de iluminação, quando da visita a Coimbra em 3, 4 e 5 de Junho do Infante D. José (129).

Em 1793, voltará a ser o responsável pelo monumento «do castelo de madeira que se fez no meyo do pateo da Universidade para o fogo de artifício na função de Acção de Graças e demonstração de jubilo pelo nascimento da Serenissima Senhora D. Maria Princesa da Beira» (130). A 8 de Junho ajustava-se com o pintor espanhol Luis Martinez a pintura desta obra «pello preso dozoito moedas em q se convensionou dandolhe as tintas todas (...) fingindo pedra tudo de huma so cor e claro excuro (...) Cuija pintura não contando o dia de hoje se obriga a fazer em vinte dois Dias (...)» (131). O monumento (Fot. 17), de dois andares preenchidos

(127) A.U.C., *Universidade de Coimbra - Contabilidade - Obras*, Dep. IV, S. 1ªE, Est. 12, Tab. 5, N.º 2.

(128) A 27 de Junho, Bernardo Alves pintor, recebeu da Universidade 192\$200 reis pela pintura e douramento da essa feita na Real Capela, para as exéquias de D. José I: A.U.C., *Receita e Despesa*, Livro 3, fl. 13.

(129) A.U.C., *Administração e Contabilidade - Obras*, 1785-1787.

(130) A.U.C., *Receita e Despesa*, Livro 8, fl. 177. Doc. XXVIII; Doc. XXIX.

(131) A.U.C., *Livro de Contas das Obras da Universidade*, fl. 11/v-12, *Universidade de Coimbra - Obras*, Dep. IV, S. 1ªE, Est. 10, Tab. 1, N.º 20.

por figurações simbólicas a ladear uma parte central com um guerreiro e três medalhões figurativos encimados pelo escudo e coroa real; dominando tudo, a representação solar. Júbilo aliado a uma certa teatralidade é, de facto, o que emana desta construção onde se conjugam elementos clássicos como as balaustradas que dividem os vários andares e elementos de pleno barroquismo traduzindo o calor do movimento e flexibilidade.

O trabalho de Manuel Alves Macomboia não se confinou à cidade de Coimbra ou à dependência da Universidade.

Ao Cabido da Sé de Coimbra pertencia a igreja de S. Julião da Figueira de Foz para a qual o mestre contrata em 1782 a construção do retábulo (Fot. 18), (132).

Também ao Cabido pertencia a igreja de Assafarge, para a qual, o carpinteiro José Nunes, estabelece em 30 de Março de 1791 o contrato para a feitura do retábulo da capela-mor e casa do camarim da igreja por 139\$000, com obrigação de entregar a obra feita até ao fim de Julho do mesmo ano (Doc. XXX). O risco e a planta com os respectivos apontamentos foram feitos e desenhados por Macomboia com a condição de, «*quem rematar a dita obra (casa do camarim e trono) ficara com a obrigação de pagar pelo risco tres mil e duzentos ao Mestre Manuel Alves Macomboia*» (Doc. XXX). A obra do retábulo (Fot. 19) subsiste ainda, enquadrada na capela-mor. Sem o arrojado de outras obras, é um trabalho simples mas bem articulado em que o corpo central mais elevado equilibra a austeridade de conjunto.

O Museu Nacional de Machado de Castro, possui um desenho assinado de retábulo de altar com sacrário e respectiva planta para um local que não nos foi possível identificar; tão pouco sabemos se chegou a ser realizado. O desenho, revela mais uma vez a clara assimilação destas fórmulas, a evidenciar as concepções do neoclássico (Fot. 20).

(132) A.U.C., *Escrituras do Cabido da Sé de Coimbra*, Livro 74, fl. 51.

CAPÍTULO IV

OBRAS DE MANUEL ALVES MACOMBOIA NOS EDIFÍCIOS PERTENCENTES AO PADROADO DA UNIVERSIDADE

Em 1780 é mandado pela Junta, com o deputado Manuel Perdigão Vilas Boas, visitar as igrejas que pertenciam ao padroado da Universidade. Além do seu salário normal, enquanto em viagem, receberia mais 400 reis diários (133). Foi um longo trabalho em que elaborou desenhos e alguns apontamentos do estado de cerca de quarenta igrejas pertencentes à Universidade, compilados num caderno que se encontra no seu Arquivo (134). Alguns desenhos e plantas sucintos como Santa Eulália de Passos (Penafiel), Santa Maria do Vale, S. Bartolomeu de Vilar, S. Miguel de Riodades, Santa Catarina de Valongo, S. Miguel de Sago, outros a que dedica mais atenção e cuidados como S. Pedro de Roris, S. Miguel de Leça da Palmeira, Nossa Senhora do Pranto de Penela da Beira, ou, fundamentalmente, a igreja de Jesus de Matosinhos em que se aplica com esmero detalhado na fachada (Fot. 21). O tempo que demorou na execução destes trabalhos e as consequências que daí lhe advieram, é-nos dito pelo próprio Macomboia, na mesma folha da planta da igreja de S. João de Longos Vales: «*Fiz todos os riscos q tem este caderno no verão de 1788, e meses: parte de Agto. Setembro e pte de 8tbro do dº anno; e no fim deste anno comesei a uzar de oculos q athe li não presizava*».

A importância deste trabalho não necessita de ser realçada; em muitos casos constitui o único documento desta época referente à situação das igrejas em causa. Preservou-se, talvez, porque «*José*

(133) A.U.C., *Acordãos da Junta da Fazenda*, fl. 3, Dep. IV, Est. 14, Tab. 3, Nº 2. Doc. XXXI.

(134) A.U.C., *Plantas de Igrejas da Universidade*, Dep. IV, S. 3ª, Gav. 33.

da Costa folineyro fez hũ canudo para o Me MelAlz meter os riscos quando foy a vezita das Igrejas» (135).

Data deste mesmo ano de 1780 (a 15 de Abril), a reunião da Junta da Fazenda da Universidade, em que se determina que o mestre das obras Manuel Alves Macomboia vá à igreja de Santa Eulália da Cumieira (Vila Real) para mandar fazer os concertos necessários na capela-mor, sacristia e nas casas de residência da igreja fazendo os respectivos apontamentos (136). As casas de residência, fronteiras à igreja, mantêm ainda a sua estrutura setecentista e uma simplicidade que se não alterou. A sacristia é um exíguo compartimento completamente remodelado e das obras que se teriam realizado na capela-mor também nada sabemos, dado terem-se aí efectuado sucessivas reformas. Será igualmente o espaço, aquilo que subsiste desta empreitada.

Ao padroado da Universidade, pertencia também a igreja de Nossa Senhora da Assunção de Enxara do Bispo. Em 1777, a Junta da Fazenda deliberou mandá-la refazer, pela quantia de seis contos e 400 mil reis (137). A igreja, que seria uma pequena capela ostentando ainda vestígios de anteriores construções, como a abóbada gótica nervurada da capela-mor, duas portas manuelinas, uma pequena janela da mesma época e uma inscrição na fachada datada de 1534, é totalmente refeita (Fot. 22).

Em 1780, na folha de pagamentos de 20 de Maio encontramos a seguinte nota: «para o risco que fez o Mestre Manuel Alvarez para a obra de Enxara do Bispo comprouse 5 folhas de papel marca grande — 5/50/25, 3 pessos de lapis 3/40/120» (138).

Não será o projecto de reedificação da igreja, da total responsabilidade do architecto, pois, a 28 de Junho de 1781 o vigário da igreja, o Padre Filipe da Silva Gorjão, escreve a Macomboia, apontando defeitos do projecto que lhe haviam mandado da Ajuda e cuja obra estava a cargo de José da Silva e João Ferreira, dizendo também que havia suspenso os trabalhos e esperava soluções do architecto (139).

(135) A.U.C., *Administração e Contabilidade — Obras*, fl. de 11 de Novembro de 1780.

(136) A.U.C., *Acordãos da Junta da Fazenda*, fl. 2, Dep. IV, Est. 14, Tab. 3, N.º 2.

(137) A.U.C., *Idem*, fl. 101.

(138) A.U.C., *Universidade — Administração e Contabilidade — Obras*.

(139) A.U.C., *Universidade de Coimbra — Obras*, Dep. IV, S. 1.ª, Est. 10, Tab. 1, N.º 11, doc. avulso. No mesmo documento, há um pequeno desenho em que se vê a torre da igreja, mandando Macomboia que ela se suba oito palmos.

Certo é que acompanhou as obras de muito perto, pois encontramos várias notas de pagamento ao Mestre pela empreitada das obras da igreja e sacristia (Doc. XXXII e XXXIII) que já em Outubro de 1781 se encontrava «*mais de meya feita*» (Doc. XXXIV). O principal das obras estaria terminado no final da década, pois em 1793, já a Universidade efectuava pagamentos por custos de diligências relativas a pequenas obras e paramentos da igreja (140).

A igreja de S. Silvestre de Gradil (Mafra) situada muito próxima da anterior foi também, nesta altura, alvo de grandes remodelações em que o architecto participou (Doc. XXXII) embora, com certeza, em pequena escala, até porque nesta, as obras terão começado mais cedo (141). De qualquer modo, se compararmos as duas, a sua aproximação é indiscutível: a mesma estruturação espacial interna, o mesmo esquema de iluminação, a mesma configuração ao nível do coro, o mesmo tipo de torres sineiras (embora na igreja de Gradil as duas torres se situem ao lado da fachada, enquanto que na de Enxara do Bispo, a única torre se encoste à capela-mor), o emprego dos mesmos elementos architectónicos e decorativos...

Só alguns elementos denunciam a anterioridade da igreja de Gradil como o portal e a janela que o encima assim como o retábulo da capela-mor, manifestamente mais arcaico do que o retábulo de Enxara do Bispo, este bem ao jeito do architecto Macomboia.

Para outra igreja do padroado, S. Felix de Lafões (Viseu), forneceu em 1803 os apontamentos respeitantes às obras na capela-mor (Doc. XXXV) que «*só tem de comprido desde o arco cruzeiro athe o subpedaneo do Altar mor seis palmos, e que por ser assim muito pequena não se podem nella fazer com decencia as funções Divinas*» (142); da sacristia que «*só tem de largura nove palmos*» (143) e para as casas de residência do pároco. A 23 de Dezembro de 1803, celebra-se a escritura da arrematação das ditas obras por 665 mil reis pelo mestre Manuel João, obrigando-se este «*a fazella e dala completa na forma do risco e apontamentos athe o fim de Julho do anno futuro de mil e oito*

(140) A.U.C., *Livro de Receita e Despesa da Junta da Fazenda da Universidade*, Dep. IV, S. 1.ªE, Est. 10, Tab. 1, N.º 18.

(141) Uma das portas, ostenta a data de 1760.

(142) A.U.C., *Universidade de Coimbra — Obras*, Dep. IV, S. 1.ªE, Est. 10, Tab. 1, N.º 21, doc. avulso.

(143) A.U.C., *Idem*, doc. avulso.

sentos e quatro» (144). A verdade é que em Outubro de 1804, as obras não estão ainda terminadas mas, «em mto mais de meio pois estão feitas de pedraria, e mais d'ametade de carpintaria» (145). Profundamente remodelada em épocas futuras (a última remodelação efectuou-se há bem poucos anos), a igreja de S. Felix conserva ainda a pequenez de que o padre Reitor Manuel António Dias (1793-1807) se queixava em 1801. A sacristia mantém talvez o espaço exíguo e as casas de residência, anteriormente ligadas à igreja, estão agora em reconstrução tentando o desempenho do papel a que foram inicialmente votadas.

Embora as informações sejam escassas, podemos ainda detectar outros trabalhos efectuados por Manuel Alves Macomboia.

Assim, em 1778 foi por três vezes fiscalizar os trabalhos que o mestre Manuel Ferreira fazia nas casas de residência do lugar do Alvorge (Ansião) (Doc. XXXVI).

Em 1783, terá feito as plantas para a sacristia de S. Pedro de Mós (146), provavelmente executadas.

A partir de 1788, vemo-lo como empreiteiro das obras de reedificação da igreja de S. João da Talha e dos concertos das casas de residência da mesma (Doc. XXXVII).

A 4 de Março de 1788, dá um parecer sobre os apontamentos para as obras de concertos nas casas de residência da igreja de Fonte Arcada (Doc. XXXVIII).

Em 21 de Dezembro de 1800, voltará a emitir um parecer sobre os lanços dos rematantes das obras na igreja de S. Martinho de Grifões (147).

Em 1807, dá novamente um parecer sobre a necessidade de obras na igreja de Passos de Santa Marinha (Seia) incluindo um cálculo dos custos a suportar (Doc. XXXIX).

(144) A.U.C., Idem, doc. avulso.

(145) A.U.C., Idem, doc. avulso.

(146) A.U.C., *Universidade — Administração e Contabilidade — Obras*.

(147) A.U.C., *Universidade de Coimbra — Obras*, Cx 12, doc. avulso.

CAPÍTULO V

OBRAS DE MANUEL ALVES MACOMBOIA EM EDIFÍCIOS DAS BEIRAS

A actividade do arquitecto, estende-se também à cidade de Viseu para onde executou em 1797, as plantas e alçados de uma nova «*Casa da Câmara e Cadeia*» e a planta de um tanque e «*caldeiras*» para a cerca dos frades do Convento de Santo António de Maçorim que assinou: «*Macomboia fecit*» (148). Em 1799, voltará a Viseu para examinar a planta do hospital da Misericórdia, recebendo por dia 24.000 reis (149). Não foi certamente mais do que esta acção de fiscalização, o seu contributo neste edifício imponente de sobriedade neoclássica (Fot. 23).

Para outro tipo de construções será o mestre chamado a intervir: em 1780 é ele que fiscaliza o andamento das obras a decorrer na ponte da Barca junto a Maiorca (Doc. XL) e fornecerá em 1789, os apontamentos para as obras das duas pontes nos campos de Treixede (Doc. XLI). No ano seguinte, Macomboia desloca-se por duas vezes ao local fazendo as respectivas apreciações (Doc. XLII, XLIII, XLIV, XLV, XLVI).

(148) Alexandre Alves, *Artistas e artífices nas dioceses de Lamego e Viseu, «Beira Alta»*, vol. XLII, nº 2, Viseu, 1983, pp. 292-293.

(149) Idem, *Ibidem*. O hospital, cuja primeira pedra foi lançada em 29 de Março de 1793 pelo Bispo D. Francisco Monteiro Pereira de Azevedo, haveria de sofrer demorada espera; efectivamente, só em 1842, nele entrariam os primeiros doentes.

Finalmente, outro tipo de tarefas ligadas à Universidade faria ainda o mestre. À Universidade pertencia o chamado pinhal do Urso, na zona do Lourçal, que constituía fonte fornecedora de madeira para as obras em curso. Para além de tirar dele as necessárias medições e elaborar por diversas vezes (pelo menos em 1783 e 1798) o respectivo mapa (Doc. XLVII, XLVIII), Macomboia foi também incumbido de aí cortar a madeira e enviá-la para a Universidade (150). Ao pinhal era destinada uma casa, da qual faz em 1798 a planta e duas fachadas (Fot. 24) num tipo sóbrio e funcional.

(150) A.U.C., *Livro de Administração e Contabilidade. 1783-1784*, Est. 12, Tab. 4.

CONCLUSÃO

A sua actividade ter-se-ia iniciado em Lisboa, onde não faltaria trabalho nas grandes obras públicas mas onde o seu rasto se perde na penumbra da cidade. É em 1773 que dele nos chega a primeira notícia, altura em que, como vimos, chega a Coimbra por determinação régia para desempenhar as funções de mestre de carpintaria das obras da Universidade com jornal diário de 600 reis. Brevemente, passará a acumular o cargo de mestre de alvenaria e a partir do afastamento de Elsdén, em 1777, aumentam as suas responsabilidades. Depois da passagem do engenheiro militar José Carlos Magne à frente das obras, Manuel Alves Macomboia passa a assumir, a partir de 1782, toda a responsabilidade de execução dos riscos, desenhos e apontamentos necessários para as obras de pedraria, carpintaria ou quaisquer outras, vigiando o decorrer dos trabalhos e emitindo os pareceres adequados, fazendo os apontamentos para os concursos de empreitadas, etc. Torna-se assim, o mestre arquitecto de todas as obras da Universidade, quer da área citadina quer das obras das igrejas do padroado daquela; trabalha para o cabido e é o inspector das obras do Convento de Santa Clara. Manuel Alves Macomboia é o homem que planeia, executa e vigia a execução.

Durante longos anos exerceu uma actividade esgotante que lhe minou a saúde e já em 1805 requeria «*ser aleviado dos trabalhos mais pezados, em atenção a sua idade, falta de vista; e outras molestias, e obteve o ser despençado como requeria, nomeandose outro em seu lugar, que ficou ficou respondendo para o supplicante, mas este (Macomboia) obrigado a fazer todos os riscos neceçarios em quanto podece*» (151), deprendendo-se, portanto, a obrigação de residir em Coimbra.

(151) Sousa Viterbo, *Diccionario Histórico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes ou a Serviço de Portugal*, Vol. II, Imprensa Nacional, Lisboa, 1904, p. 450.

Em 1810 desloca-se a Lisboa com a autorização da Universidade e é da capital que assiste às invasões francesas que devastam o país e a sua casa em Coimbra (152). No mesmo ano, vai para Monsaraz onde reside um filho e passa uma delegação de poderes a Francisco da Paula Gomes para receber os seus ordenados (Doc. L). Como a Universidade reclamasse a sua presença, empreende, numa idade avançada, a viagem novamente até Lisboa onde adoece gravemente (Doc. LI e LII).

Finalmente, a 29 de Janeiro de 1812, a Junta da Fazenda considera que o mestre «*se acha impossibilitado pela sua idade e molestias para poder continuar para o futuro no serviço da Universidade, e alem disto he claro, que elle a tem servido ha muitos annos, sempre com honra e zelo (...), aliviando-o de todo o trabalho, e athé mesmo da obrigação de rezedir nesta Universidade (...)*» (Doc. II).

Nem sempre o trabalho do mestre foi devidamente recompensado pela Universidade. A documentação dá-nos muitas vezes conta das dificuldades económicas que atravessou nessa odisseia de mais de 30 (trinta) anos de labor intenso. Se por deliberação régia começa a vencer 600 reis diários, logo em 1778 vamos encontrá-lo a receber 400 reis (Doc. LIII); em 1787 o artista reclama à Junta o levantamento da suspensão da sua jorna, o que acontece a 7 de Novembro (153). Em 1796, pedia para que lhe fosse aumentado o ordenado, dado ter a seu cargo todas as obras de carpintaria e arquitectura da Universidade e também as obras do Convento de Santa Clara (Doc. I). Em 1800 e 1801 é obrigado a pedir à Universidade um empréstimo de 48.000 reis e 60.000 reis respectivamente (154) evidenciando a sua falta de meios. Em 1812, no já referido despacho da Junta se deliberava que se lhe mandasse «*pagar aqui ao seu procurador o sallario dos seis centos reis diarios que vence como Mestre das Obras da Universidade: pelo que pertence porem aos duzentos reis que percebia como Inspector do aqueducto de Santa Clara, pairesse que para o futuro deverão pertencer a quem houver de ter a referida inspecção*» (Doc. II). Estava definitivamente fixado o seu salário; acabava a ganhar o que fora estabelecido cerca de trinta e cinco anos antes: 600 reis diários.

(152) Idem, *Ibidem*.

(153) A.U.C., *Universidade — Obras*, D. IV, S. 1ª, E. 10, T. 1, Nº 11.

(154) A.U.C., *Universidade, Receita e Despesa*, Livro 10, fl. 116 e 199.

Não foi certamente uma vida fácil e o artista atravessou períodos de grande agitação profissional gerada pela diversidade e complexidade dos seus trabalhos. No verso de uma planta do aqueduto de Santa Clara (Fot. 15) fomos encontrar, escritas pelo seu próprio punho, palavras donde ressalta o sentimento de desespero: «*Meu Deos Meu Deos Meu Deos Meu Deos Valeime Valeime Valeime Valeime Valeime Valeime Valeime Valeime por vosa Divinna bonde. por vosa devinna Bondade secorreime secorreime por vosa divinna Bondade por vosa Divina Misericordia por vosa divina Misericordia sim meus Deos meu Pai meu Criador meu Jezus Meu Redentor e todo o meu bem Valeime Valeime conforme a nessesidade q eu tenho de vos e valeime pª sempre Primeiro com os bens expirituais q p acderem comdozisme a vida Iterna e depois com opresivo pª a vida temporal. vos meu Deos bem sabeis o meu entrior. valeime conforme elle = se não he p'luzaõ eu detesto aborreso, e abomino e senta. vos quero amar em expirito e verdade*». As razões que motivaram esta oração perturbante e caudalosa não as pudemos encontrar.

Não deixou a Universidade de lhe reconhecer o esforço e o mérito: em 1805, determina-se que por morte do architecto as suas duas filhas fiquem com uma tença anual e vitalícia de 25.000 reis cada uma (Doc. LIV, LV, LVI, LVII).

É provável que Macomboia não mais tivesse voltado a Coimbra desde 1810. Morre em Lisboa a 11 de Março de 1815, sendo aí sepultado na igreja de Santa Justa (Doc. LVIII).

A grande importância deste artista, reside, não só no facto de ter acompanhado e ajudado durante tantos anos a erguer o sonho pombalino, num processo muitas vezes árduo em que Manuel Alves Macomboia constituiu, efectivamente, uma peça fundamental, mas também porque é a ele que se deve, em grande parte, a profusão dessa nova gramática estilística introduzida por Elsdén. É um homem que, começando a sua carreira como mestre carpinteiro, irá estender à medida das suas capacidades, as fórmulas vigorosas do neoclássico, incentivando o «debate» com as linhas barrocas decadentes. Um artista que não pode ser esquecido no âmbito cultural de uma época conturbada de intensa renovação, na tentativa de sobreposição do «moderno» sobre o «antigo», na viragem para um novo século e um novo tempo artístico.

DOCUMENTOS

DOC. I

«Diz Manoel Alves Macomboia mestre das obras desta Universidade que vindo para ellas por insinuação régia na qualidade de mestre carpinteiro em 1774, vencendo 600 reis por dia; como porque ao depois na falta, ou vacaturia do mestre de alvenaria, e cantaria se apresentasse em que o supplicante tinha capacidade para simultaneamente desempenhar estes 3 distinctos officios tomara o mesmo sobre seus ombros naõ só as pessoas obrigações de cada hum delles, mas ainda se atrevera a responder pelas de architecto, fazendo como um fecto desde a auzencia dos engenheiros todos os desenhos e riscos necessarios, tanto para as obras da Universidade; como para as do Real Mosteiro de Santa Clara aonde igualmente tem executado as referidas occupaçoens, sem que por todo o expellido trabalho percebido mais do que o sobre-dito sallario, a excepção do acrescentamento de 200 reis que durante a maior influencia das obras da Universidade se lhe fizera pela responsabilidade de carpintaria que somente administrava, facto este que favorece a presente supplica, como tambem da quantia de 90 mil reis que como ajuda do custo se lhe deraõ tocante as obras de Santa Clara.

E porque he bem facil de comprehender quanto he arduo, e o trabalho de todas as sobreditas occupaçoens reunidas e proveitosas a fazenda destas 2 reais corporaçoens pouparem as excessivas despezas que necessariamente haviaõ fazer-se existindo os ditos officios separadamente na conformidade das regias instruçoens, como em outro tempo existiaõ em cada huma das ditas obras, não sendo por outra parte coisa ordinaria a encontrar e sugeito em quem concoraõ os conhecimentos theoricos e praticos de todos os ditos officios ou artes, com as circumstancias de huma actividade constante, zello, e intelligencia necessarias para o dezempenho de taõ laborioza, e complecada occupaçaõ. Requezitos estes que o supplicante se suppoem abelitado para aspirar, e pedir huma remuneraçaõ a tudo proporcionada.

Persuadido o supplicante que as intenções de Sua Magestade sempre firaõ de remunerar o trabalho de quem tem a honra de o servir, e que das piissimas entrenhas de V. Ex^a se naõ pode esperar se naõ huma inteira conformidade com as mesmas intenções, repetidas vezes manifestadas com tantos individuos desta Universidade em identicas circumstancias, e já praticadas com o mesmo supplicante no referido acrescentamento.

Pretende este que V. Ex^a attendendo ao expendido, e ao zello com que tem servido esta Universidade, pois he claro que para vencer os 600 reis por dia bastava empregar-se no dito officio de carpinteiro, se digne, pelo que respeita as obras da Universidade, acrescentar-lhe o jornal a proporção do que dezempenha, pois ja vencera mais com menos occupaçoens.

E pelo que respeita as obras de Santa Clara, estabelecer hum sallario que nunca teve pela responsabilidade desta administração, tendo em vista do muito que tem trabalhado, a carestia dos viveres, o facto constante do documento junto, por onde se mostra que José Carlos percebera a titulo de architecto de ambas as obras 960 reis diários repartidamente, ficando ao arbitrio de V. Ex^a julgar se a referida ajuda de custo que levou pelas obras de Santa Clara, e de 100\$000 em que pouco mais ou menos tera recebido pelas da Universidade he bastante recompensa para tanto trabalho. Portanto de o futuro instituido para a supplicação outra alguma ajuda de custo.

O administrador Bernardo Correia de Azevedo Morato o tinha assim entendido e faça lançar nas folhas respectivas.

Coimbra em Junta de 28 de Mayo de 1796.»

(A.U.C. — Universidade, *Obras*, caixa n.º 11, doc. avulso).

DOC. II

«Senhor. — Pelo Regio Avizo de trez de Dezembro de mil oitocentos e onze foi Vossa Alteza Real servido mandar que sendo vistos na junta da Real Fazenda da Universidade o requerimento e mais documentos juntos de Manoel Alves Macombo Mestre Architetto da mesma Universidade houvesse a Junta de consultar o que parecesse justo sobre a sua pertença. O supplicante pede que Vossa Alteza Real em attenção aos seus longos e bons serviços e as graves molestias que este padecendo, e que o impossibilitão inteiramente para continuar no serviço da Universidade se digne ordenar que se lhe satisfação como dantes os seus jornais de oito centos reis diarios continuando elle a viver na cidade de Lisboa aonde actualmente se acha: porem como o supplicante se queicha que a Junta já indevidamente lhos tem suspendido; a Junta tem a honra de pôr na Real Prezença de Vossa Alteza os factos que tem precedido neste particular, e o que a este respeito ella tem praticado afim de que a Vossa Alteza Real conste que o procedimento da Junta tem sido sempre conforme as Reaes Ordens de Vossa Alteza Real.

Por occasião da Reforma e nova Fundação desta Universidade foi o supplicante por Ordem Regia tirado as Obras Publicas de Lisboa, e mandado vir para a Universidade para Mestre Alvi-carpintaria com o jornal de seiscentos reis diarios, e vindo a faltar em mil setecentos setenta e sete o mestre pedreiro e o architecto Guilherme Elsdén em mil sete centos oitenta e dois ficou o supplicante dezempenhando as obrigaçoens destes dous empregos alem das que já tinha pelo mesmo jornal de seiscentos reis diarios pois que a este tempo já estavam acabadas as mayores obras desta Universidade.

No mez de Mayo de mil sete centos noventa e seis representou o supplicante a Junta o seu antigo e bom serviço não só nas obras da Universidade e suas administraçoens mas taobem na Inspecção do Aqueducto do Real Mosteiro de Santa Clara de que tinha sido encarregado; e a esta representação deferio a Junta por despacho de vinte oito do mesmo mez e anno mandando contar o supplicante na forma do costume com o sallario de oitocentos reis a saber seis centos reis

que já percebia pela Repartição das Obras da Universidade e de suas administrações e duzentos reis pela Inspeção das Obras do Real Mosteiro de Santa Clara; declarando porém que o supplicante ficava inhibido de requerer para o futuro outra ajuda de custo.

Pelo Regio Avizo de trinta de Julho de mil oitocentos e cinco foi Vossa Alteza Real servido mandar attendendo ao prestimo e intelligencia com que o supplicante tinha servido a Universidade por mais de trinta e dois annos, que ficasse dispensado dos trabalhos mayores para que se nomearia outro mestre, ficando porém obrigado a fazer os riscos necessarios em quanto podesse, e a responder como Architecto á Universidade sempre que lhe fosse ordenado o que requer rezidencia na mesma Universidade; e querendo Vossa Alteza Real remunerar ainda mais os seus serviços e merecimentos foi outro sim servido mandar que por seu fallecimento se desse a cada hũa de suas filhas, mas sem suprevivencia de hũa para a outra a tença annual de vinte e cinco mil reis, sem que esta graça porém houvesse de servir de exemplo a algum outro pretendente.

No mez de Julho de mil oitocentos e onze achando-se o supplicante auzente em Monseras requereu á Junta que para segurança de alguns jornaes que percebe como Mestre Architecto desta Universidade que podessem ser recebidos depois da sua morte pertendia dar em hipotheca hũa morada de cazas que possui nesta cidade e os seus competentes rendimentos; e conhecendo então a Junta que o supplicante estando auzente não cumpria com as obrigações a que ficara ligado pelo mencionado Avizo Regio expedio ordem a o Administrador das obras para o não metter em folha sem que se recolhesse a Coimbra. Em fim no mez de Novembro proximo passado fez o supplicante constar a Junta que em observancia do mencionado Despacho tinha começado a sua jornada para Coimbra, porém que tendo adoecido em Lisboa, e achando-se por isso não só impossibilitado para continuar a jornada, mas athe mesmo privado de meyo para poder subsistir e curar se pedia a Junta lhe mandasse pagar, ao que a mesma Junta defirio mandando lhe pagar o que lhe competia meramente como Mestre das Obras da Universidade attendendo aos annos de serviço do supplicante e a ter adoecido estando já em caminho para esta cidade: em cujos termos

Parece á junta que não negou indevidamente ao supplicante os seus jornaes, e que se o obrigou a que se recolhesse foi para cumprir as ordens de Vossa Alteza Real: com tudo como o supplicante mostra pelos documentos juntos que se acha impossibilitado pela sua idade e

molestias para poder continuar para o futuro no serviço da Universidade, e alem disto he claro, que elle a tem servido ha muitos annos, sempre com honra e zelo, a Junta o concidera merecedor de que Vossa Alteza Real aliviando-o de todo o trabalho, e athé mesmo da obrigação de rezedir nesta Universidade se Digne fazer lhe a Graça de lhe mandar pagar aqui ao seu procurador o sallario dos seis centos reis diarios que vence como Mestre das Obras da Universidade: pelo que pertence porém aos duzentos reis que percebia como Inspector do aqueducto de Santa Clara, pairesse que para o futuro deverão pertencer a quem houver de ter a referida inspecção: pois Dignando-se Vossa Alteza Real conceder agora ao supplicante o sallario diario de seis centos reis sem obrigação algũa nem mesmo de rezidencia, e alem disto tendo já concedido duas tenças de vinte e cinco mil reis ás suas duas filhas, com isto recebe pelos seus serviços hũa bem attendivel remuneração. Vossa Alteza Real por m mandará o que for servido.

Da Universidade de Coimbra em Junta da Fazenda de inte e nove de Janeiro de mil oitocentos e doze:

Francisco Antonio Duarte da Fonseca Montanha, Vice reitor = João Joaquim Bernardino de Brito = José Telles da Silva = João Anastacio do Coutto = Costodio Manoel Teixeira.

Como parece. — Palacio do Governo em 18 de Fevereiro de 1812. = Quatro rubricas.»

(Torre do Tombo. — Papéis do Ministério do Reino, maço 517, in Sousa Viterbo, *Diccionario histórico e documental dos Architectos, Engenheiros e constructores portuguezes ou a Serviço de Portugal*, Vol. II, Imprensa Nacional, Lisboa, 1904, pp. 456-457).

DOC. III

«Senhor Adeministrador

O portador deste mestre Pintor Antonio Simões que rematou a pintura e decorados do novo trono portatil da Rial Capella da Universidade por preco certo de dezoito mil reis; tem comprido; e se resebeu a sobredita obra, em termos de se lhe satisfazer; e por verdade lhe pasei o presente em 20 de Março de 1784

Mell Alz Macombo»

(A.U.C., *Livro de Administração e Contabilidade — Obras, 1783-1784*, Est. 12, Tab. 4).

DOC. IV

«Exmo e Rmo Snr

Reprezenta a V. Ex^a Manoel Alves Macombo, que como Mestre Carapinteiro das Reaes Obras desta Universidade, precebia diariamente seu ordenado, porem este se lhe suspendeo, quando deu principio a huma obra da Junta, e Secretaria, que por empreitada a tomou, e como esta seja finda recorre a V. Ex^a para q pela sua innata Piedade, haja por bem de mandar contar o supplicante na forma do costume, para o diante, atendendolhe tambem ao trabalho que sumamente teve, no expediente de todas as mais obras da mma Universidade, a que sem a mais minima falta vigilava, e administrava, razaõ que motiva o supplicante a fazer lembrado a V. Ex^a o ponderado nesta parte, e a naõ poder deixar de fazer esta diligencia pela urgencia que tem sentido o supplicante e sua caza, especialmente naõ sendo importancia menor, por ser o producto de 35 somanas, que tanto durou a dita obra, o que, sendo do agrado de V. Ex^a e parecer justo deferirlhe, precedendo pr^o as informaçoes q forem convenientes esperar

R M»

«Na Folha respectiva das obras se lance ao supplicante o salario de Mestre dellas que antes da sua Empreitada da obra da Reformaçaõ do Plano baixo do Paço das Aulas percebia. Coimbra em 24 de Abril de 1779.

B. Ref.»

(A.U.C., *Universidade de Coimbra — Obras*, Dep. IV, S. 1^a E, Est. 10, Tab. 1, N^o 21, Doc. avulso).

DOC. V

«Senhor Adeministrador

Thiatonio da Silva pedreiro que ajustou fazer = e tem feito = as arematasois de estuques nas sallas do Palasio Reitoral desta Universidade; pode se lhe mandar satisfazer a meia moeda porque ajustou a sobredita obra. e por verdade lhe pasei o presente em 8 de Abril de 1784

Mell Alz Macombo»

(A.U.C., *Livro de Administração e Contabilidade — Obras, 1783-1784*, Est. 12, Tab. 4).

DOC. VI

«Porta de ferro para o Claustro debaixo das Aulas. concluhiose a dita obra em 4 d'Outubro de 1798. e se pagou.

Neste dia 22 de Agosto de 1798 se rematou a Pedro Leal Mestre Sarralheiro a factura de huma grade de ferro por medidas, e dezenho q se fes por exboso (...) he a dita grade para o portal q entra na claustra baicha das Excolas. E forao testemunhas Manuel Alves Macombo Mestre das obras da mesma; e Jose dos Reis fiel da mesma (...) declarace q o valor do ferro se ade abater no tatal emporte de outenta reis cada aratel

de Jose + dos Reis esta Crus
Mell Alz Macombo
Pedro Jose Leal
João Jose Cerqueira
O Administrador Leal»

(A.U.C. *Livro de Contas da Universidade*, fl. 17/v, Universidade de Coimbra — *Obras, Dep. IV, S. 1ª E, Est. 10, Tab. 1, Nº 20*).

DOC. VII

«Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor.

A Voça Excelencia e mais Senhores representa Manoel Alves Macombo a quando da previzaõ que ha de se mandar fazer por esta Universidade huma devizaõ naõ emtrina no lugar aonde agora se acha de tabuado ou parte delle junto a porta prensipal do Rial Colego das Artes por se ter furtado huma grande parte de madeira daquele sitio e servir de dezunestos prosederes em sinistros cazos, o que pode emformar o professor Antonio Carrelhos e outras pessoas de probidade e por iso.

Informe o administrador das Reaes Obras da Universidade.
Coimbra 13 de Agosto de 1784
Barreto P.

Ao supplicante se digne Vossa Excelencia e mais Senhores mandar determinar se faça alguma devizaõ de pedra e cal com seu desente portal, com disposiçaõ para o futuro comaddo do Rial Colejo»

(A.U.C. — *Universidade, Obras do séc. XVIII*, doc. avulso).

DOC. VIII

«Exmo e Rev. Senhor

Mandando-me o administrador das obras desta Universidade Bernardo Correia de Azevedo Murato que fizesse conta como que o empreiteiro rematante da obra de devizes e acomudasois de baixo das aulas do Rial Colegio das Artes Menores Manuel de Morais. Com distensaõ do que elle fes de mais que o seu contrato para se lhe satisfazer foi forsozo que avirguase tambem o que lhes faltava para total complemento da sobredita empreitada, para cuio fim medi, contei e avaluei quanto era de natureza de asim ser feito; e axei que com tabiques = portas = emxhameis = huma jenelinha, e huma bandeira emportaraõ pelos preços mais medios porque se tem satisfeito a outros emporta o que fez de mais em _____ 22.403

O que lhe falta para tatal complemento em parede de pedra e barro = rompimento de paredes = factura de emxameis = portas e garnisois para os mesmos, com todo o reboco e dias... emportou feita a conta pellos sobreditos presos medios a coantia de — 10.460 reis

E por asim se pasar na verdade. fiz este que asignei
Em o dia de 26 de Julho de 1786
O Mestre das Obras da Universidade
Mell Alz Macombo»

(A.U.C., *Livro de Administração e Contabilidade — 1786*).

DOC. IX

«Exmo e Rmo Snr

Como fosse necesario hir a hum corredor excuro, e comprido q ha suterranio por detras dos armazens emfrieos do Colejo das Artes adonde avia tempos se naõ hia se axhou q por meio de huma pursaõ de desmancho de parede, e muito emtulho aronbaraõ hum vaõ q agora se ve ser arco q foi tapado e dele se naõ dava fe. e depois do dito desmanxho e sobre o dito emtulho, e pedra se ve huma pia de pedra quebrada, q mostra sahio do dito vaõ. e mostra q arcama dos q andaõ buscando minas, ali a buscaraõ; e como he nesario tapar o dito sitio de parede, para q naõ perige o Patio, das Artes, em seu pavimento, adonde vai alegando a altura de emtulho ancinado, com perigo evidente de cahir, quem naõ sober da mina suterrania, faço a pte lenbrança para q V. Exa ou mande eizaminar pro ou tapar como he nesario o dito vaõ

Em 5 de Julho de 1787

O M(estre) Mel Alves Macombo»

(A.U.C., *Universidade de Coimbra — Obras*, Dep. IV, S. 1ª E, Est. 10, Tab. 1, Nº 21, Doc. avulso).

DOC. X

25 de Maio de 1791

«E trinta outo mil quatrocentos reis

Que entregou a Manoel Alves Macombo mestre das obras da Universidade que as dirige principalmente fazendo os riscos apontamentos dellas deo se lhe a dita quantia por huma so vez somente em attençãõ às que actualmente se fazem e sobretudo à do novo observatorio nos Paços da Universidade.

Mel Alz Macombo»

(A.U.C., *Universidade. Receita e Despesa*, Lº nº 8, fl. 36).

DOC. XI

21 de Julho de 1792

«E nove mil seiscentos reis

Que pagou a Manoel Alves Macomboia mestre das obras da Universidade de resto da ajuda de custo que se lhe concedeo pelo trabalho que teve na obra do novo observatorio.

Mel Alz Macomboia

Luis José Foucaultt»

(A.U.C., *Universidade. Receita e Despesa*, L^o n^o 8, fl. 120).

DOC. XII

«Illmo e Rmo Snr.

Diz Mel Alz Macomboia q he verdade elle supplicante assiste por favor em cazas desta Universidade mas como as ditas desde o tempo dos P. da Comp^a naõ foraõ concertadas e tem sido cortadas 2 vezes sem numca se lhe fazer reparos por iso se achaõ em lastimozo estado. por iso recore o supplicante a bonde de V^a Snr^a se dignem mandarlhe fazer algum reparo q naõ exsederá a 3 moedas

Portanto P. a V. Ilmo Reverendicima se digne atender o sup. no concerto q emplora

E R. M.»

«Informe o Administrador das Reaes obras da Universidade. Coimbra 11 de Outubro de 1783».

«Como tendo insinuaçaõ desta Junta, q com brevidade manda erigir o Theatro Anatomico. pela grande necessidade q ha delle, me parese naõ ter lugar o prezente requerimento. Coimbra de 8bro 29 de 1783

Bernardo Corr^a de Azed^o Morato»

«O Administrador mande proceder nesta obra com a maior economia e naõ excedendo a importancia de quatorze mil quatro centos reis. Coimbra em Junta de 8 de Agosto de 1785

Barreto P.»

(A.U.C., *Universidade de Coimbra — Obras*, Doc. avulso, Dep. IV, S. 1^aE, Est. 10, Tab. 1, N^o 18).

DOC. XIII

«Apontamentos de obra de canteiro em pedra de Otil com o precizo desmancho e novo asento de cantaria com toda a remata de parede e lavoura de cantaria de Ançaõ = Velha

Na forma do presente dezenho que se mostra —

Sera o portal das cazas da Universidade na rua do Norte feito de novo = a saber = as suas onbreiras de pedra de Otil de fina escola = os sepos com seus culunellos pegados da mesma estes que tinhaõ somente para o vaõ meio palmo e que façaõ toda a grosura da parede = que tem 3 palmos; e as ombreiras de porta de aduella e o precizo para xumbarem as feragens chumbadas e outra couza nova com as mais medidas mostradas no dezenho que se apresenta.

E da pedraria velha que sahir do antigo portall se fara com a preciza lavoura os frizos para toda a parede em sua aduella = os caxoros fora da figura que se mostra e da dita pedra de Otil.

O Portal sera por apontoado com toda a sigurança apiadas as ombreiras. Sentado o novo portal e de todo arematado em parede e quanto a elle dis respeito = sendo a custa do empreiteiro a compra das ombreiras e seus sepos; seu carroto e lavoura fig. Lavrado o novo forro de pedras velhas e tudo asente novamente e acabado. A Universidade dara todos os mais apontamentos nesarios a donde o costume ter e o empreiteiro tornara arumar quanto lhe subijar dentro no patio adonde naõ estrove a entrada.

Declarace que ade ser = quanta pedraria he antiga e fica servindo = limpa e tiradas as armas e ficara o escudo lizo.

Letra A denota a forma dos sepos com os culunellos que somente para o vaõ ande ter meio palmo

Em 24 de Abril de 1784 na Contadoria da Universidade em prezença do Adeministrador deu seu ultimo lanço de dezoito mil reis por que

se arrematou a José Francisco Birra desta cidade ofesial de canteiro que confecou entendia o que justava e por iso assignou em o sobredito em o dia e Era ut sup.

Mel Alz Macombo
José Francº Birra
Bernardo Corrª de Az. Morato»

(A.U.C., *Universidade, Obras do século XVIII*, doc. avulso).

DOC. XIV

«Ilustríssimo e Reverendíssimo Senhor.

Na forma das ordens de Vossa Senhoria expedidas pella Illustre Junta da Fazenda desta Universidade, ao administrador de suas obras, fui em comprimento deste, ver e ezaminar o que seria forcozo fazerce = em obra nova = no assougue do peixe e reparos no da carne, situados na Feira desta cidade e pertensentes a esta Universidade. Coanto ao do peixe somente estaõ capazes de servir a maior parte das suas paredes, e porque nesessitaõ levantadas para levar hum sobrado que em altura iguale o da carne, e em razaõ do levantamento que se fez a rua que por ali corre para o Castelo se ade mudar a entrada: meter outra com suas janelas, arcos ou colunas para sustentar o vigamento, e em sima emtrada com sua porta e coatro janellas; madeiramento e forro, e tudo isto na forma que se quer com todas as suas acomodasoins, naõ custaria = dando a caza os aviamentos nesesarios, menos de 100\$000 e em tudo emportaria = pouco mais ou menos em 300\$000.

No açougue da carne.

Em o reparo do madeiramento, solho, com todo o forro e janellas novas no plano alto, e pedrarias e grades de ferro no baicho tudo como bem se precisa de muita nesessidade, fara de despeza = pouco mais ou menos = tudo em 48\$000.

E tanto o conserto como a nova obra 348\$000.

Determinando Vossas Senhorias coalquer coiza a repeito das sobreditas duas obras, se fara para a obra nova risco, e para huma e outra apontamentos distintos.

Coimbra, 2 de Março de 1784
O Carpinteiro Manoel Alves Macombo»

(A.U.C., *Universidade, Obras*, documento avulso).

DOC. XV

«Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor.

A rogo do administrador das obras desta Universidade fiz a conta ao que com pouca diferença importariaõ as mais nesesarias obras que se precisavaõ de nesessidade em o assougue da Feira pertencente a mesma; e achei que em hum novo solho = reparo de madeiramento = forro novo = huma banca com seu burro = humas ou huma cadeira = hum tinteiro. Com os precizos reparos de pedraria e o mantimento de algumas pedrarias e grade de ferro se naõ despenderia de mais menos de 60\$000 reis e fazendo conta com os aviamentos deitara a coantia de 150\$000 reis.

He o que poço dizer ao dito respeito.

Em virtude do que os (*ilegível*)

Em 7 de Outubro de 1786.

O mestre Manoel Alves Macombo»

(A.U.C., *Universidade, Obras*, documento avulso).

DOC. XVI

«Illmo e Rmo Snr

Satisfazendo ao q se me ordenou no despacho encluzo de 26 de 9brº deste anno. o prèso o outro que se me pede e juntamente o Mapa q fiz debaixo as vistas, e pareseres do Snr Dor Jose Joaquim de Faria no sitio aonde se acha feito o novo matadouro. e neste, Mapa, letra G. se mostra a porta de q se faz a dita mençaõ; e a pedraria para a dita porta, e outra para a caza E. destinada pª guardar, couros, e suas respectivas ferragens, foraõ rematadas debaixo da vista do Adiministrador, a qm esta Ilustre Junta incomvio as nessesarias ordens; e da maõ deste se reseberaõ agora estes documentos q emtrego neste (*ilegível*) 2 de Dezembro de 1796.

Mel Alz Macombo»

(A.U.C., *Plantas e Desenhos*, doc. avulso, Dep. III, Sec. 3ª, Gav. 34).

DOC. XVII

«Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor.

A rogo do administrador das obras desta Universidade fui com António Rainho, e o sobredito ao sitio do castello eizaminar, e vêr quais seriaõ as causas da ruina que se aponta no aqueducto que conduz as aguas para esta cidade. E depois de feito o eizame prezizo dizemos que em hum anglo sahiente, e por iso o mais fraco que tem toda a muralha que serve de baze ao sobredito aqueducto. Logo que saõ acabados os arcos daquela obra quando os emtulhos dos desmanxos do antigo castelo de figura pentagno = ou de sinco quinas = ali se compesaraõ a lansar. Se dis cobria de hum e outro lado do sobredito anglo alguns sentimentos que paçado algum tempo por parte da Universidade requerimento da Camara pelo Juiz do Povo se se mandaraõ rematar. Do que se dis cobrem os vistigios.

Hoje porem que o pezo do muito emtulho que lhe fica sobrançeiro foi fazendo seu tatal asento se veem as fendas antigas do sobredito anglo mais excarnadas e abertas. Mais sem perigo do que posa cahir, ia ou em tempo breve. Comtudo nesesita reparado e feito com arte hum contra forte a maneira de muralha poresipiado sobre solido fundamento, de sorte que por huma ves fique siguro aquele precipio de ruina, em obra taõ importante. He o que podemos emformar e dizer ao dito respeito.

E assignamos em 10 de Fevereiro de 1788
O mestre Manoel Alves Macombo
António Rainho»

(A.U.C., *Universidade Obras do séc. XVIII*, doc. avulso).

DOC. XVIII

«Illmo e Rmo Snr

A respeito da revista da obra do masame p^a o Aqueduto das aguas p^a o Rial Mosteiro de St^a Clara. por ser somente obra de Pedreiro. desde a Clara boia notada no Mapa com a letra *A* ate testar no muro da serca do mesmo Rial Mosteiro. he meu parecer q dois pedreiros hum por parte desta Universidade outro pela do empreiteiro a vaõ ver e rever fazendolhe duas aberturas donde lhe parecer mais conviniente p^a q seia visto o seu emtrior, e asim se he todo fabricado de pedra e cal como se ajustou, e do q acharem pasem sua sertidaõ Jurada aos Santos Evangehos como he costume. Em 10 de Maio de 1783

do mestre Carptr^o Mel Alz Macombo»

(A.U.C. — *Universidade de Coimbra — Obras*, doc. avulso, Dep. IV, S. 1^a E, Est. 10, Tab. 1, N^o 18).

DOC. XIX

«No dia 19 de Dzbro de 1791 na caza das obras da Universidade sendo prezte o Administrador Mestre e Pagador da mesma e tendoçe prosed^o a arematasaõ de cada Brasa de rotura de aqueduto medido somente plo comprimento cada dez com a largura de tres calheira que posa andar se por dentro em pe. tudo saibro e penha viva conforme he ao prezte, e for aparecendo mais ou menos *riga*. deu o seu ultimo lanso, e se aseitou o Cabouqr^o Mel Joaquim do lugar do Arieiro de sinco mil reis, com a condisaõ de ser por sua conta o dezentulho corte factura azeite agusos de ferramentas; e destas e ferramenta lhe dara a Universidade comtanto q as sestas velhas voltem, e a ferramenta a resebera, e entregara a pezo q se liquidara na sobredita Caza da obra. de q se fes esta lembransa q serve de obrigasaõ ao sobredito Empt^o q este assignou com o sobredito Administrador

Mel + Joaquim
Morato»

(A.U.C. — *Livro de Contas das Obras da Universidade*, fl. 3/v, Universidade de Coimbra — *Obras*, Dep. IV, S. 1^a E, Est. 10, Tab. 1, N^o 20).

DOC. XX

«Pelo que importáraõ neste anno (1792) as Obras do novo aqueducto da agoa que tem seu nascente no sitio da Granja da Cruz dos Marouços, e se encaminha para o dito Real Mosteiro (St^a Clara) a saber

Em Despeza de materiais e aviamentos ————— 554\$185

Em Despeza de jornaes pagos por Folhas semanarias por conta do preço por que foi arrematado o dito aqueducto emquanto á maõ de obra nos Empreiteiros Luis Nunes e Joaquim do Valle ——— 193\$140»

(A.U.C. — *Livro de Receita e Despesa da Junta da Fazenda da Universidade, Universidade de Coimbra — Obras, Dep. IV, S. 1^a E, Est. 10, Tab. 1, N.º 18*).

DOC. XXI

«Despeza

Pelo que importarão neste anno (1793) as obras do novo aqueducto da agua, que tem seu nascente no sitio da Granja da Cruz dos Marouços, e se encaminha para o dito Real Mosteiro (St^a Clara) a saber

Em despeza de materiais e aviamentos ————— 2.313\$997

Em despeza de jornaes pagos por folhas semanarias por conta do preço por que foi rematado o dito aqueducto em quanto á maõ de obra nos Empreiteiros Luis Nunes e Joaquim do Valle ——— 689\$855

Pelo que se pagou a varios donos de fazendas pelas quaes ou junto das quaes passa o Encanamento da agua para o Mosteiro vinda do Nascente no sitio da Granja limite da Cruz de Marouços por conta dos damnos que as obras lhes cauzão na forma da respectiva avaliação a que se procedera por louvados peritos, com assistencia do Dezm-dor Vice conservador da Unde ————— 36\$400»

(A.U.C. — *Livro de Receita e Despesa da Junta da Fazenda da Universidade, Universidade de Coimbra — Obras, Dep. IV, S. 1^aE, Est. 10, Tab. 1, N.º 18*).

«Em 13 de Agosto de 1794 com comisaõ do Adiministrador das obras da Universidade e ultima rezulsaõ do Illmo Snr Vice Reitor. tendo-ce porsed^o a remataçaõ de serto comprimento de rompimento de cabouco em q apareseu gde coantidade de misto de pedra riga burgao e entulhos tudo no d^o comprimento nos mais emtulhos q Luis Nunes, e Joaquim do Valle como rematantes aviaõ ajustado conforme seu contrato, cuja pursaõ de cabouco se rematou ao d^o Joaquim do Valle por seis sentos reis cada Brasa de duzentos e sincoenta plmos cubicos. com condisaõ de pello d^o preso lancar fora do d^o cabouco todos os entulhos, e pedra q sahir do d^o corte ou rompimento ficando esta para obra propria da Caza, e naõ p^a elle d^o empreiteiro. Cuiã pedra sera arbitrada antes de ser posta em obra p^a ser descontada ao cabouqueiro do q se fes este termo na Caza das Obras da Universidade na presenca e plo Mestre Mel Alves Macomboã sendo prezte o Mestre Ant^o Rainho, e fiel da d^a Caza Jose dos Reis q todos assignaraõ, e logo apareseu como sosio Mel de Oliveira cbouqueiro do lugar do Burdallo q se conven-sionou com o d^o Joaquim do Valle como sosio e como tal tambem aqui assignou no d^o dia (...)

Joaquim da Valle
Manoel de Oliveira
Ant^o Fer^a Rainho
de Jose dos + Reis esta cruz
Mestre Mel Alves Macomboã»

(A.U.C. — *Livro de Contas das Obras da Universidade*, fl. 13/v, *Universidade de Coimbra — Obras*, Dep. IV, S. 1^aE, Est. 10, Tab. 1, N^o 20).

«Illmo e Rmo Snr

Requeru Joaquim do Valle ao Administrador q lhe mandaçe providenciar serto pursaõ de pedreira q ainda apareseu dentro no cabouco da pr^a purçaõ de obra e por ordem deste fomos oje, vimos, eizaminamos, e medimos, vimos q he pedra, qual pedra, huma milhor e outra pior de cortar, mas grde parte ade ser a pólvra, 60 palmos em comprimento com 11 de largo e 8 de alto, q fazem braças 21 Braças e 50 palmos saõ para rasgar ou excalar.

E para furar ha 114 de comprido por 11 de largo, e alto 12 sendo a abobeda de tigollo, esta pursaõ de Brasas 60 — e 48 palmos e huma e outra pursaõ, he pedra da coalidade dita. Mas esta por ade ser furada, e ade lancar desimt^{os} emtulhos alem da pedra, devera custar mais do q a pr^a coalidade.

Joaquim do Valle lançou fazer tudo, quer rasgar, quer furar a 1800 a Brasa, preso por q a pouco se ajustou o q se ouver de cortar ou excalar. Mas porq como d^o fica ha pedra mais e menos dura. Nós dizemos q pode xagar a fazerce athe 1500 e p^o menos.

Tudo se entende ser na obra de condutas de aguas p^a o Rial Mosteiro de St^a Clara, e estas medidas mais eizatas seraõ coando se medir a obra ja feita, mas pouco podera exseder.

Em 23 de 8tbro de 1794
Macomboã
Ant^o Fer^a Rainho»

(A.U.C. — *Universidade de Coimbra — Obras*, doc. avulso, Dep. IV, S. 1^aE, Est. 10, Tab. 1, N^o 21).

«Na dita minna da agua de St^a Clara, no dia 28 de 8tbro de 1794. Com comiçaõ do Adiministrador das obras de St^a Clara, tendo-ce prosedido a lancos, e vias p^a iso mesmo ante dentes a este apareseu Mel de Oliveira cabouqro do lugar de Burdallo, e deste se rematou cada Braça de rompimento de penha, quer molz quer mais riga q apareser em seita pursaõ de comprimento p^a o aqueduto q ade ser rasgado ou excalado, e bem asim outra sarta pursaõ q ali mesmo ade ser furada com 11 plmos de largo e o nessesario na altura p^a as paredes, e abobeda de tigolo com hum palmo e meio mais p^a se puder atacar por sima de emtulhos. Sendo o emtulho pedra e tatal linpeza a sua custa; e a preso de dezasete tostois e meio, ou mil e sete sentos e sincoenta cada huma, sendo a pedra sua, e por naõ aver menor lanco se aseitou este pormenor, o q foraõ presentes factos deste Mel Alves Macomboia, e Ant^o Rainho q este assignaraõ com Joaõ P^a dos Santos de Carvalho desta cidade (ilegível) q affiancou o sobred^o rematante, com a condicaõ de se lhe dar o q emportar a d^a obra em 3 pagamtos o pr^o no fim da pr^a semana de trabalho, o sigd^o no meio da obra, e o ultimo coando toda estiver acabada medida e aprovada. Sendo a pr^a obrigaçaõ deste comtrato o pegar ja e com mais coantidade de gente q puder trabalhar qd^o se puder venser esta obra antes de maior inverno; e com esta condiçaõ, os mais assignaraõ. sendo no fim medida por quem for ordenado pela Universidade.

Morato

e ade fazer só o q pertencer á primr^a Empreitada de Luis Nunes Manoel de Oliveira

Joaõ Per^a dos Santos Carvalho

Os pagamentos da obra constante asima seraõ a saber, o primeiro depois da pr^a semana de trabalho na d^a obra da coantia de sincoenta mil reis outro tanto coando toda a obra estiver a meio, e o q se lhe restar depois da obra feita e aprovada se lhe dara.»

(A.U.C. — *Livro de Contas das Obras da Universidade*, fl. 13/v-14, *Universidade de Coimbra — Obras*, Dep. IV, S. 1^aE, Est. 10, Tab. 1, N^o 20).

«Em 25 de Maio de 1798 na Caza das obras da Universidade e na presenca do Bel Bernardo Alexandre Lial Ademenistrador das mesmas tendoce preçedido a editais appareceraõ varios concorrentes para lançarem no rompimento ou furamento do ultimo Monte por donde passa a estrada que vai da povoa p^a a Crus dos Mourouços p^a a continuaçaõ do Aqueducto das Aguas pertencente ao Real Mosteiro de Santa Clara e entre todos depos de varios lanços appareceu Joaquim do Valle Me pedreiro do lugar de S. Martinho q se ofereceu fazer a obra seguinte: que hé romper o Monte com as larguras e alturas que forem necessarias para a formaçaõ de paredes e factura delas e da abobeda com forma em tudo comais obra que se acha feita (ilegível) em dois carros lhu nocho outro sobre os mencionados calhornos contado a betume revocos e total acavamento de todo o comprimento daquele Monte e dando a racha de alvenaria p^a toda a referida obra p^a a qual somente a Universidade dá o Tijolo e cal traçada quanta for presiza e que as despezas que no revisto que se ouverem de fazer e medeçoens da mesma obra seraõ todas a custa do mesmo Impreiteiro e desta forma se ofereceu fazer a d^a obra pelo preço serto de doze mil reis que se lhe aseitou por ser o menor e logo nomiou por seu fiador a Ant^o Fer^a Rainho do d^o lugar de S. Martinho que se lhe aseitou e foraõ testemunhas presentes o Me Mel Alves das obras desta unde e o pagador das mesmas obras que a rogo foi nesta o Mel de Oliveira do lugar de Bordalo.

Coimbra 25 de Maio de 1798

Joaõ Jose Cerqueira, Manoel de Oliveira, Joaquim do Valle, fiador Ant^o Fer^a Rainho, Mel Alz Macomboia, Bernardo Alexandre Leal»

(A.U.C. — *Livro de Contas das Obras da Universidade*, fl. 14/v, *Universidade de Coimbra — Obras*, Dep. IV, S. 1^aE, Est. 10, Tab. 1, N^o 20).

DOC. XXVI

«A Junta da Real Fazenda da Universidade Ordena a V M, que participe logo logo aos Empreiteiros das Obras do Real Mosteiro de Santa Clara, que do dia oito do Corrente em diante se lhes háde pagar as Folhas de despesa das mesmas Obras em dinheiro papel; e que o Mestre Manoel Alves Macomboia seja lançado nas mesmas Folhas de vinte cinco, em vinte cinco dias relativamente ao Sallario de duzentos reis diarios que vence como Mestre das mesmas Obras para ser tambem pago na mesma qualidade de dinheiro papel. Deos Guarde a V. M. Coimbra 6 de Abril de 1799

o Deputado Secretario da Junta e seu Contador Geral Marçal da Costa Barradas =
Sr Bernardo Alexandre Leal»

(A.U.C. — *Receita e Despesa da Junta da Fazenda da Universidade, Universidade de Coimbra — Obras*, Dep. IV, Est. 10, S. 1ªE, Tab. 1, Nº 18).

DOC. XXVII

«E trinta mil reis

Que pagou a Manoel Alves Macomboia mestre das obras desta Universidade de premio que a Junta lhe mandou dar em attençaõ a algum trabalho que teve com as obras do Real Mosteiro de Santa Clara.

Mel Alz Macomboia
Luis José Foucault»

(A.U.C. — *Universidade, Receita e Despesa*, Lº 4, fl. 112).

DOC. XXVIII

«E quatorze mil quatrocentos reis

Que entregou a Manoel Alves Macomboia mestre das obras da Universidade pela ajuda de custo que se lhe concedeo pelo mayor trabalho que teve no risco e direcção do castelo de madeira que se fez no meyo do pateo da Universidade para o fogo de artificio na funcão de Acção de Graças e demonstraço de jubilo pelo nascimento da Serenissima Senhoia D. Maria Princesa da Beira

Ezequiel Antonio Alves Macomboia»

(A.U.C. — *Universidade, Receita e Despesa*, Lº 8, fl. 177).

DOC. XXIX

«Illmo Snr e mais Snrs da Junta

Diz Manuel Alves Macomboia, Me das obras desta Universidade; q he notorio o excessivo trabalho q teve, com a funcão sumptuosa, q fez esta mesma Universidade ao feliz Nascimento da Serenissima Princeza da Beira, naõ so em relação á sua occupaço; porem em todas as mais; sendo certo, q neste assiduo trabalho gastou dias, e noutes, fazendo mais do q pediaõ suas forças, q apesar de estarem já cançada com o muito trabalho desta Corporaçã, sempre mostrou excesso ainda áquelles de menores idades; sendo por isso digno de huma remuneraço, pelo q

P. a V. S^a. e mais Snres se dignem em attençaõ á verdade bem conhecida; mandar-lhe contribuir com huma remuneraço, em attam. a tanto trabalho q teve

E R Mce.»

(A.U.C. — *Universidade de Coimbra — Obras*, Dep. IV, S. 1^a E, Est. 10, Tab. 1, Nº 21, doc. avulso).

DOC. XXX

Escritura de obrigação da obra do retábulo da igreja da Asafargea que fas Jose Nunes Carpinteiro do lugar de Selas ao Illustrissimo e Reverendisimo Cabido da Se Chatedral desta cidade.

Saibam quantos este publico instrumento de obrigação e aseitação dele ou como em direito mais firme e valiozo foi que sendo no Anno do Nascimento de Noso Senhor Jesus Christo de mil setesentos e noventa e hum annos aos trinta de Marso do dito Anno nesta cidade de Coimbra i em moradas do Illustrissimo Jose Simoins Conego prebendado e Capitular na Se Cathedral desta cidade aonde eu Tabelião vim como privativo do Illustrissimo e Reverendisimo cabido da mesma cidade por virtude do bilhete da destrebuição do theor seguinte «A Soares» Escritura de Obrigação da ofra do Retábulo da igreja da Freguesia da Asafargea fas Joze Nunes carpinteiro do lugar de Celas Haros desta cidade ao Illustrissimo e Reverendisimo cab do da Se Cathedral desta cidade «Coimbra vinte e oito de Marso de mil setesentos e noventa e hum» Destrebuida a folhas dezaseis «Silva» e não dezia mais a dita destrebuição que eu tabelião aqui copiei bem e na verdade ahi nas ditas moradas se achava presente de huma banda o Illustrissimo Jose Simoens Conego prebendado e capitular na Se Cathedral desta mesma cidade procurador que mostrou ser do Illustrissimo Cabido da Se Cathedral desta cidade o que me constou do Alvara de procuração ao diante copeado e da outra Jose Nunes mestre Carpinteiro morador no lugar de Celas Haros desta dita cidade e bem assim o capitão Antonio dos Santos Marques João Simoins e Jose de Souza da freguesia da Asafargea huns e outros reconhesidos de mim Tabelião e das testemunhas no fim deste instrumento nomeadas e assignadas de que dou fé e logo pelo sobredito Jose Nunes foi dito perante mim Tabelião e Testemunhas que ele estava justo e contratado com o Illustrissimo e Reverendisimo cabido da Santa Se Cathedral desta cidade de fazer a obra do Retablo da Capela mor e Caza do camarim da igreja da freguesia da Asafargea que tinha arrematado pelo preso de sen digo preso de sento e trinta e nove mil reis o qual lhe sera pago em tres pagamentos o primeiro no

prinsipio da obra de quarenta e seis mil e quatrocentos reis o segundo no mejo da dita obra de quarenta e seis mil e tresentos reis e o ultimo depois dela digo dela depois de ser examinada e revista por dois mestres do seo ofecio eleitos hum pelo Illustrissimo e Reverendisimo Cabido e outro por ele rematante e depois de ser aprovada a mesma obra pelos ditos dois mestres a qual ele rematante promete e se obriga a fazer com toda a perfeição e dala concluida e acabada ate o fim de Julho do presente Anno de mil setesentos noventa e hum declarado na forma do risco e apontamentos digo do risco e planta feita e deenhada pelo Mestre das obras da Universidade Manuel Alves Macamboa e a fazer todo o dito retablo de madeira de castanho sem podredão ou nodua alguma forto e com boas grossuras e outrosim tão bem se obriga a fazer as paredes que mostra o dito risco para a caza do Camarim ate a altura que baste para a elevação do dito retablo do qual se compoem a dita obra e de huma caza que de Novo se ade fazer para o Camarim e trono e para toda esta obra contribuire ele a rematante com toda as materias e oeciais nesenarios debaixo das sobreditas condisoins fazendo toda ela na forma do risco planta e apontamentos que se fizerão e ao deante vão copeados e no cazo de a não dar acabada athe o tempo convencionado podera o Illustrissimo e Reverendisimo Cabido sem mais citasão dele a rrematante mandala concluir pelos mestres e ofeciais que lhe pareserem e excutado pela despeza que nela fize e a satisfasão de tudo dise e dava por seo fiador e prinsipal pagador a Luis Nunes que prezente estava mestre Carpinteiro desta cidade he tãobem reconhesido de mim Tabelião e testemunhas de que dou fe o qual se obrigou a cumprir por ele arrematante todas as condisoens deste contrato como seo fiador e prinsipal pagador e a pagar ao Illustrissimo e Reverendisimo Cabido toda a despeza que fizer com a dita obra e prejuizos que reseber pelo arrematante e não fizer com perfeição conforme o risco planta e apontamentos e a não dar concluida no tempo prometido e ajustado ao comprimento de tudo obrigou hum e outro suas pessoas e bens avidos e por aver e logo pelos ditos capitão Antonio dos Santos Marques João Simoins e Joze de Souza foi dito que como pertensia ao povo da sua freguezia da Asafargea pagar a despeza da Caza do Camarim e Trono cuja obra for arrematada separadamente da outra do retablo pertensente ao Illustrissimo e Reverendisimo Cabido pelo digo Cabido pelo preso de sincoenta e hum mil reis se obrigava em nome do dito povo por sua pessoa e bens deles outorgantes a pagar ao mesmo Illustrissimo e Reverendisimo Cabido por seo procurador a

dita quantia de sincoenta e hum mil reis que por eles hade pagar ao dito arrematante i isto sem quebra demenuisão ou falensia alguma devidos em tres pagamentos dezasete mil reis cada hum na mesma forma que os paga o Reverendisimo Cabido cuja obrigasão tomavão em si pelo dito povo e como menbros dele i entersados na dita e se obrigavão a fazer o pagamento da dita quantia cada hum insolidum e hum pelos outros e pelo mais bem parado de seos bens e logo pelo Ilustrisimo procurador foi dito que em nome de seo Ilustrisimo Cabido em virtude dos poderes que em sua procurasão lhe são consedidos aseitava as obrigasaoens de todos os sobreditos e prometia fazer ao arrematante os pagamentos extipulados comprindo ele a todas as condisoins referidas asim da quantia dos oitenta e oito mil reis do preso do retablo que lhe pertensia pagar como dos sincoenta e hum mil reis que tocava satisfazer pela obra da caza do Camarim e Trono ao povo da freguezia da Asafargea e heu Tabelião como pesoa publica extipulante e asertante o estipulei e asertei tanto quanto em direito devo e poso de que consederão hum treslado do theor e os mais que comprirem e asinarão e asertarão todas estas partes e o theor dos apontamentos de que retro se fas mensão que me forão apresentados he o seguinte «Apontam digo o seguinte «Apontamentos do Retablo que se manda fazer na Igreja da freguezia da Asafargea «Sera feito este Retablo na forma do risco e planta tudo de madeira de castanho sem podridão ou nodoa alguma forte com boas grasuras farseão as paredes que mostra o risco para a Caza do Camarim que onde subir altura que baste para a inlevasão do mesmo devese lansar nesta obra em duas formas primeira no Retablo simplesmente que he só o que pertense ao Reverendo Cabido Segundo na Caza que de novo se fas para o Camarim e Trono que pertese ao povo da dita freguezia advertese aos lansadores que quem rematar a dita obra ficara com a obrigasão de pagar pelo risco tres mil e duzentos ao Mestre Manuel Alves Macambo» o Conego Jose Simoins e não se continha mais em os ditos apontamentos que eu Tabelião aqui copiei bem e na verdade dos proprios que me forão apresentados na digo apresentados os quais tornei a entregar ao Mestre empreiteiro arrematante e de como os resebeo asinou e a procurasão de que retro se fas mensão he o seguinte «Nos Deão Dignidades Conegos e Cabido da Santa Igreja Cathedral desta cidade de Coimbra Senhores donatarios dos coutos de Vila Nova de Monsarros Tavadede Aguium Paredes Val de Todos fazemos saber aos que este noso Alvara de procurasão virem que nos fazemos e conste-

tuiamos por nosos bastantes procuradores para todas as nosas couzas e suas dependensias movidas e por mover ecclesiasticas e siculares em quais quer juizas ou Tribunais deste Reino em que formos autores ou Reos ao noso irmaon o Senhor Joze Simoins para poder asinar a escritura do Rebablo da Asafarja a quem damos e consedemos todos os nosos poderes e o sem direito nesesarios para jurar em nosas almas de calumnia e outro qualquer lisito juramento e para procurar tudo o que pertenser a nosa Meza Capitular Regalias jurisdisoins observansia de nosos privilegios e duasoens e tudo o mais que for conduzente a bem de nosa justisa e poderã Apelar Agravar embargar vir com suspeisoens aos Memtros e ofeciais que nos forem suspeitos = Jurar asinar e intimar as suspeisoins produzir testemunhas contraditar as despartes e tornar a consentir nos mesmos juizes e officiais paresendolhe louvarse sobstableser esta em hum e muitos procuradores e Revogalos paresendolhes ficando esta sempre em seo vigor requerer exsecusoins contra noso digo contranosos devidores e tudo o mais que o direito permite aos procuradores com livre e geral administrasam e poderão lansarnos bens e arremates asinar quaisquer termos e fazer os dedezis-tensia? que forem nesesarios e so rezervamos digo e so rezervamos para nos todas as novas estasoens e tudo feito e requerido pelos ditos nosos procuradores ou por cada hum deles e de seos sobesteblesidos insolidum e bem de nosa justisa haveremos por firme e valiozo sobe obrigasão das vendas de nosa meza Capitular dada em Coimbra em Cabido nesta nosa Santa Igreja Cathedral sobe nosos sinais e selo da mesma meza capitular aos vinte e hum do mes de Marso de mil setesentos noventa e hum e Eu Jose de Albergaria Monteiro e Vasconselos Secretario do Reverendisimo Cabido o sobescrevi e asinei «Jose de Albergaria Monteiro de Vasconselos» Antonio de Napoles e Lemos mestre escola» Nuno Pereira Coutinho» Manoel de Abreu Pimentel Teixeira thizoureiro Mor» Diogo Leste Cabral Tavares» Diogo Vas da Cunha Sa e Melo» Antonio de Albergãria Monteiro» João Vieira de Melo Sampaio» e não se continha mais e na dita procurasão que eu Tabelião aqui copiei bem e na verdade da propria a que me reporto que fica em meo cartorio cujas letras e sinais nela contheudos reconheseo serem verdadeiros dos mencionados nela ao que forão a tudo o referido testemunhas presentes Joze de Amaral e Manuel Joze de Gouveia Ambos criados atuais do Ilustrisimo Conego Jose Simoins moradore digo Simoins moradores nesta rua do Loureiro e asinarão depois de lhe ser lido por mim Tabelião este instrumento

Jose Monteiro Soares que o escrevi = José Simoins» Jose Nunes resebi os apontamentos» como fiador Luis Nunes» João Simois o capitam Antonio dos Santos Marques» Jose de Souza» Jose de Amaral» Manoel de Gouvea = e não se continha mais em o dito instrumento que eu tabelião aqui fiz tresladar bem e fielmente e na verdade do proprio a que me reporto em fe de que sobescrevi e asinei e eu Monteiro Soares tabelião que o sobescrevi e asignei em testemunho de verdade.

José Monteiro Soares»

A.U.C. — *Cabido da Sé de Coimbra*, Documento Avulso.

DOC. XXXI

«E doze mil oitocentos reis

Que entregou a Manoel Alves Macomboia por conta dos salarios que ha-de vencer de quatrocentos reis livres diarios de acompanhar o deputado da Junta mandado á vizita das Igrejas da Universidade.

Mel Alz Macomboia
Luis José Foucault»

(A.U.C. — *Universidade, Receita e Despesa*, L^o 4, fl. 39).

DOC. XXXII

«E cento dezeseis mil quarenta reis

Que pagou a Manoel Alves Macomboia empreiteiro da obra da Igreja de Enxara do Bispo e Gradil por conta da dita empreitada e saõ a saber o producto digo a somma do que importaõ os sete conhecimentos. Nº 70 fl. 126 do Livro Segundo de quatorze mil reis. Nº 71 fl. 126 do Livro Segundo de quinze mil duzentos e quarenta reis. Nº 72 do Livro Segundo de dezeseis mil reis. Nº 73 fl. 126 de dezeseis mil reis do Livro Segundo; do Nº 236 fl. 125 do Livro Terceiro de dezeseis mil reis; do Nº 237 fl. 125 do Livro Terceiro de dezoito mil quatrocentos reis; Nº 238 fl. 125 do Livro Terceiro de vinte mil quatrocentos reis cujos conhecimentos recebeo o dito empreiteiro para os haver de cobrar e receber por conta da dita empreitada.

Mel Alves Macomboia
Luis José Foucault»

(A.U.C. — *Universidade, Receita e Despesa*, Lº 4, fl. 61).

DOC. XXXIII

«E cento trinta trez mil setecentos noventa reis

Que pagou a Manoel Alves Macomboia arrematante das obras do concerto e reedificaçaõ da Igreja de Enxara do Bispo do Padroado da Universidade por conta do primeiro pagamento da dita arremataçaõ.

Mel Alz Macomboia
Luis José Foucault»

(A.U.C. — *Universidade, Receita e Despesa*, Lº 2, fl. 110).

Outro recebimento de 2.050\$171 em 23 de Fevereiro de 1781 (Lº 4, fl. 112)

Idem — de 438\$040 em 30 de Abril de 1782 (Lº 4, fl. 118)

Idem — de 371\$610 em 18 de Março de 1782 (Lº 5, fl. 12)

Idem — de 128\$390 em Março de 1782 (Lº 5, fl. 13)

Idem — de 400\$000 em 22 de Agosto de 1783 (Lº 5, fl. 130)

Idem — de 30\$000 em 28 de Agosto de 1783 (Lº 5, fl. 130)

Idem — de 400\$000 em 26 de Novembro de 1783 (Lº 5, fl. 139)

Idem — de 24\$000 em 10 de Dezembro de 1783 (Lº 5, fl. 139)

Idem — de 300\$000 em 4 de Fevereiro de 1784 (Lº 5, fl. 172)

Idem — de 392\$050 em 6 de Agosto de 1784 (Lº 5, fl. 193)

«E quinhentos mil reis

Que recebo o empreiteiro da obra de Enxara do Bispo Manoel Alvarez Macombo, cuja quantia se lhe mandou pagar por despacho da Junta de dezesseis de Outubro do presente a conta do segundo pagamento do preco porque tomou a impreitada da reedificaçã da sobre dita igreja e sua sacrestia visto constar achar se a dita obra mais de meya feita, e nos termos de se poder entregar a referida quantia ao sobredito = mestre, o qual de como recebo assignou este termo comigo.

Mel Alz Macombo
José Joaqm de S^a Pinto»

(A.U.C. — *Universidade, Receita e Despesa*, L^o 4, fl. 147).

«Apontamentos das obras q a Universidade manda fazer de Cantaria, Alvenaria, e Carpintaria com a posturas de todos os seus respectivos aviamentos a custa do rematante na Capela Mor, sacrestia, e caza da residencia, tudo da Ig^a de S. Feliz de Lafoens, e na formã destes e da planta, e mais riscos somente da Capela Mor, naõ se unindo de forma alguma a sacrestia as cazas da residencia. Em 11 de 8tbro de 1803.

Cantaria e Pedreiro o segte

Pr^o — Seraõ feitas de novo, e a fundamentos as tres paredes que fexaõ a Capela Mor, procurando-lhe solido fundamento, e levando-as, a altura de trinta e seis palmos e meio conforme os Prospectos dos lados, e somente a empena detras subira athe purposional ponto de declivio p^a as agoas dos tilhados, e de grosura de coatro emquanto ficar como sapata debaixo da terra, e desta p^a sima todas de tres palmos, e de feitio, *atestadas* ou *acascadas*. E por fim rebocadas, e cahiadas, tudo com siguransa e perfeisaõ porposionada a tal obra.

Sig — A sacrestia se fara mais comprida do q ora he, demolindo-lhe huma testeira, e tornando-a a fazer p^a a parte, donde convier, e tornando-a a fazer, e acabar de tudo qto for nessesario de Pedreiro, e Carpinteiro, pois q de novo se lhe fara hum caixaõ p^a as vestimentas de madeira de castanho e com suas competentes ferragens novas e feitas de emcomenda, e so se serviraõ de algumas q do caixaõ antigo forem capazes de tornar a servir, bem como das madeiras q forem capazes, sendo sans e de castanho, o q tudo mostra o seu feitio e grandeza o risco q vai junto p^a o d^o caixaõ.

Trer^o — Searão feitos os cunhais e portais, e janelas q p^a hum e outro lado apontaõ a planta, e prospectos, bem como seraõ de novo feitos todos os degraos, e lagedos q prienxem todo o pavimento da d^a Capela Mor, lados dos degraos supedanio, e tudo qto for nessesario p^a ficar acabado o q he pavimento, como q acreseu a sacrestia. servindo-se de todo o lagedo velho q for capas de tornar a servir; E mais faraõ toda a cornija p^a os lados e empena da Capela Mor, sobre cuja empena

se devera por huma crus porposionada tudo de boa pedra e excolhida e porposionada a tais obras; seguindo-se o feitio do risco q se apresenta, e suas piramidas.

Quarto — Os tilhados seraõ feitos da melhor têlha e feitio q mais siguro, e aprovado for naquele comtinante seraõ; as Janelas em N^o 4 gradadas de ferro, e a sua malha sera de 3/4 de largo por pmo. de alto, e a sua grosura de ferro, serã de hum desimo de grosura e nas mesmas grades seraõ postos os vidros tudo a custa do Emptr^o como no prensipio se declara deixando por fim, toda a obra linpa de emtulhos.

Quinto — Demoliraõ, e tornaraõ a fazer a paredes q de novo reforma caresem; as da cazas de rezidencia, na qual faraõ todos os consertos nessesarios, e de q careser, em partes nova, e em reformasois de paredes, tilhados, madeiramentos, solhos, e suas porteiras, e estas, com novas, e competentes, ferragens, e siguras, e de pao, castanho, em todo o comserto, e novas facturas,

Seixto — Sera todo o canbotiado da Capela Mor feito de casanho, e em volta redonda como aponta o risco e entre canbota e canbota naõ haverã mais q hum pmo. e meio de entrevalo, e o forro sera de castanho de madeiras for Forro em grosura do costume, e huma, como camiza, e outra como saia, ou delgada huma, outra mais grossa, estas, sobrepostas naquelas, como se mostra em A e q percaõ por estreitas, de sorte q nem menos de 3/4 nem mais de palmo, e todas galgadas, e extrosidas as juntas humas com outras, de sorte q hainda q seiaõ 3 ou mais comprimentos a junta paresa de huma so bem pregadas mto. bem plainadas e muito mais bem trespasadas humas plas outras; E a comixe q ouver como devera aver p^a servir de Emporta donde prensipia a volta q seia porposional a altura q houver do xaõ a d^a corniga, e de pao castanho sigura sobre curvos amiudados da d^a madr^a castanho e tudo mt^o siguro e asiado.

Setimo — O Madeiramt^o sera de castanho e deste o seu guarda po, e ripa, e tudo sera bem pregado e excorado como se aponta por exboso no mencionado risco ficando, somte. pmo. e meio de entrevalo entre pao a pao e estes em grosura porposionada: E finalmente se fara quanto os pritos apontaraõ na sua vistoria a cuia se reportaõ estes apontamtos. sendo tudo qto. se nota rebocado e pinselado»

(A.U.C. — *Universidade de Coimbra* — Obras, Dep. IV, S. 1^aE, Est. 10, Tab. 1, N.º 21, doc. avulso).

DOC. XXXVI

«Illmo e Rmo Snr

Diz Manuel Ferreira do lugar do Alvorge termo desta Cidade, q para requerimentos q tem perciza, q o Mestre de Obras desta Universidade Manuel Alves, lhe atteste, em como foi todas as vezes q se julgaraõ necessarias as rever, humas obras de reparos, e concertos, q no anno de 1778, o suppte. tomou por empreitada nesta d^a Universidade, das Cazas de Rezidencia do Dor. Vigario do Alvorge, sendo entãõ nella Parocho o Dor. Luiz Antonio Lopes Pires, hoje Lente desta Academia, e em como por ultimo, achou em tudo complecta segundo os apontamentos, a mencionada empreitada.

P. a V. S^a se digne, mandar q o d^o Mestre Manuel Alves, lhe atteste a verdade do que souber e se lembrar, querendo.

E R Mce.

Illmo e Rmo. Comservo lembransa de q o supe. rematou a obra de q faz mensaõ, e de q a fui 3 vezes com a d^a aprovasaõ, e q depois ao mesmo asun. requereu mto. depois da obra acabada e q p^a melhor satisfazer me referi a q comfirmaçe o Dor Luis Antonio Vigario naquele tempo, e a q uniformemente. disemos ade constar. mas por me naõ lembrar me reporto ao q emtaõ dise; oje 14 de Maio de 1799

Mel Alz Macomboã»

(A.U.C. — *Universidade de Coimbra* — Obras, doc. avulso, Dep. IV, S. 1^aE, Est. 10, Tab. 1, N^o 18).

DOC. XXXVII

«E dous centos cento trinta cinco mil seiscentos e sete reis
Que entregou ao Dr. Joaõ Henriques Seco como fiador de Manoel
Alves Macomboia empreiteiro das obras de reedificacaõ da Igreja de
S. Joaõ da Talha e dos concertos das casas de residencia da mesma
Igreja pela metade dos preços porque arrematou as ditas obras.

João Henriques Seco
Luis José Foucault»

(A.U.C. — *Universidade, Receita e Despesa*, Lº 7, fl. 42).

Idem. Pagº de 1067\$804 em 25 de Janeiro de 1790 (Lº 7, fl. 186)

Idem. » » 315\$000 » 10 de Janeiro de 1791 (Lº 8, fl. 4)

Idem. » » 752\$804 » 15 de Janeiro de 1791 (Lº 8, fl. 7)

DOC. XXXVIII

«Exmo e Rmo Snr

Em obeçervancia do q se me ordenou no despacho retro vi os
papeis, e apontamentos respectivos. Em os mais axei superficiluide.
no tocante a mangidouras de pedra, e pias em q as cavalgadas comaõ
a resaõ, por quanto o mais q pode ter hum Paroco he huma ordinaria
q se pode acomodar com mtº desente mangidoura de pao sem mais
aparato. Como tambem as guarda roupas q podem paçar sem ellas,
pois tais obras somte servem metidas nas paredes de as emfraqueçer
e crescer a despeza q esta e primeira sendo quartada deminuhira ate
50\$000 reis.

Cuanto ao preso tatal de 80\$000 pella obra de pedreiro e 115\$000
a de carptrº o q tudo fas 195\$000 me parece muito naõ obestante a
diminuisaõ q devera ter se se lhe diminuir o q aponto. Como des-
nesesario; e talves q se se lhe estranhar aseitem toda a obra somte
nesesaria em em 140\$ ate 150\$ mil reis por ser tosca e peqna. e he o q
posso imformar a V. Exª q mandara o q for justo.

Em 4 de Marco de 1788

O Me Mel Alz Macomboia

A Junta manda q se juntem estes papeis de lanços e Apontantos
dos concertos da Cozinha de Fonte Arcada e se apresentem no tempo
das Proximas arremataçoens das Rendas de 15 de Abril de 1788»

(A.U.C. — *Universidade de Coimbra — Obras*, Dep. IV, S. 1ªE, Est. 10, Tab. 1,
Nº 21, doc. avulso).

DOC. XXXIX

«Por ordem de Vossa Excelencia e emsinuasaõ da Ilustre Junta da Fazenda da Universidade fui ao lugar de Passos de Santa Marinha para se ver e dizer o estado em que se acha aquela igreja freguesia de S. Miguel de Passo, cuja vi e eizaminei miudamente. Sobre a qual digo com a sua planta, prospectos e sessaõ o que naõ vai dito na dita planta e he o seguinte.

He verdade que as paredes da capela mor que so pertense a esta Universidade e sua sacrestia hainda que com algumas ruinas se podiaõ conservar, se bem que tanto acho da mor como sacrestia saõ muito pequenas, e humidas, por estarem rescebendo muitas humidades, nasidas da puzisaõ do terreno e serem as paredes delgadas, e de pedra em seco, e so rebocadas de cal. Mas porque do retabolo so o dourado esta com seu passe, e as madeiras corcomidas, e de feitio taõ antigo que exsede a memoria dos homens, e naõ tenha o todo da capela mor expaso para se ofesiar sem endesencia; e mais que tudo se naõ possa recuar para tras, pois a (ilegível) pelo obstaculo das cazas notados com a letra G. Por estas rezoens e porque para se conservar a dita capela mor e sacrestia se deveria fazer avultada despeza sem ventaja de melhora porpusal, por isso, e por que mais assima 200 palmos com pouca diferenca ha sitio livre do lado aonde sem prejuizo do publico, aonde algum particular se pode e = devese = fazer, tanto a capela mor como a sacrestia e a igreja a que tanto se presia, tudo sem custo, mas sim em purposaõ nos seus tamanhos quanto o pede o dito povo daquele lugar cujo povo he agora o dobro do que havia quando a dita igreja foi acrescentada como se mostra na planta junta do que se faz mensaõ: e fazendo se lhe a porta prensipal ao meio dia se livraraõ das humidades pois assim se edificara livre delas.

Eu truse os presos dos custos asim os materiais, jornais e carretos para que se for preciso calcule sem erro comsideravel qualquer obra para se mandar fazer.

E lembro que pode = caso de nova obra = ficar a capela mor e sacrestia com despeza de 400\$000 reis pouco mais ou menos para caza

de rezidencia e a velha igreja abatendo lhe as paredes, demolindo lhe o lanso a nave e ficando servindo de semiterio proprio.

E (ilegível) sem fazer ainda que devagar e grosseiramente o primeiro risco para a nova obra depois de melhorar da emflamasaõ (ilegível) que no trabalho adqeri.

Em 21 de Março de 1807

Manoel Alves Macomboa»

(A.U.C. — *Universidade, Obras do séc. XVIII*, doc. avulso).

«E outenta sete mil quinhentos reis
Que pagou aos empreiteiros da obra do concerto da ponte do Barco de resto da empreitada que tomaraõ por trezentos cincoenta mil reis dos concertos da Ponte do Barco junto a Mayorca tendo precedido revista da obra pelo mestre Manoel Alves Macomboá desta Universidade e se lhe conclue o pagamento por despacho da Junta de de Novembro e saõ Domingos Monteiro e Pedro Gonçalves.

Domingos Monteiro
Pedro Glz
Luis José Foucault»

(A.U.C. — *Universidade, Receita e Despesa*, L^o 4, fl. 57).

«Em 1789

Apontamentos das obras das duas pontes q a Universidade manda fazer ou consertar nos seus campos de Treixede o da ponte xhamada da Cova tem dezenho q fica na maõ do empreiteiro assignado plo empreiteiro testemunha e o mestre das obras da Universidade, tudo de pedra e cal, e suas calçadas por conta e a custa dos rematantes ou rematante.
A Ponte da Cova he q tem risco inda q toscos.

Ponte da Cova sera esta ponte desfeita e tornada a fazer de pedra e cal com a largura de toda a vala em pegois e vacos, e em si tera o largo de deza seis sera coberta com vinte huma pedras grosas gatiadas aos lados na forma q se mostra no dezenho com 21 gatos, tera mais vinte e quatro gatos nos fins das 21 pedras coatro atravessadas 2 a cada lado em q rematem aquelas; e as calçadas . e no fins das cortinas levara duas pedras a cada lado. as suas paredes de cortinas teraõ de grozo dois pmos. e a sua altura o plano o dara, o seu comprimento da parte das Carapinheira tera 50 e da Pereira tera 70 tudo he marcado no dezenho. o seus gradamentos seraõ Jerais por baixo correndo de alto abaixo e por sima atravessados. o sea nu novo vai marcado sera todo de pinho verde pregado nas extrimidades e nos meios adonde mais nesario for: a sua calçada sera feita e constrohida de pedra grande e riga e tudo acabado com a maior sigurança e perfeisaõ posivel. e se declara q os entrevalos ou vaus q ficaõ servindo de arcos nesta ponta da cova seraõ xeios de pedra e cal sobre o gradamento com dois pmos. de altura ou o q prierer e vier a faltar p^a ese xeio ou masame fique de nivel e orizental com o plano q agora tras a vala nesta nova advertencia

Na ponte da Abadinha se fara o segte.

Seraõ reformadas as paredes do q se lhe fas presizo tapandolhe as raxas, e bigas faltas (ilegível) asentando-lhe e pondolhe nos bordos os lagedos q lhe falta, assim mesmo toscos e fortes como se conhese

q foi feita em seu principio. Sera descalsada a calçada q esta arruinada e se tornara a fazer com lonbo no meio q expesa p^a os lados as suas aguas, e se faraõ mais trinta e seis pmos. de nova calçada p^a a pte. da Carapinha do mesmo feitio, e pedra mt^o grossa. Sobre o presizo levantam^o q sera de areia, e p^a melhor rematar esta ultima pusaõ de nova calçada se lhe meteraõ no fim. No fim grandes pedras afincadas pl^o xaõ abaixo p^a q ali vaõ = e pellos lados da mesma forma = rematar toda a calçada, e toda a d^a calçada q se ade fazer torno a dizer sera de grossa pedra, e os seus emtulhamtos de areia, e desta sorte ficara esta ponte de todo consertada, reparada feita, e acabada com a maior sigurança, e aseio respectivo. e tudo isto e o q se declara nos apontamtos antesedentes respectivos a ponte da Cova se rematou por ultimo, e menor lanco aos Mestres Pedreiro Joaquim de Oliv^a do sitio ou casal da Anoa por setenta mil reis, de q serviraõ de testemunhas presentes o Me. da valla Ant^o da S^a Alho do lugar da Carapinha Ant^o Fer^a do d^o sitio, e Jose Pinto da mesma vara q aqui comigo Me. das obras da Universidade, e Empreiteiro aqui assignaraõ em 19 de Setbr^o no sitio da ponte da Abadinha e se declara q sera feita esta obra no termo de dois mezes contados deste d^o dia por diante, e por fiador deu o empr^o o me. da valla Ant^o da Silva abaixo assignado como testem^a.

do Empr^o Joaquim + de Oliv^a huma crus
Ant^o da S^a Alho
Ant^o Fer^a
Jose Pinto
Mel Alz Macombo»

(A.U.C. — Universidade de Coimbra — Obras, Dep. IV, S. 1^aE, Est. 10, Tab. 1, N.º 20, doc. avulso).

DOC. XLII

«Adevertencias q se fazem ao Empr^o das 2 pontes da Cova e Abadinha sobre a vala dos campos de Treixhede. da Universidade de Coimbra p^a q o sobred^o fasa a d^a obra sem o q naõ resebera o seu ultimo pagam^o q requer.

Desmanxhara todas as fiadas de pedra pequena con q tem cuberto as paredes q servem de rematasaõ as extrimidades das calçadas.

E em lugar de taõ pequenas, e mal siguras pedras ou lages lhe asentara outras de tal grosura e grandeza ainda q toscas q com o tempo e trabalho dos carros se naõ araquem com tanta facilidade como agora se vem ja arancadas as q lhe puzeraõ, e tudo sera novamente rematado e feito com melhor cal.

E a mesma reforma fara o d^o empreiteiro as calçadas q se veem feitas com mais pequena pedra do q se lhe recomendou nos apontamtos. a q se sujeitou, e assignou.

E feita novamte. asim a obra na forma dos apontamtos. se podera atender.»

(A.U.C. — Universidade de Coimbra — Obras, Dep. IV, S. 1^aE, Est. 10, Tab. 1, n.º 20, doc. avulso).

DOC. XLIII

«Illmo e Rmo Snr.

Diz Joaquim de Olyveira, do lugar da Fonte d'Anoa Freg^a de Montemor o Velho, e rematante da nova obra da Ponte da Cova; e do conserto da Ponte da Abadinha, tudo na Valla, novamente aberta no Campo de Treixede desta Universidade; q como a tenha completa na forma de seus apontamentos, pertende se lhe faça entrega da ultima quantia, resto que so lhe falta e saõ 17\$500 para o que

P. a V. S^a e mais Senhores se dignem, mandar se lhe entregue a d^a porçaõ, visto estar finda a obra que rematou.

E R. Mce.

Informe o Me. Manoel Alves. Coimbra em Junta de 9 de Outubro de 1790

Barreto P.

Cumpridas totalmte. as condiçoens e clauzulas de seus apontamentos. a q ainda naõ satisfez se fara nova revista p^a se deferir, advertindo-se que deve cumprir no tr^o de quinze dias aliás se fara o resto da obra á custa do suppte. Coimbra em Junta de 23 de Outubro de 1790.»

(A.U.C. — Universidade de Coimbra — Obras, Dep. IV, S. 1^aE, Est. 10, Tab. 1, N.º 20, doc. avulso).

DOC. XLIV

«Illmo e Rmo Snr.

Em virtude do requerimt^o, e despaxho retro, fui ver a obra das duas pontezinhas q rematou consertar, e novamte. fazer o Me. Pedr^o Joaquim de Oliv^a sobra a vala dos Campos de Treixede q a Universidade ali mandou riabrir. o q tudo consta dos apontmtos juntos, q revi p^a dizer o segte, a este resp^o, e o q devera fazer o emp^{tr}^o

Foi huma e outra pontezinha mandada fazer, e acabar suas paredes cobertas de pedras q a maneira de lages toscas tivesem grandezas q as fizesem per si siguras e servisem de sigurança as extrimidades das calçadas.

Estas lages, ou toscas e grandes pedras he q se naõ axha ali asentes mas sim; e em seu lugar taõ pequenas q ja muitas estaõ naõ so dismintidas mas postradas ou arrancadas.

De maneira q nesestaõ outras e asentes em melhor cal, sem o q me naõ parese a d^a obra capas de aprovasaõ ou aseitasaõ, e o q posso imformar a V. Snr^a q manda o q for mais justo.

Em 18 de 8tbr^o de 1790.

O Me. Mel Alz Macombo»

(A.U.C. — Universidade de Coimbra — Obras, Dep. IV, S. 1^aE, Est. 10, Tab. 1, N.º 20, Doc. avulso).

«Illmo e Rmo Snr.

Diz Joaquim de Olyveira, do lugar da Fonte da Annoa, freg^a de St^a Maria de Alcaçova, de Montemor o Velho; que rematando a factura de huma nova ponte, e o conserto de outra na Valla do Campo de Treyxede, requereu o ultimo pagamento q saõ 17\$500; e mandando esta Universidade revella, achou o Me. naõ estar inda completa, conforme os apontamentos; porem como já a tenha concluido conforme, os ditos; e o q se lhe determinou fizesse; pertende se lhe mande rever; e achando-se; estar nos termos, mandar-se lhe pague o ultimo resto.

P. a V. S^a e mais Senhores se dignem mandar fazer a revista, e depois satisfazerse-lhe estando nos termos.

E R. Mce.

O Me. Mel Alves passe a rever a obra de q se trata p^a se deferir ao supplicante. Coimbra em Junta de 3 de Novembro de 1790 Barreto P.»

(A.U.C. — Universidade de Coimbra — Obras, Dep. IV, S. 1^aE, Est. 10, Tab. 1, N^o 20, doc. avulso).

«Illmo e Rmo Snr.

Em virtude do despacho retro emcluzo, fui sigunda ves ver se a obras das duas pontezinhas sobre a valla do campo de Treixede desta Universidade estava capas de aseitasaõ depois q se lhe ordenou, o como deveriaõ fazer p^a q ficaçe feita na forma dos apontamentos a q se obrigou o supplicante Joaquim de Oliv^a, Me. Pedreiro do lugar da Fonte da Noa, e com efeito lhe fes alguma melhoria q naõ pode eizistir por ser feita em similhante tempo sobre plano alagadiço, e com pedra pequena.

E me parece nessesario athe 6\$000 p^a no veraõ q vem se fazer com maiores pedras, e cal p^a ficar com firmeza, e isto querendo-se-lhe dar o resto, e he o q poso informar ao d^o respeito.

Em 17 de 9br^o de 1790

Mel Alz Macomboa

Pague-se ao empreiteiro desta obra por conta do ultimo pagamento della dez mil reis, ficando o resto retido the que se satisfaça pelo mesmo empreiteiro o que falta na forma desta Informaçãõ. Coimbra em Junta de 17 de Novbr^o de 1790»

(A.U.C. — Universidade de Coimbra — Obras, Dep. IV, S. 1^aE, Est. 10, Tab. 1, N^o 20, doc. avulso).

DOC. XLVII

«E nove mil nove centos quarenta cinco reis

Que pagou ao mestre das obras desta Universidade Manuel Alves Macomboia pela despeza que fez na diligencia de medir o comprimento e largura do pinhal da Universidade no districto de Lourical e tirar mapa delle.

Luis José Foucault.»

(A.U.C. — *Universidade, Receita e Despesa*, Lº 5. fl. 105).

DOC. XLVIII

«Universidade no Pinhal Dusso

Mel Alz Macomboia foi por ordem desta Ilustre Junta da Fazenda tirar o Mapa do Pinhal Dusso, situado no Couto do Lourical, cuio Mappa apresenta agora, porq por molestia o naõ pode por, em linpo mais sedo.

| | |
|---|---------|
| E como p ^a esta jornada, e despezas resebi a coantia de _____ | 36\$000 |
| Mostro a despeza q fis segte. | |
| Em hida, vinda (ilegível) gastei 22 dias os cuais na forma q a mesma Universidade em tais diligencias sempre satisfas a 1200 r. por dia, asim emporta em— | 26\$400 |
| Foi justo a 300 r. por dia hum servente Joaquim da Silva, e venseu da sobredita forma — | 6\$600 |
| Comprei hum tinteiro p ^a levar q emtrego e este custou na loje de Joaõ Per ^a _____ | \$160 |
| Comprei ao mesmo de papel grde e pequeno q foi precizo _____ | \$360 |
| Soma a despeza q fis _____ | 32\$520 |
| E a vista do q resebi e mostro asima, devo _____ | 3\$480 |
| Mel Alz Macomboia | |
| e 4 penas lapas por _____ | \$240 |
| Somente devo _____ | 3\$240 |
| Macomboia | |

Concedese ao suppte. de ajudas de custo por hua vez somte. a quantia de trez mil duzentos e quarenta reis. Coimbra em Junta de 31 de Março de 1798.»

(A.U.C. — *Universidade de Coimbra — Obras*, Dep. IV, S. 1ªE, Est. 10, Tab. 1, Nº 20, doc. avulso).

DOC. XLIX

«E trinta e seis mil reis
Que entregou ao mestre das obras reaes desta Universidade Manoel
Alves Macomboa, quantia que por despacho de dez de Junho proximo
passado se lhe adiantou por conta da despeza da diligencia a elle incum-
bida de de tirar a madeira do pinhal da mesma Universidade no dis-
trito e couto da villa do Louriçal. servio por ella deve dar conta com
a relação legal e competente da mesma despeza.

Mel Alz Macomboa
Marçal da Costa Barradas»

(A.U.C. — *Universidade, Receita e Despesa*, Lº 9, fl. 224).

DOC. L

«Por esta a meu rogo feita, dou todos os poderes, que em Direito
me forem concedidos, ao Snr Manoel Francisco de Paula Gomes,
pª que por mim, como se eu proprio fosse, haja de receber do Coffre
da Universidade em quanto este existir na Corte de Lisboa os meus
jornaes ou seja semanal, ou mensalmente, e ainda mesmo sendome
pagos de 3 em 3 mezes; passando o seu competente recibo; e cujo
exercicio deverá ja pelo mesmo dº Snr. começar, recebendo o que se
me resta desde 3 de 9brº do prezente anno: Monsaras 19 de Dezem-
bro de 1810.

Mel Alz Macomboa»

(Segue-se o reconhecimento notarial.)

(A.U.C. — *Universidade de Coimbra — Obras*, Dep. IV, S. 1ªE, Est. 10, Tab. 1,
Nº 18, doc. avulso).

DOC. LI

«Illmo Sr.

Diz Manoel Alves Macomboia Mestre e Architecto desta Universidade que tendo lhe sido suspensas pella mesma ou sua Real Junta seus ordenados, por falta da sua pessoa nesta terra; se deliberou a sahir de caza de seu f^o para onde se tinha asilhado quando dezamparou a sua, e tencionava vir apresentar-se, a fim de obter a estipendio q S.A.R. for servido. conceder-lhe a elle com tanta honra tem sabido merecer; por occasiaõ da jornada e pellos incomodos della succedeu enfermar gravemente em Lisboa como mostra o documento junto, e viuce o supplicante privado asim de proseguir sua jornada tanto pello estado invalletudinario em que esta, como privado de meijos p^a tratar-se por este taõ atendivel motivo.

P. o supplicante a V S.^a se digne mandar-lhe dar seus ordenados a fim do supplicante satisfazer aos fins q ponderou.

E R Mce.

Attendendo aos annos de serviço do supplicante e q adoeceu estando já em caminho p^a esta cidade. Pagueselhe o q se lhe estiver devendo meramente como Mestre das obras da Universidade p^a o q se comunique este Despacho ao Administrador das Obras. Coimbra em Junta de 16 de Nob^o de 1811.

Brito P.»

(A.U.C. — *Universidade de Coimbra* — *Obras*, Dep. IV, S. 1^a E, Est. 10, Tab. 1, N.º 21, doc. avulso).

DOC. LII

«O Doutor Joaquim de Azevedo, Professo na Ordem de Christo Primeiro Lente Jubilado da Faculdade de Medicina na Universidade de Coimbra.

Faço certo que Manoel Alves Macomboia Mestre e Architecto da Universidade, e actualmente rezidente nesta Capital padece há annos huma grande falta de vista naõ só por debilidade mas pela destruiçaõ dos Orgaons, que servem a este Sentido principalmente do Olho esquerdo, sendolhe por este motivo necessario, que lhe guie os passos: Padece igualmente vertigens e tonturas da Cabeça, e esquecimentos, que o inhabilitaõ para qualquer occupaçaõ, e muito mais para exercer o seu emprego; padece finalmente outras molestias proprias da sua idade avancada que o tem reduzido ao estado de naõ poder emprehender qualquer jornada sem risco de vida. Eu assim lho attesto, e juro pelo meu gráu sendo necessario por ser verdade: Lisboa dois de Novembro de mil oito centos e onze, annos digo e onze.
Doutor Joaquim de Azevedo.»

(Segue-se reconhecimento notarial.)

(A.U.C. — *Universidade de Coimbra* — *Obras*, Dep. IV, S. 1^a E, Est. 10, Tab. 1, N.º 21, doc. avulso).

«A V Ex^a e mais Senhores representa Manoel Alves Macomboia, por lhe ser intimada a ultima rezoluçã de 25 de Junho, expedida pela Illustre Junta desta Universidade em q o supplicante naõ percebesse mais de 400r. por dia em q trabalhasse, tudo na forma do antigo costume, ficando taõ lezado no estipendio, quanto desfalcado pelos dias em q naõ vem a perceber; quando o supplicante tem a seu favor, q seus antecessores somente trabalhavaõ sobre o plano ja feito da Universidade havendo agora a do Muzeo, Laboratorio, Collegio das Artes, e Hospital, alem de infinitas propriedades em que sempre he occupado: sendo do antigo costume, q havendo obra nova se occupava quem aos Mestres dicesse o q deviaõ fazer, e como supplicante supre esta falta, meresse qualquer couza: Estes motivos alem dos que a humildade entrega nas maonz de V Ex^a o obrigaõ a pedir-lhe por sua innacta piedade se digne mandar, q o producto seja todos os dias, na forma de quarteis como corpo de Universidade, ou ainda que em folhas diarias sem perda de tempo, em attençã ao supplicante o ter todo occupado, em o expediente de todas as obras da mesma Universidade e factura das folhas, trabalho naõ pequeno e alheio de sua occupaçã, ficando por este modo privado de gozar da liberdade dos Domingos, e dias Santos, naõ só pelo ponderado, mas tambem, pelo q pode collegir huma prudente reflexã de V Ex^a pelo que

P. a V Ex^a se digne defirirlhe como supplica
E R Me

Visto o abatimento que se fez ao supplicante do Salario que antes vencia lançe-se em folha com o salario diario de quatro centos reis contados nos Domingos e dias Santos. Coimbra em Junta de 22 de Julho de 1778.

B^o Refor»

(A.U.C. — *Universidade de Coimbra* — *Obras*, Dep. IV, S. 1^a E, Est. 10, Tab. 1, N^o 21, doc. avulso).

Requerimento das filhas de Manuel Alves Macomboia, pedindo que lhes fosse passada uma certidã de óbito de seu pai.

«Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor.

Dizem Francisca Ludovina e Izabel Constança que para certos fins se lhes faz necessario que o Reverendo Prior da Freguesia de Santa Justa e Rufina desta cidade lhes passe por certidaõ o que constar d'obito do seu pay Manoel Alves Macomboia.

Para Vossa Excelencia se digne mandar se lhes passe em forma que faça fe.»

(A.U.C. — *Universidade, Obras*, documento avulso).

DOC. LV

«Illmo e Exmo Snr.

Dizem Francisca Ludovina e Izabel Constança, filhas que ficaraõ de Manoel Alves Macomboa, Mestre das Obras da Universidade, q o mesmo falecera no dia 11 de Março do prezente anno, como consta da Certidam d'obito q juntaraõ ficando as supplicantes contempladas em remuneração dos Serviços de seu Pay com hua pensaõ annual pelo Coffre desta Universidade por Graça de S. A. R., e como a d^a pensaõ lhes ha de ser paga pela folha dos ordenados;

P. a V. Ex^a se digne mandar lançar a d^a pensaõ em folha p^a a recebessem nos competentes trimestres.

E R Me.

Informe o Contador Geral, Coimbra em Junta de 8 de Abril de 1815.

Brito P.

Metaõ se em Folha as Supplicantes. Coimbra em Junta de 19 de Abril de 1815.

Brito P»

(A.U.C. — *Universidade de Coimbra — Obras*, Dep. IV, S. 1^a E, Est. 10, Tab. 1, Nº 18, doc. avulso).

DOC. LVI

«Illmo e Exmo Snr.

Pelo Regio Avizo de 31 de Julho de 1805 foi S. A. Real Servido que em attençãõ as Serviços de 32 annos do Mestre Architeto Manoel Alves Macomboa, se dessem por sua morte a suas duas filhas Francisca Lodevina, e Izabel Constança vinte e cinco mil reis a cada huma por anno, sem supervivencia.

E como da Certidaõ junta consta ter falecido o dito Manoel Alves em 11 de Março de 1815 pairesse estarem as Supplicantes nos termos de se mandarem meter na Folha.

O Contador Geral
Joaõ Anastasio do Coutto»

(A.U.C. — *Universidade de Coimbra — Obras*, Dep. IV, S. 1^a E, Est. 10, Tab. 1, Nº 18, doc. avulso).

DOC. LVII

«Illmo Snr

Diz Francisca Ludovina Macomboa, Orfa que ficou de Manoel Alves Macomboa, Mestre que foi das Obras desta Universidade, que pelo Cofre da mesma Universidade se lhe estaõ devendo o terceiro e quarto quartéis do anno de 1828 relativos á Pençaõ ou Tença que lhe foi concedida em attençãõ aos Serviços do d^o seu defunto Pai; e como se diz estar fechada a Folha dos Ordenados do d^o anno por isso

P. a V. S^a. Seja Servido mandar se lhe pague por aquella maneira q melhor convier á Contabilidade e Escripuração da R. Fazenda

E R Me

Paguese. Coimbra em Junta de 23 de Dezbro de 1829
Dr. Almeida.»

(A.U.C. — *Universidade de Coimbra — Obras*, Dep. IV, S. 1^a E, Est. 10, Tab. 1, N.º 20, doc. avulso).

DOC. LVIII

«Manoel Joaquim d'Almeida Prior da Parochial Igreja de Santa Justa de Lisboa, certifico que revendo o Livro dos Assentos d'obitos, que presentemente serve nesta Parochia, nelle a fl ——— se acha o Assento do theor, e forma seguinte

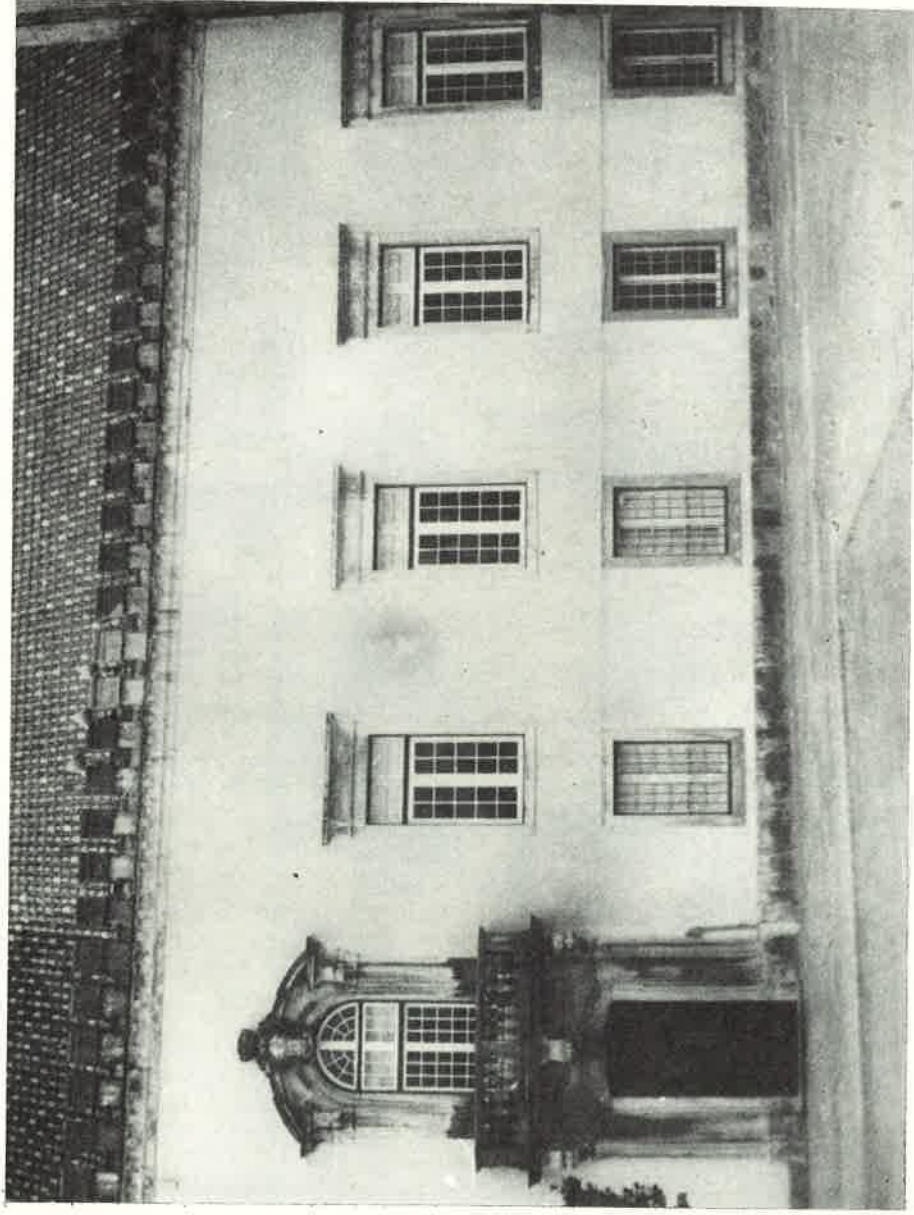
Em onze dias do mes de Março de mil oito centos e quinze annos falesceo com todos os Sacramentos Manoel Alves Macomboa, viuvo de Anna de Saõ Jozé, sendo morador na Rua das Portas de Santo Antaõ; foi sepultado nos Covães desta Igreja, de que fiz este Assento, que assignei = O Prior Manoel Joaquim d'Almeida = E naõ se continha mais no d^o Assento a que me reporto, de que passei a presente em observancia do Despacho retro do Illmo e Exmo Snr Arcebispo de Lacedemonia. Lisboa 17 de Março de 1815

O Prior Manoel Joaquim d'Almeida»

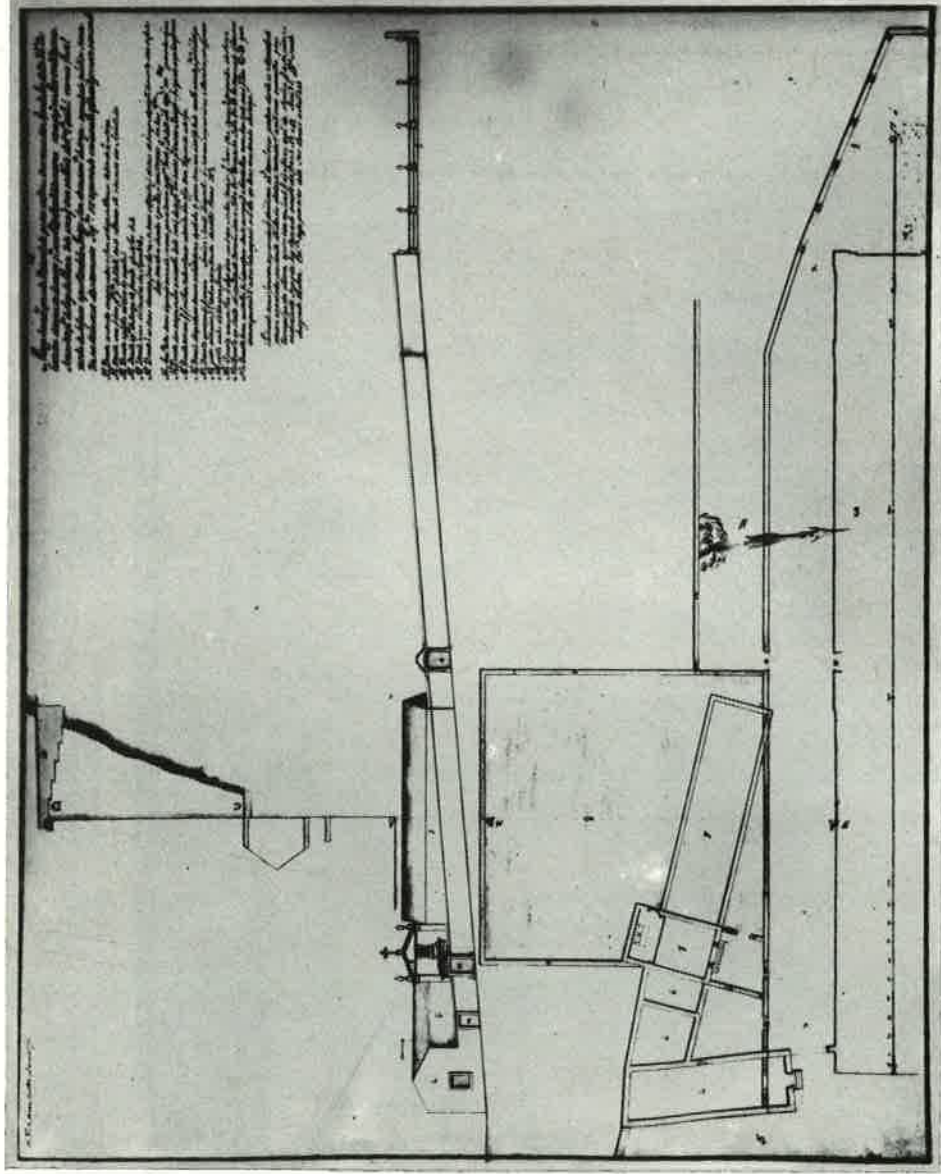
(Segue-se reconhecimento notarial.)

(A.U.C. — *Universidade de Coimbra — Obras*, Dep. IV, S. 1^a E, Est. 10, Tab. 1, N.º 18, doc. avulso).

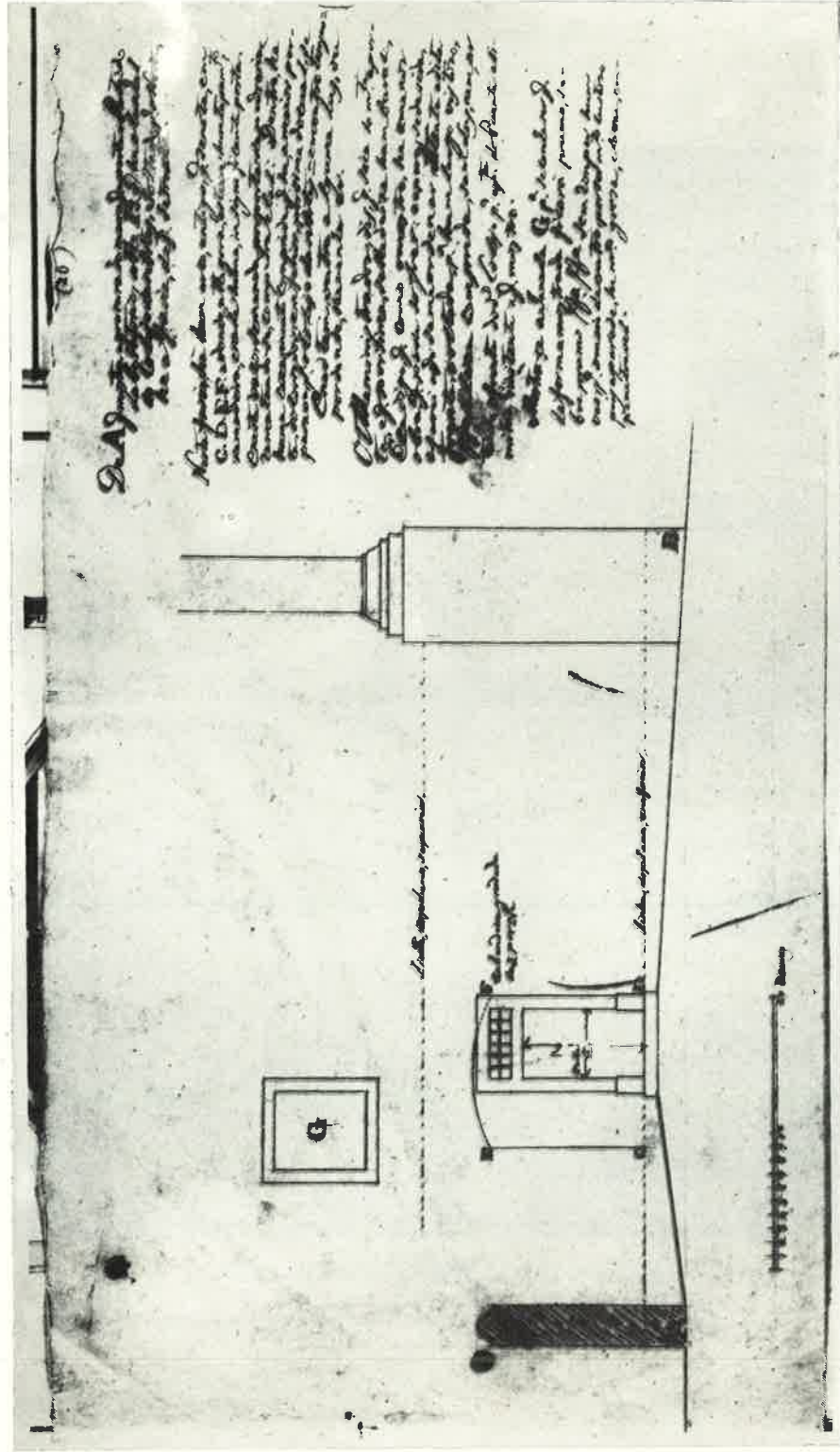
FOTOGRAFIAS



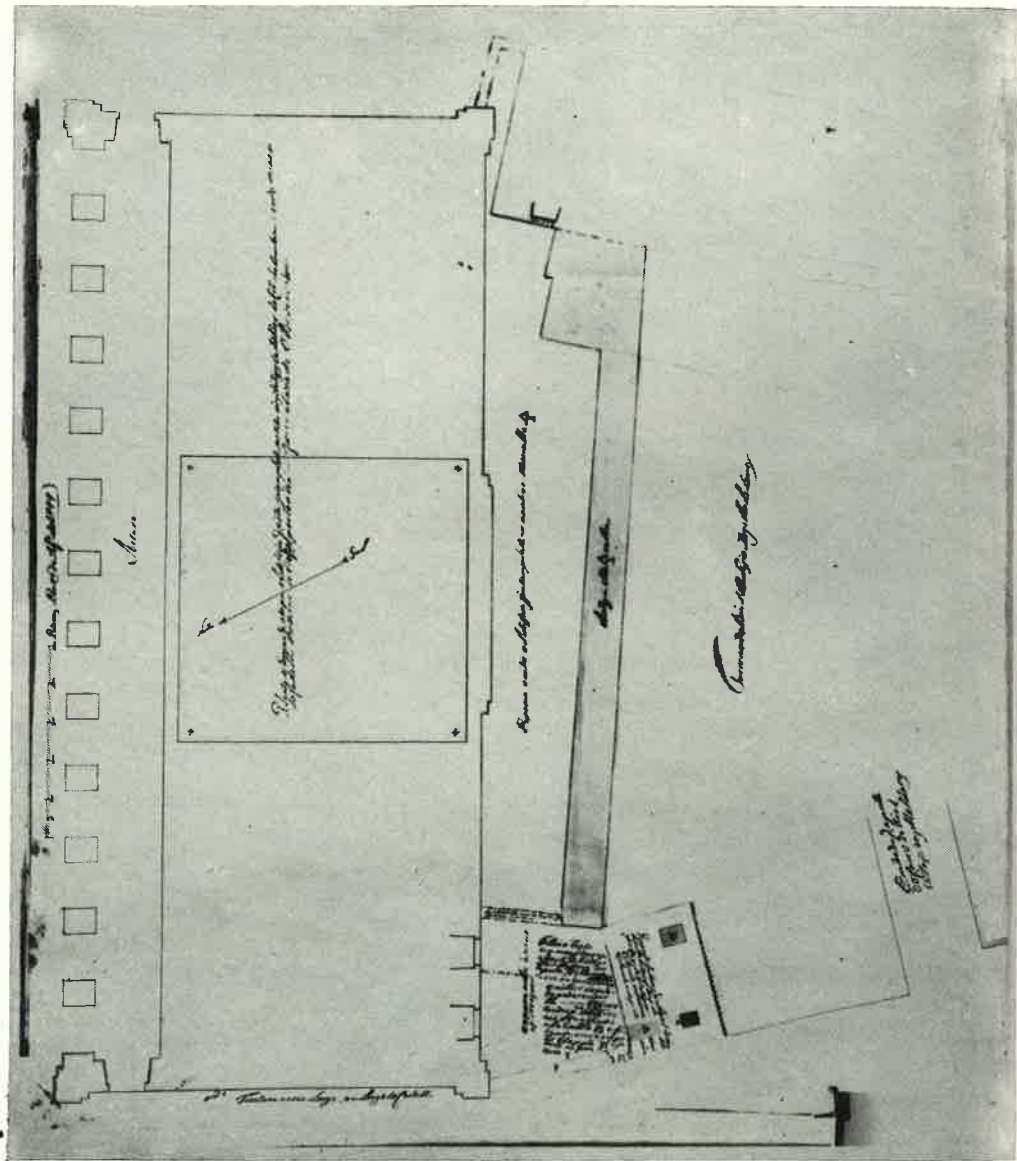
FOT. 1 — UNIVERSIDADE DE COIMBRA.



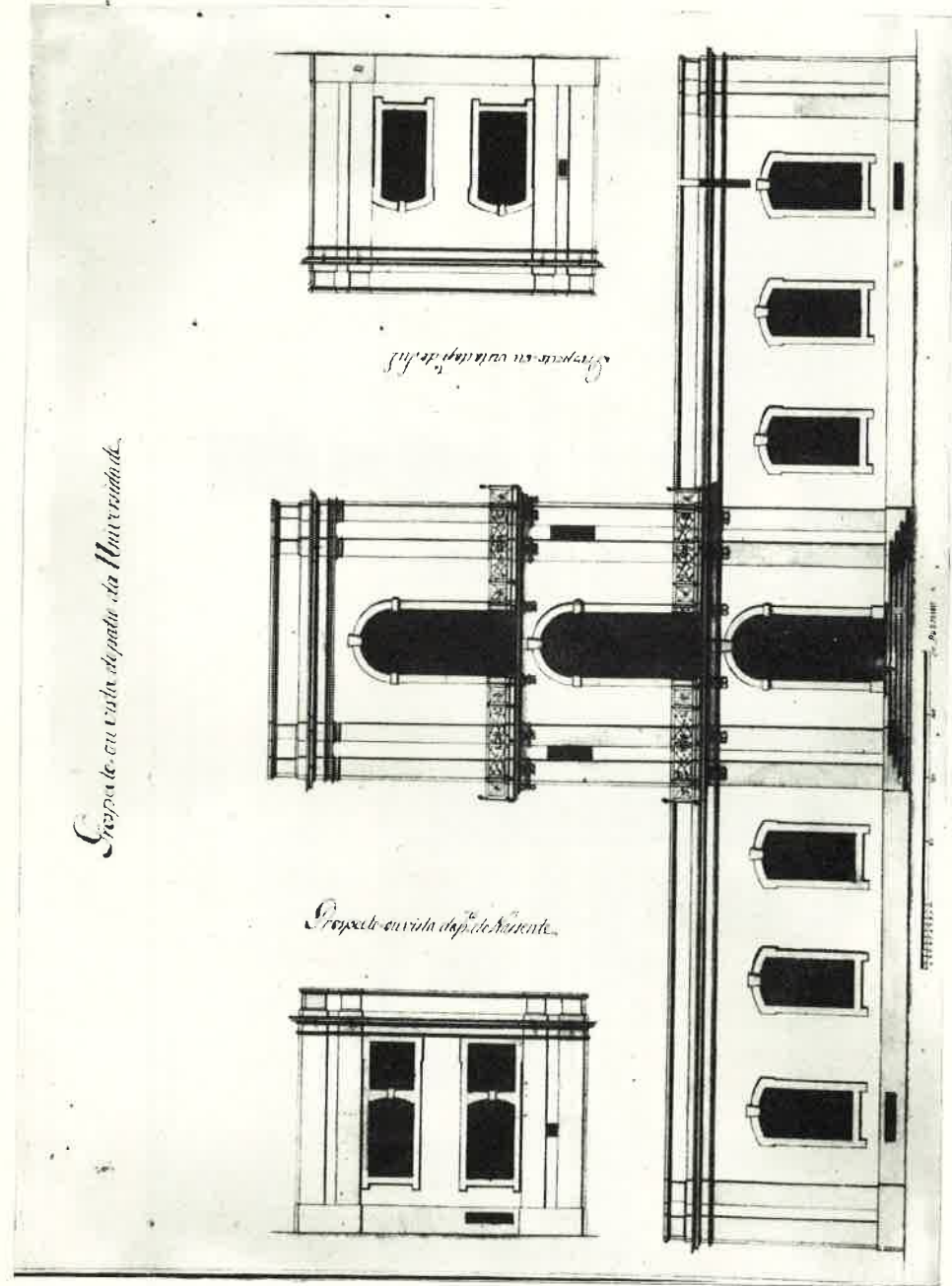
FOT. 6 — MAPA DA ÁREA DO CEMITÉRIO DO HOSPITAL PÚBLICO.
B.G.U.C. Ms. 3179, 32.



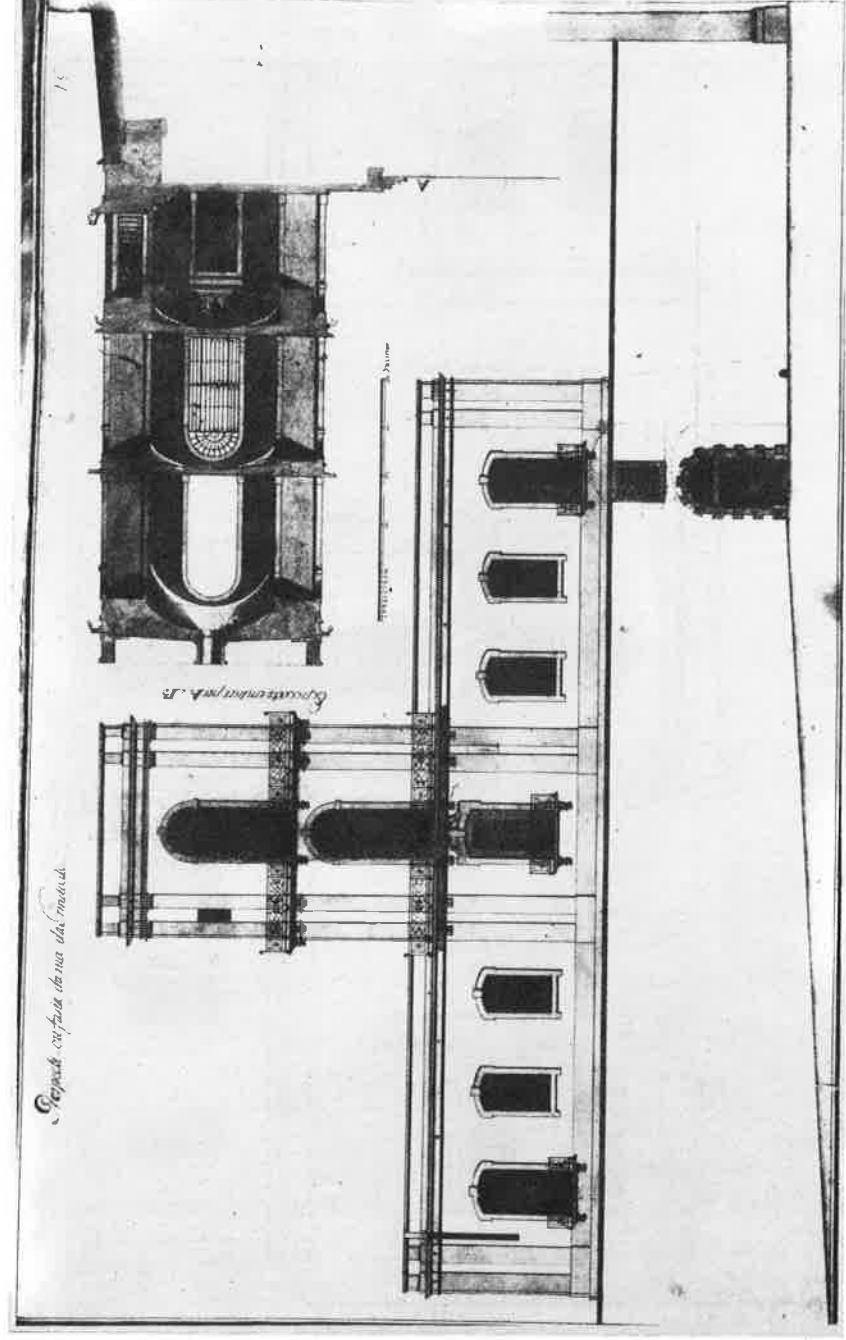
FOT. 7 — DESENHO DE MURO DO LABORATÓRIO QUÍMICO.
B.G.U.C. Ms. 3179, 26.



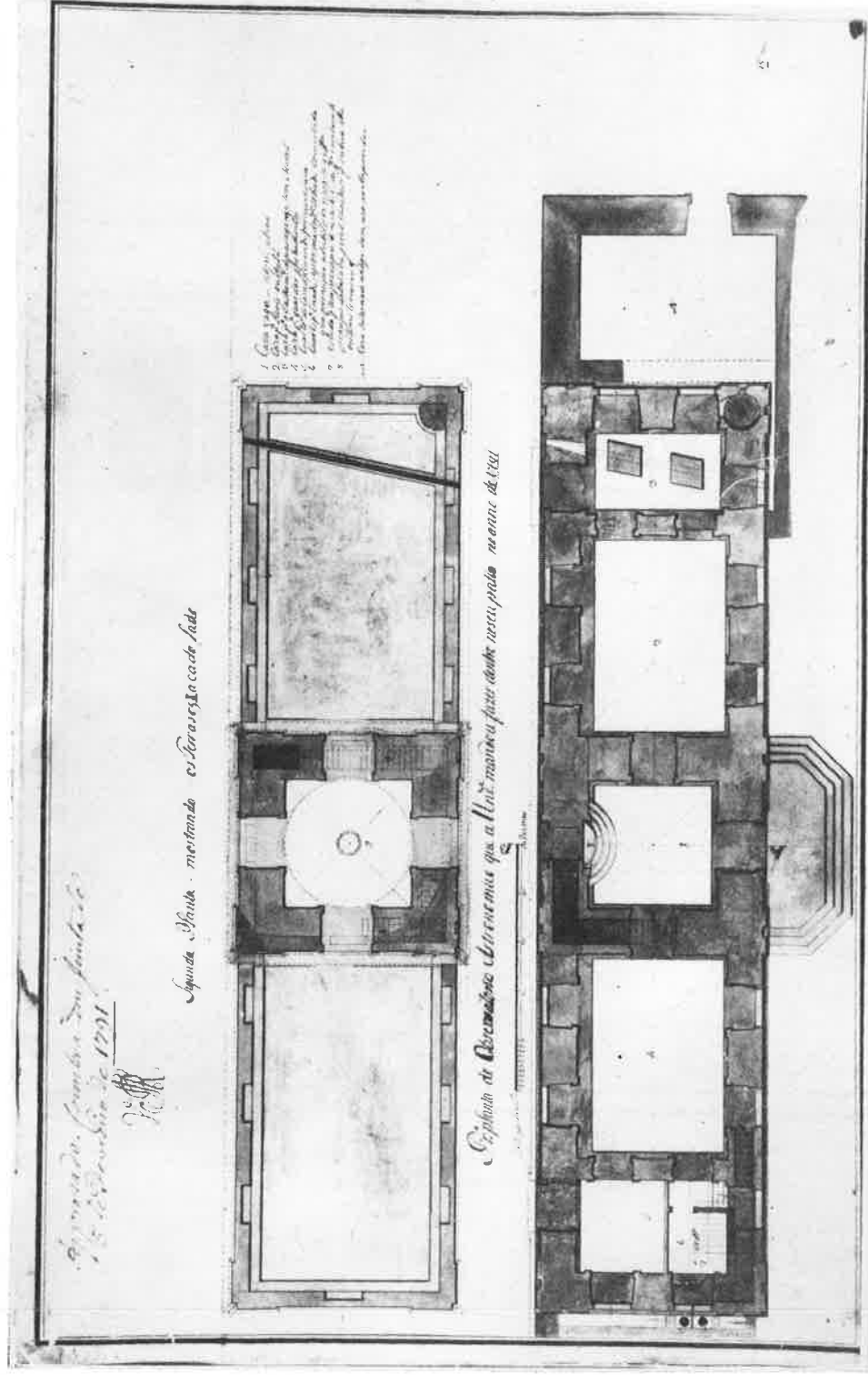
FOT. 8 — PLANTA QUE INCLUI O OBSERVATÓRIO DE G. ELSDÉN.
B.G.U.C. Ms. 3179, 19-A.



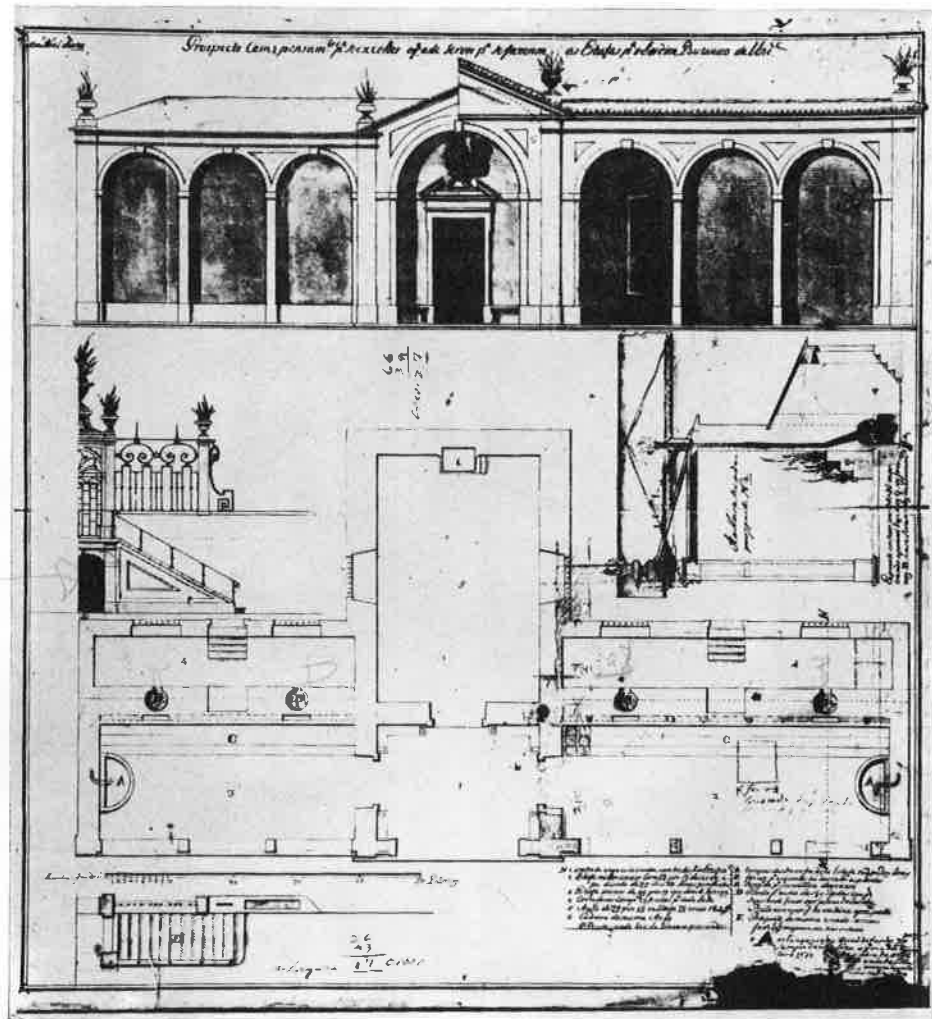
FOT. 9 — O OBSERVATÓRIO INTERINO.
B.G.U.C. Ms. 3179, 14.



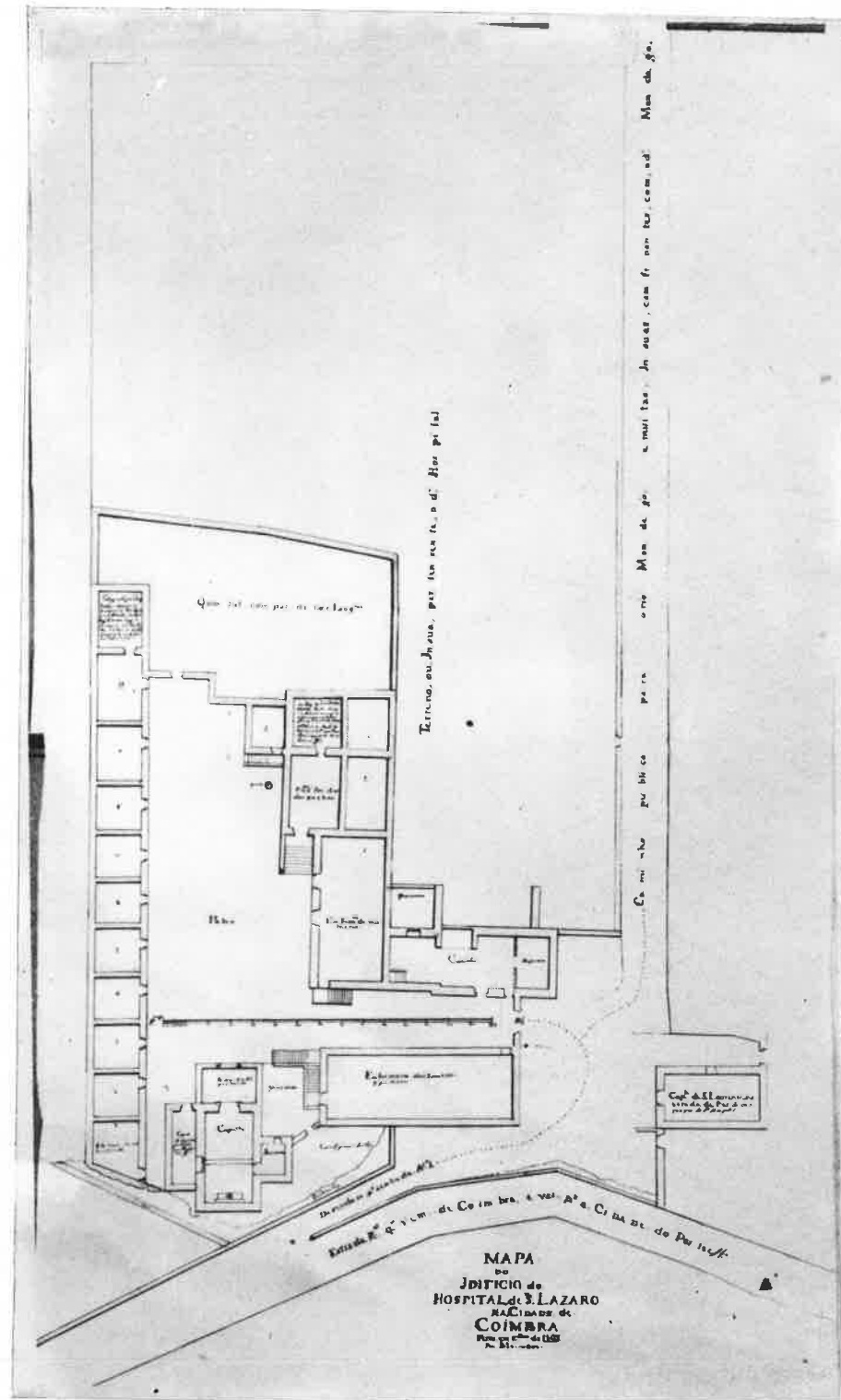
FOT. 10 — O OBSERVATÓRIO INTERINO.
B.G.U.C. Ms. 3179, 15.



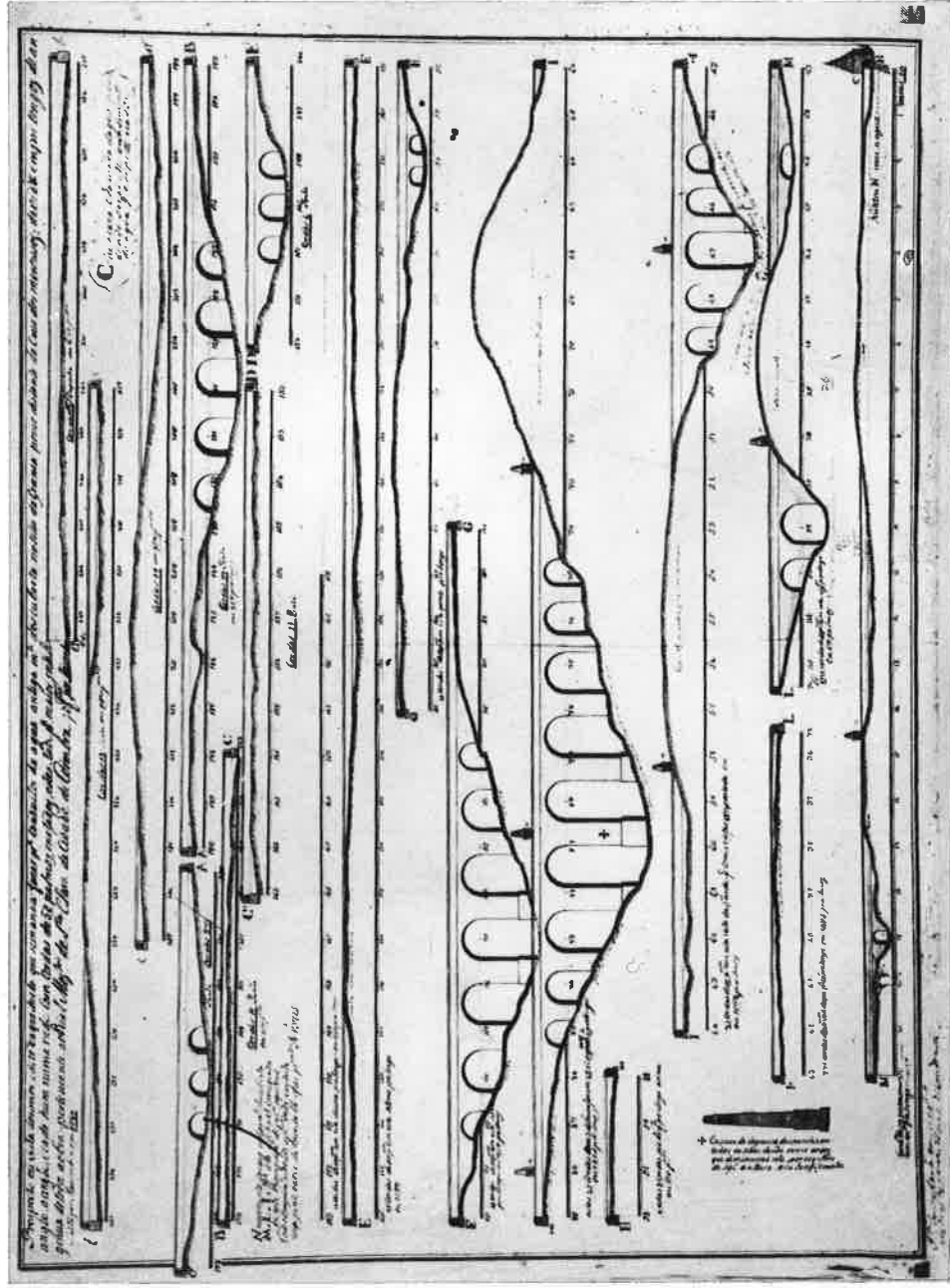
FOT. 11 — PLANTA DO OBSERVATÓRIO INTERINO.
B.G.U.C. Ms. 3179, 13.



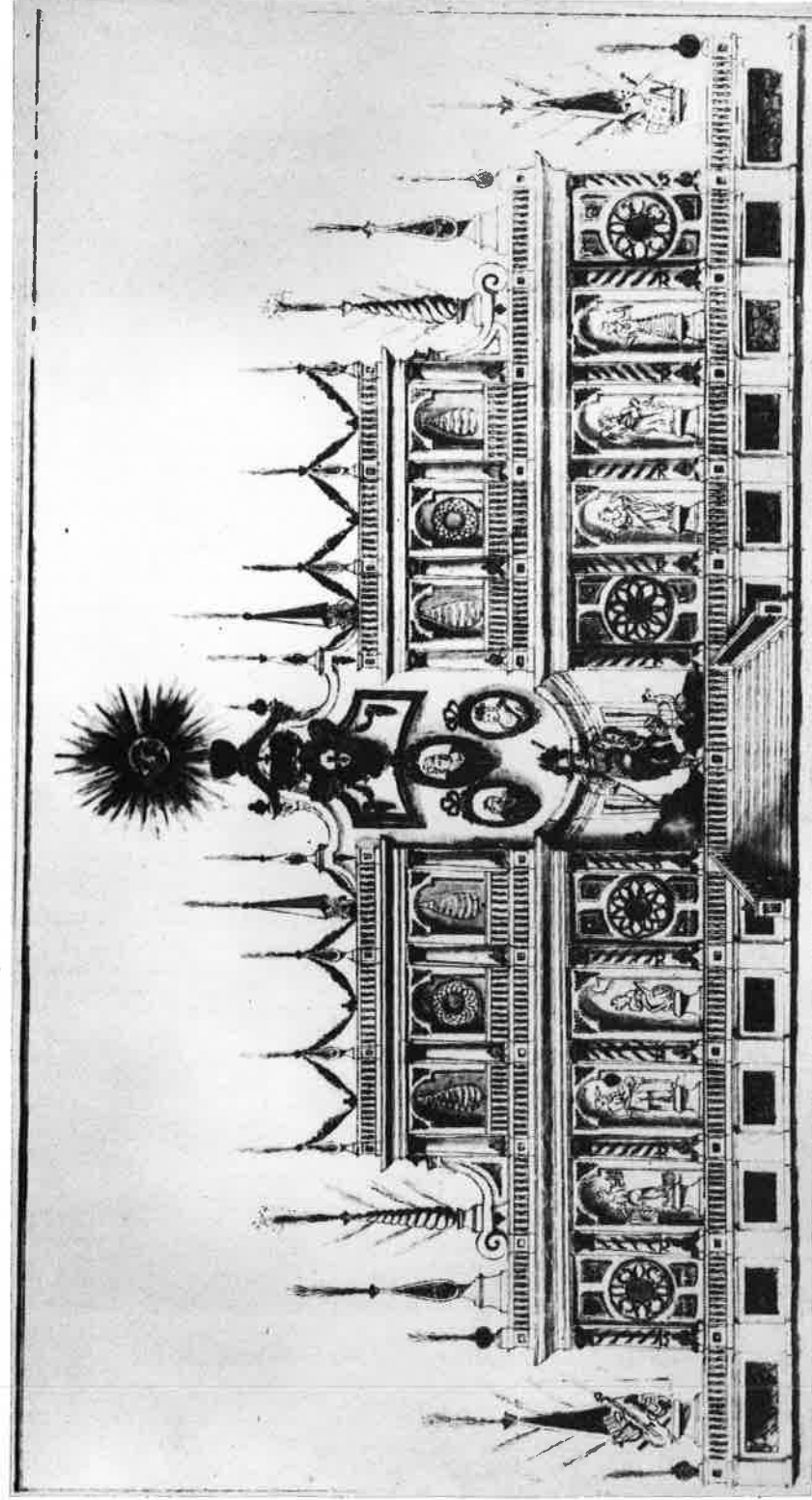
FOT. 12 — ESTUFAS PARA O JARDIM BOTÂNICO DA UNIVERSIDADE.
Museu Nacional de Machado de Castro.



FOT. 13 — PLANTA DO HOSPITAL DE S. LÁZARO.
B.G.U.C. Ms. 3180, 12.



FOT. 16 AQUEDUTO DE SANTA CLARA.
B.G.U.C. Ms. 3180, 18.



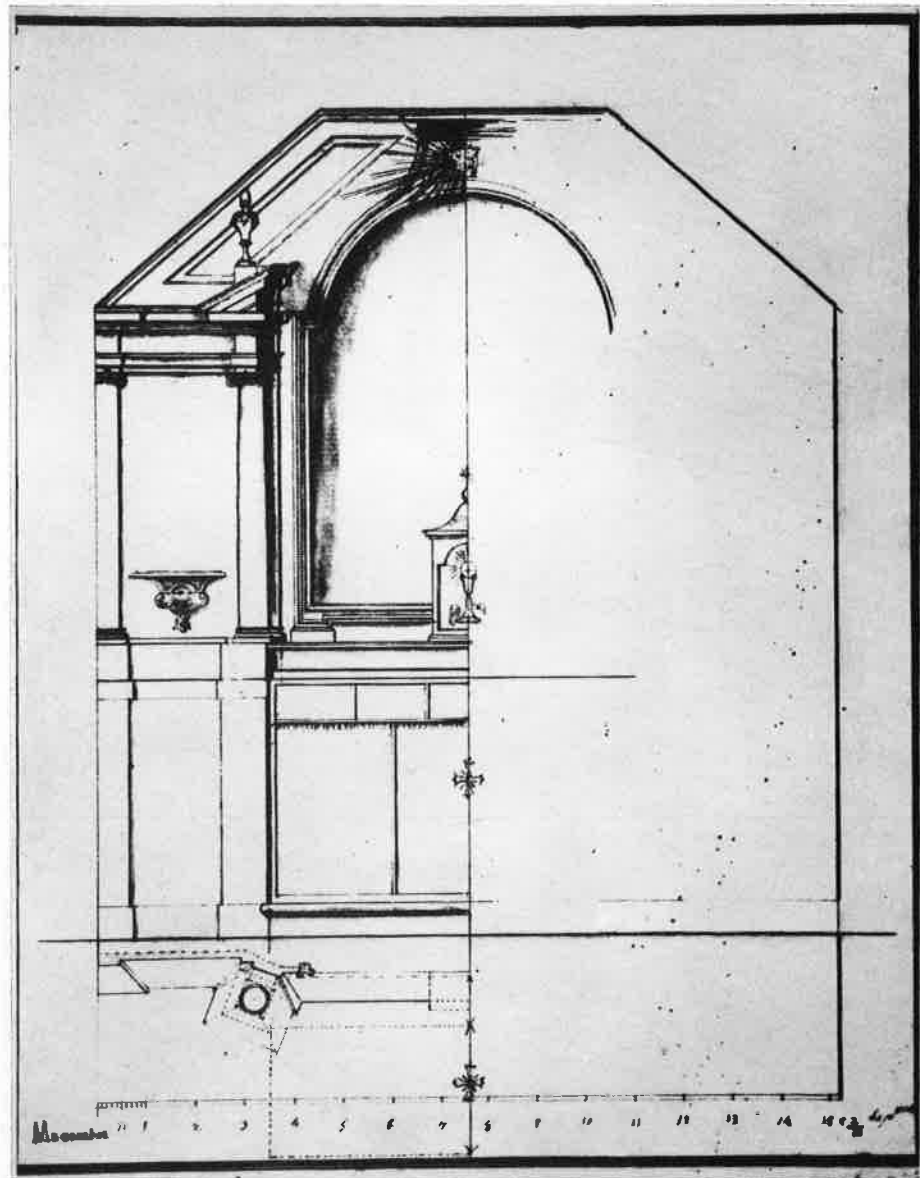
FOT. 17 — MONUMENTO COMEMORATIVO DO NASCIMENTO DA PRINCESA D. MARIA.
B.G.U.C. Ms. 3180, 36.



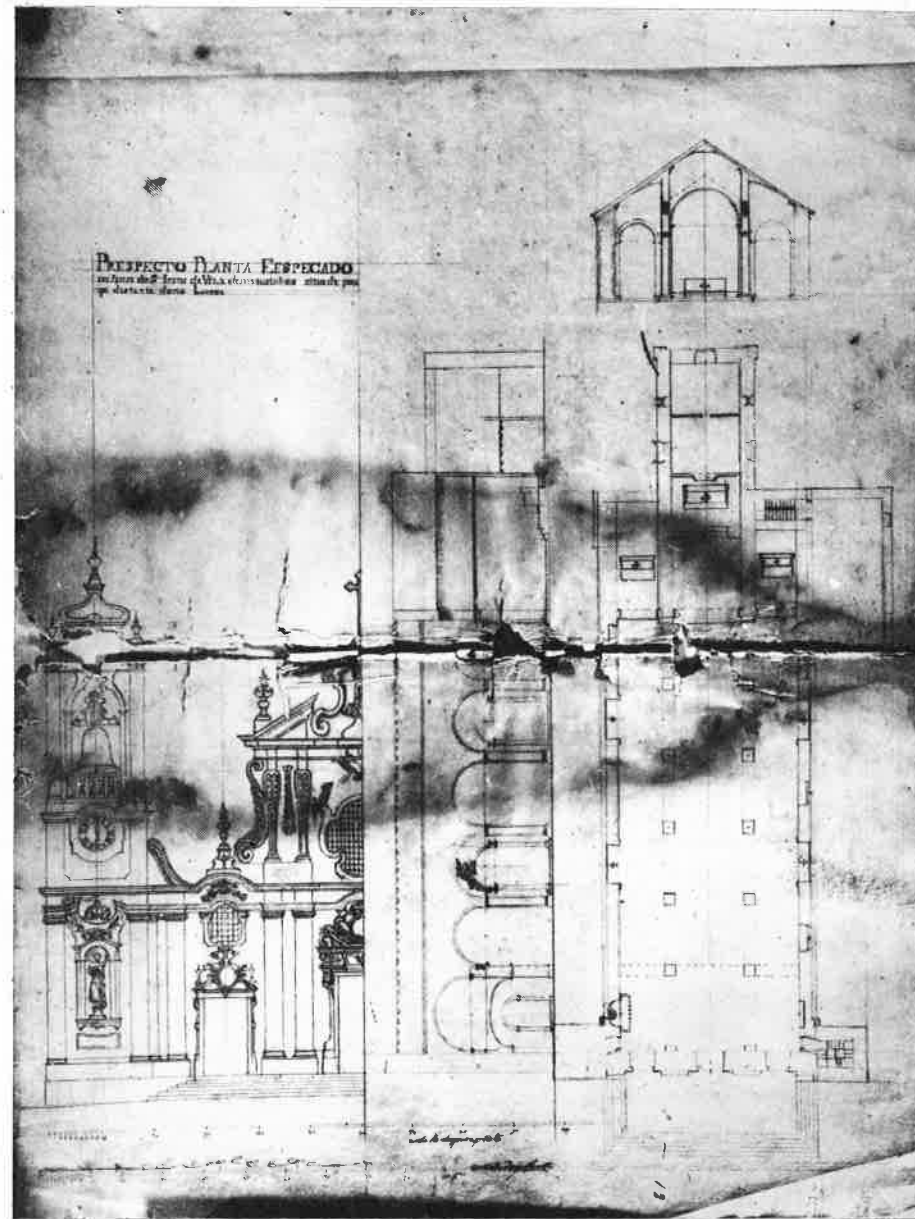
FOT. 18 — RETÁBULO DA IGREJA DE S. JULIÃO — FIGUEIRA DA FOZ.



FOT. 19 — RETÁBULO DA IGREJA DE ASSAFARGE



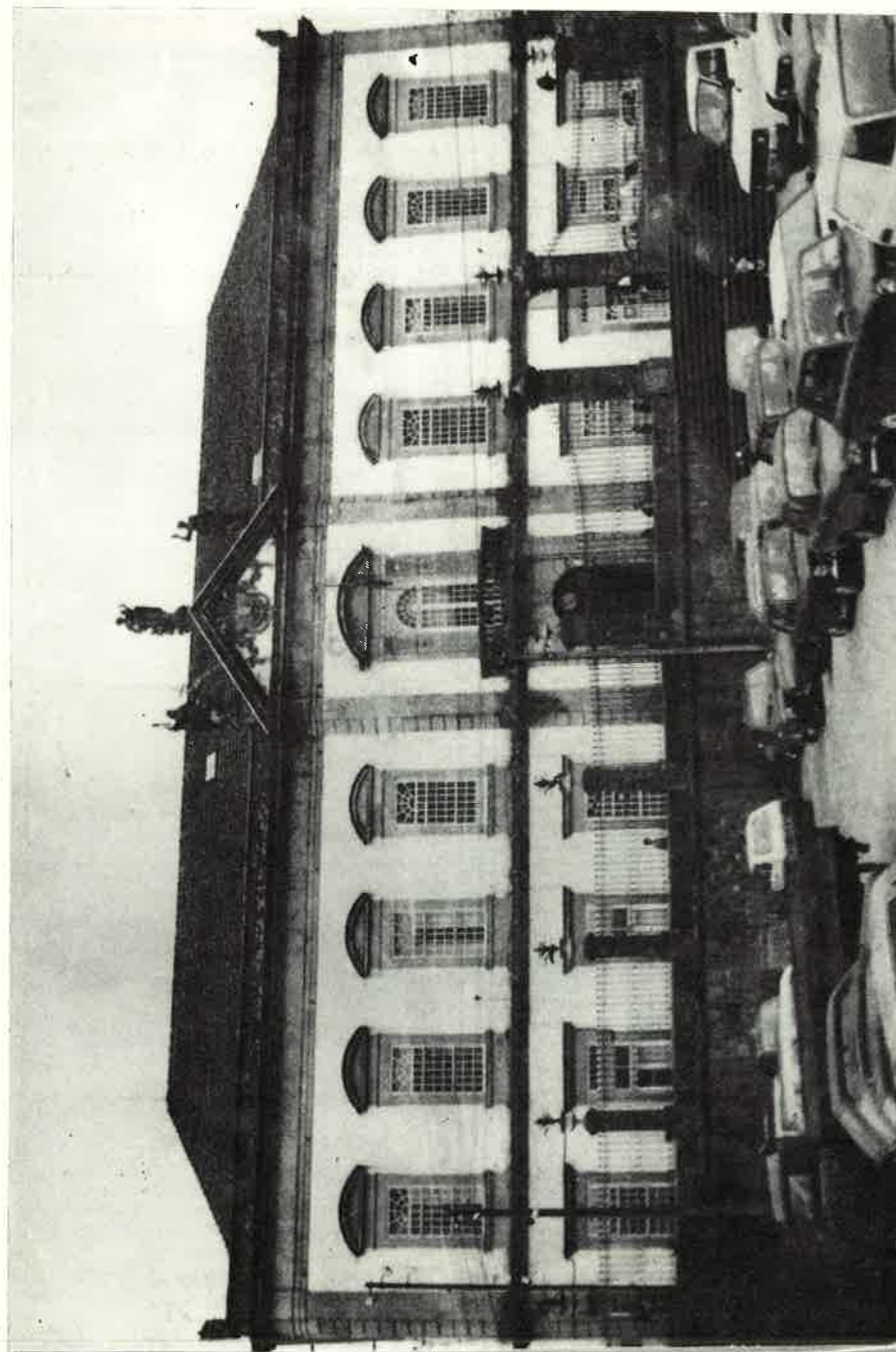
FOT. 20 — DESENHO DE RETÁBULO DE ALTAR COM SACRÁRIO.
Museu Nacional de Machado de Castro.



FOT. 21 — IGREJA DE MATOSINHOS.
A.U.C. — Plantas de Igrejas da Universidade, Dep. IV, Sec. 3.ª, Gav. 33.



FOT. 22 — IGREJA DE N. S.ª DA ASSUNÇÃO — ENXARA DO BISPO.



FOT. 23 — HOSPITAL DA MISERICÓRDIA DE VISEU.

Compêndio Histórico do Estado da Universidade (1771), Coimbra, 1972.

CORREIA, Vergílio, *Obras*, vol. I, Coimbra, 1946.

CORREIA, Vergílio e Gonçalves, António Nogueira, *Inventário Artístico de Portugal — Cidade de Coimbra*, Lisboa, 1947.

DIAS, Pedro, *Os Doutorais e o Cadeiral da Capela da Universidade de Coimbra*, «Mundo da Arte», n.º 14, Coimbra, 1983.

Estatutos da Universidade de Coimbra (1772), 3 vols., Coimbra, 1972.

GOMES, Joaquim Ferreira, *A Reforma Pombalina da Universidade (Nótula Comemorativa)*, «Revista Portuguesa de Pedagogia», Coimbra, 1972, sep.

Riscos das Obras da Universidade de Coimbra, Museu Nacional de Machado de Castro, Coimbra, 1983.

VITERBO, Sousa, *Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes ou a Serviço de Portugal*, vol. II, Imprensa Nacional, Lisboa, 1904.

ÍNDICE

| | Págs. |
|---|-------|
| NOTA PRÉVIA | 7 |
| CAPÍTULO I | |
| MANUEL ALVES MACOMBOA E AS OBRAS DA REFORMA POMBALINA | 11 |
| 1 — O PAÇO DAS ESCOLAS | 12 |
| 2 — O ANTIGO COMPLEXO COLEGIAL DA COMPANHIA DE JESUS | 21 |
| 3 — O OBSERVATÓRIO ASTRONÓMICO | 26 |
| 4 — A IMPRENSA DA UNIVERSIDADE | 29 |
| 5 — O JARDIM BOTÂNICO | 31 |
| CAPÍTULO II | |
| OBRAS DE MANUEL ALVES MACOMBOA POSTERIORES À REFORMA POMBALINA. | 39 |
| 1 — EDIFÍCIOS DE HABITAÇÃO EM COIMBRA | 39 |
| 2 — OS AÇOUGUES DA UNIVERSIDADE | 41 |
| 3 — O HOSPITAL DE S. LÁZARO DE COIMBRA | 42 |
| 4 — A IGREJA DE S. BARTOLOMEU DE COIMBRA | 42 |
| 5 — O AQUEDUTO DE S. SEBASTIÃO DE COIMBRA | 42 |
| 6 — O AQUEDUTO DO MOSTEIRO DE SANTA CLARA DE COIMBRA | 43 |
| CAPÍTULO III | |
| AS OBRAS DE CARPINTARIA DE MANUEL ALVES MACOMBOA | 45 |
| CAPÍTULO IV | |
| OBRAS DE MANUEL ALVES MACOMBOA NOS EDIFÍCIOS PERTENCENTES AO PADROADO DA UNIVERSIDADE | 47 |
| CAPÍTULO V | |
| OBRAS DE MANUEL ALVES MACOMBOA EM EDIFÍCIOS DAS BEIRAS | 51 |
| CONCLUSÃO | 53 |
| DOCUMENTOS | 57 |
| BIBLIOGRAFIA | 155 |

